J.R.R. TOLKIEN

FERREIRO DE BOSQUE GRANDE

Editado por VERLYN FLIEGER

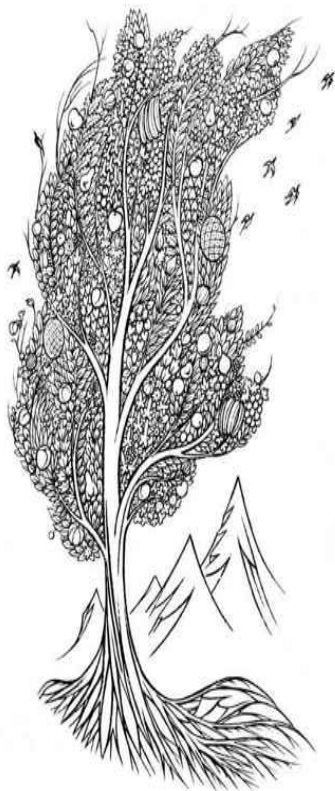
Ferreiro de
Bosque Grande
EDIÇÃO AMPLIADA

J. R. R. Tolkien

Editado por Verlyn Flieger

Tradução

RONALD EDUARD KYRMSE

Membro da Tolkien Society e do grupo linguístico “Quendily”

SÃO PAULO 2015

Índice

Prefácio

"NÃO LEIA ISTO! Ainda não."

Foi com essa admoestação inequívoca que J. R. R. Tolkien iniciou sua apresentação, jamais concluída, para uma edição de *The Golden Key* [A chave dourada], de George MacDonald. A frase em destaque, no topo da página, dirigia-se a um leitor infantil, como deixa claro o restante da apresentação, bastante brincalhona (cuja transcrição está incluída neste volume). Ainda assim, dirigindo-se ao leitor infantil ou ao leitor adulto, Tolkien disse o que pretendia dizer.

Ele tinha a firme convicção de que apresentações editoriais eram uma intrusão desnecessária, pois inevitavelmente se interpunham entre a história e o leitor e influenciavam a primeira impressão que se tinha dela. Na visão de Tolkien, o leitor e a história deveriam, antes de tudo, encontrar-se face a face, sem intermediários. Ninguém deveria interpretar ou dizer ao leitor sobre o que era a história ou o que pensar dela. A "apresentação" correta, escreveu Tolkien, deveria ser simplesmente: "Leitor, apresento-lhe *The Golden Key*." Era tão forte a sua convicção a esse respeito que ele abandonou a escrita da apresentação da história de MacDonald e começou a escrever uma história própria, o livro que está em suas mãos, *Ferreiro de Bosque Grande*.

Há muito a dizer a respeito de *Ferreiro de Bosque Grande*, até mesmo pelo próprio autor, mas isso pode ser adiado em favor da história. Seguindo a instrução de Tolkien, a apresentação desta edição aparece após a história, como parte dos materiais finais. Não a leia antes de ter lido e apreciado a história. Em vez disso:

Leitor, apresento-lhe o *Ferreiro de Bosque Grande*.

VERLYN FLIEGER

Ferreiro de Bosque Grande

Era uma vez uma aldeia, não faz muito tempo para quem tem memória comprida, nem muito longe para quem tem pernas compridas. Bosque Grande ela se chamava, porque era maior que Bosque Pequeno, a algumas milhas de distância, na profundeza das árvores. No entanto, não era muito grande, apesar de naquela época ser próspera, e vivia nela um razoável número de pessoas, boas, más e mistas, como é normal.

Era uma aldeia notável à sua maneira, bastante conhecida na região ao redor pela habilidade de seus artesãos em vários ofícios, porém, mais que tudo, por sua culinária. Tinha uma grande Cozinha, que pertencia ao Conselho da Aldeia, e o Mestre-Cuca era uma pessoa importante. A Casa do Cuca e a Cozinha ficavam junto ao Grande Salão, a maior e mais antiga construção do lugar, além de ser a mais bela. Era construída de boa pedra e bom carvalho, e bem cuidada, apesar de não estar mais pintada ou dourada como fora outrora. No Salão, os aldeões faziam suas reuniões e seus debates, e seus banquetes públicos, e seus encontros de família. Portanto, o Cuca mantinha-se ocupado, visto que para todas essas ocasiões ele tinha de fornecer a comida adequada. Para os festivais, que eram muitos ao longo do ano, a comida que se considerava adequada era a abundante e saborosa. Havia um festival que todos aguardavam com ansiedade, pois era o único celebrado no inverno. Durava uma semana, e no último dia, ao pôr do sol, realizava-se uma festividade chamada Banquete das Boas Crianças, em que não eram muitos os convidados. Sem dúvida, alguns que mereciam o convite eram esquecidos, e alguns que não o mereciam eram convidados por engano, pois é assim que são as coisas, não importa quanto possam tentar ser cautelosos os que organizam tais eventos. Seja como for, era principalmente o dia de nascimento que habilitava uma criança a participar do Banquete dos Vinte e Quatro, uma vez que ele só era celebrado a cada vinte e quatro anos, e só vinte e quatro crianças eram convidadas. Nessa ocasião, esperava-se que o Mestre-Cuca desse o melhor de si, e, além de muitas outras coisas boas, ele costumava fazer o Grande Bolo. Era sobretudo pela excelência (ou não) deste que seu nome era lembrado, pois um Mestre-Cuca muito raramente durava o bastante no cargo para fazer um segundo Grande Bolo.

Chegou uma época, porém, em que o Mestre-Cuca reinante — para surpresa de todos, já que isso nunca acontecera antes — anunciou de repente que precisava de férias; e foi embora, ninguém sabia para onde; e, quando voltou alguns meses depois, parecia um tanto mudado.

Antes era um homem bondoso, que gostava de ver as outras pessoas se divertirem, embora ele próprio fosse sério e falasse bem pouco. Agora estava mais jovial e frequentemente dizia e fazia coisas bem engraçadas; e, nos banquetes, cantava alegres canções, o que não se esperava de Mestres-Cucas. Também trouxe consigo um Aprendiz, e isso espantou a aldeia.

Não era de espantar que um Mestre-Cuca tivesse um aprendiz. Era normal. O Mestre escolhia um no devido tempo e lhe ensinava tudo o que podia. E, à medida que ambos envelheciam, o aprendiz assumia a maior parte do trabalho importante, de modo que, quando o Mestre se aposentava ou morria, lá estava ele, pronto a assumir o cargo e se tornar Mestre-Cuca. No entanto, esse Mestre jamais escolhera um aprendiz. Sempre dissera "Ainda há muito tempo" ou "Estou de olhos abertos e vou escolher um quando achar um que me sirva". Agora, contudo, trazia consigo um simples menino, e não da aldeia. Era mais ágil que os rapazes de Bosque, e mais rápido, de fala mansa e muito educado, porém jovem demais para o trabalho, praticamente um adolescente, ao que parecia. Ainda assim, escolher um aprendiz era assunto do Mestre-Cuca, e ninguém tinha o direito de interferir. Portanto, o menino ficou e foi hospedado na Casa do Cuca até ter idade suficiente para encontrar o próprio alojamento. Logo as pessoas se acostumaram a vê-lo por ali, e ele fez alguns amigos. Estes e o Cuca o chamavam de Alf, mas para os demais ele era apenas Novato.

A próxima surpresa veio apenas três anos depois. Certa manhã de primavera, o Mestre-Cuca tirou o alto chapéu branco, dobrou os aventais limpos, dependurou o dólmã branco, pegou um sólido cajado de freixo e um pequeno saco e partiu. Antes, despediu-se do aprendiz. Não havia mais ninguém por perto.

— Adeus por ora, Alf — disse ele. — Deixo-o para conduzir as coisas do melhor modo que puder, que é sempre muito bom. Desejo que tudo dê certo. Se nos encontrarmos de novo, espero que você me conte tudo o que aconteceu. Diga-lhes que saí de férias novamente, mas que desta vez não vou voltar.

Houve grande comoção na aldeia quando Novato deu esse recado às pessoas que iam à Cozinha.

— Que coisa para se fazer! — diziam. — E sem aviso nem adeus! O que faremos sem Mestre-Cuca? Ele não deixou ninguém para ocupar seu lugar.

Em todas as suas conversas, ninguém jamais pensou em fazer do jovem Novato um Cuca. Ele crescera um pouco em estatura, mas ainda parecia um menino, e só trabalhara por três anos.

Por fim, à falta de pessoa melhor, nomearam um homem da aldeia que sabia cozinhar o trivial bastante bem. Jovem, tinha auxiliado o Mestre quando havia muito trabalho, mas o Mestre nunca se afeiçoara a ele e não o queria como aprendiz. Era agora um homem sério, com mulher e filhos, e cauteloso com o dinheiro.

— Pelo menos não vai partir sem avisar — diziam –, e uma comida ruim é melhor do que nada. Faltam sete anos para o próximo Grande Bolo, e nessa época ele deverá ser capaz de fazê-lo.

Noques, este era seu nome, ficou muito contente com o rumo que as coisas tomaram. Sempre desejara tornar-se Mestre-Cuca e jamais duvidara de que conseguiria. Durante algum tempo, quando estava sozinho na Cozinha, costumava envergar o alto chapéu branco, mirar-se em uma frigideira polida e dizer:

— Como vai, Mestre? Esse chapéu lhe cai muito bem, poderia ter sido feito para você. Espero que tudo lhe corra bem.

Tudo correu muito bem, pois no começo Noques deu o melhor de si e tinha Novato para ajudá-lo. Na verdade, aprendeu muita coisa com ele, observando-o furtivamente, porém sem jamais admitir. Entretanto, no devido tempo, a época do Banquete dos Vinte e Quatro se aproximou, e Noques precisava pensar em como fazer o Grande Bolo. Secretamente, estava preocupado, porque, apesar de conseguir, com sete anos de prática, produzir bolos e outros doces razoáveis para ocasiões comuns, sabia que seu Grande Bolo seria esperado com ansiedade e teria de agradar a críticos severos, não somente às crianças. Um bolo menor, de ingredientes e preparo iguais, deveria ser oferecido àqueles que ajudassem no banquete. Esperava-se também que o Grande Bolo tivesse algo inusitado e surpreendente e não fosse mera repetição do anterior.

Em sua opinião, o principal era que o bolo precisaria ser muito doce e saboroso, e ele decidiu que seria todo coberto de glacê de açúcar (no que Novato era habilidoso). “Isso o deixará lindo, coisa de fada”, pensou. Fadas e doces eram

duas das bem poucas noções que ele tinha sobre o gosto das crianças. As fadas, pensava, eram esquecidas com a idade, mas os doces ele ainda apreciava muito.

— Ah! Coisa de fada! — exclamou. — Isso me dá uma ideia.

E assim meteu na cabeça que espetaria uma bonequinha em um pináculo no meio do Bolo, toda vestida de branco, segurando uma varinha de condão terminada em uma estrela de ouropel, e escreveria *Fada Rainha* com glacê cor-de-rosa a seus pés.

Contudo, quando começou a separar os ingredientes para preparar o bolo, descobriu que só tinha vagas lembranças do que deveria ir *dentro* de um Grande Bolo. Por isso, consultou alguns velhos livros de receitas deixados por cucas anteriores. Eles o deixaram perplexo, mesmo quando conseguia decifrar a caligrafia, porque mencionavam muitas coisas das quais nunca ouvira falar e algumas que esquecera e agora não tinha tempo de conseguir, mas pensou em experimentar uma ou duas das especiarias de que os livros falavam. Coçou a cabeça e se lembrou de uma velha caixa preta, com vários compartimentos diferentes, na qual o último Cuca guardava especiarias e outras coisas para bolos especiais. Ele não a via desde que tinha assumido o cargo, porém depois de uma busca encontrou-a em uma prateleira alta do depósito.

Retirou-a dali e soprou a poeira da tampa, mas, quando abriu a caixa, descobriu que restava muito pouco das especiarias, e que elas estavam secas e mofadas. Entretanto, em um compartimento no canto, descobriu uma estrelinha, quase do tamanho de uma moeda de seis *pence*[*], de aspecto enegrecido, como se fosse feita de prata, só que oxidada.

— É engraçada! — disse, erguendo-a contra a luz.

— Não é, não! — exclamou uma voz atrás dele, tão subitamente que ele deu um pulo. Era a voz de Novato, e ele jamais falara com o Mestre naquele tom. Na verdade, raramente falava com Noques se este não lhe dirigisse a palavra antes. Muito certo e apropriado para um jovem. Podia ser hábil com o glacê, mas ainda tinha muito que aprender: essa era a opinião de Noques.

— O que quer dizer, rapazinho? — perguntou, não muito contente. — Se não é engraçada, o que é?

— É fádica — explicou Novato. — Vem da Terra-Fada.

O Cuca então riu.

— Certo, certo — disse. — Isso quer dizer quase a mesma coisa. Mas chame-a assim se quiser. Um dia você vai crescer. Agora pode continuar descaroçando as passas. Se perceber alguma fádica engraçada, me avise.

— O que vai fazer com a estrela, Mestre? — quis saber Novato.

— Colocá-la no Bolo, é claro — respondeu o Cuca. — É perfeita para isso, especialmente se for fádica. — Deu uma risadinha. — Imagino que você mesmo já foi a festas de criança, e nem faz tanto tempo assim, em que pequenas miudezas desse tipo foram acrescentadas à mistura, além de moedinhas e coisas assim. Enfim, é o que fazemos nesta aldeia: isso diverte as crianças.

— Mas isso não é miudeza, Mestre, é uma estrela-fada insistiu Novato.

— Isso você já disse — replicou o Cuca com rispidez.

— Muito bem, vou contar às crianças. Isso as fará rir.

— Não acho que fará, Mestre. Mas é a coisa certa a fazer, muito certa — opinou Novato.

— Com quem você acha que está falando? — disse Noques.

Por fim o Bolo foi feito, assado e decorado, principalmente por Novato.

— Já que está tão obcecado por fadas, vou deixar você fazer a Fada Rainha — falou Noques.

— Muito bem, Mestre. Vou fazer isso se você estiver muito ocupado. Mas foi ideia sua, não minha — respondeu.

— É minha função ter ideias, não sua — encerrou Noques.

No Banquete, o Bolo foi colocado no meio da mesa comprida, dentro de um anel de vinte e quatro velas vermelhas. Seu topo se erguia em uma pequena montanha branca, em cujos flancos cresciam pequenas árvores brilhando como de geada; no pico, uma minúscula figura branca, parada em um pé como uma donzela da neve dançando, segurava na mão uma minúscula varinha de condão de gelo, faiscante de luz.

As crianças a fitavam com olhos bem abertos, e uma ou duas delas bateram palmas, exclamando:

— Não é bonita, coisa de fada?!

Isso encantou o Cuca, mas o aprendiz parecia aborrecido. Ambos estavam presentes: o Mestre para repartir o Bolo quando chegasse a hora, e o aprendiz para afiar a faca e entregá-la a ele.

Por fim o Cuca tomou a faca, deu um passo em direção à mesa e falou:

— Preciso dizer-lhes, queridos, que embaixo desse lindo glacê há um bolo feito de muitas coisas boas de comer. Mas há também, bem misturadas lá dentro, diversas coisinhas bonitas, miudezas e moedinhas e que tais, e dizem que dá sorte encontrar uma em sua fatia. Há vinte e quatro no Bolo, de modo que deve haver uma para cada um de vocês, se a Fada Rainha jogar limpo. Mas nem sempre ela faz isso: é uma criaturinha malandra. Perguntem ao Sr. Novato.

O aprendiz deu-lhe as costas e concentrou-se no rosto das crianças.

— Não! Quase me esquecia — continuou o Cuca. — Esta noite há vinte e cinco. Há também uma estrelinha de prata, especial e mágica, é o que diz o Sr. Novato. Portanto, tomem cuidado! Se quebrarem com ela um de seus belos dentes da frente, a estrela mágica não vai consertar. Mas acho que encontrá-la signifique uma sorte especial.

O bolo estava bom, e ninguém encontrou nenhum defeito nele, exceto pelo fato de que não era maior que o necessário. Quando estava todo dividido, havia

uma grande fatia para cada criança, mas nenhuma sobra: ninguém podia repetir. As fatias logo sumiram, e de tempos em tempos era descoberta uma miudeza ou uma moeda. Alguns acharam uma, outros acharam duas, e vários não acharam nada, pois é assim que funciona a sorte, exista uma boneca com vara de condão sobre o bolo ou não. Mas, depois de o Bolo ter sido comido inteiro, não havia sinal de nenhuma estrela mágica.

— Ora, vejam! — disse o Cuca. — Então não devia ser feita de prata, afinal, deve ter derretido. Ou quem sabe o Sr. Novato tinha razão, e ela era realmente mágica e simplesmente desapareceu e voltou à Terra-Fada. Não é uma bela peça para se pregar, acho que não. — Encarou Novato com um sorrisinho, e o aprendiz o encarou com um olhar sombrio e não esboçou nenhum sorriso.

Mesmo assim, a estrela de prata era de fato uma estrela-fada: o aprendiz não era pessoa de se enganar com coisas desse tipo. O que aconteceu foi que um dos garotos do Banquete a engoliu sem perceber, apesar de ter encontrado uma moeda de prata em sua fatia de bolo e de tê-la dado a Nell, a garotinha a seu lado: ela parecia muito desapontada por não achar nada de sorte em sua fatia. Às vezes ele se perguntava o que realmente acontecera com a estrela, sem saber que ela ficara com ele, escondida em algum lugar onde não podia senti-la; pois era assim que devia ser. Ela ficou esperando ali durante muito tempo, até que seu dia chegou.

O Banquete fora no meio do inverno, mas agora era junho, e à noite mal escurecia. O menino levantou-se antes do alvorecer, pois não desejava dormir: era seu aniversário de dez anos. Olhou pela janela, e o mundo parecia quieto e esperançoso. Uma brisa fraca, fresca e fragrante agitava as árvores que despertavam. Então chegou a aurora, e bem longe ele ouviu que começava a canção do amanhecer dos pássaros, a qual crescia à medida que se aproximava, até que se precipitou por cima dele, enchendo toda a terra em torno da casa, e prosseguiu para o oeste como uma onda de música, enquanto o sol se erguia sobre a beira do mundo.

— Isso me lembra a Terra-Fada — pensou –, mas na Terra-Fada as pessoas também cantam. — Então começou a cantar, em alto e bom som, usando palavras estranhas que parecia saber de cor; e nesse momento a estrela caiu da sua boca, e ele a apanhou na mão aberta. Agora era de prata brilhante, cintilando à luz do sol, porém palpitava e se ergueu um pouco, como se estivesse prestes a

fugir voando. Sem pensar, ele bateu a mão na cabeça, e lá ficou a estrela no meio da testa, durante muitos anos.

Pouca gente da aldeia percebeu a estrela, apesar de ela não ser invisível a olhos atentos. No entanto, ela se tornou parte de seu rosto e normalmente não brilhava nem um pouco. Parte de sua luz passou para os olhos dele; e sua voz, que começara a se tornar bela assim que a estrela veio ter com ele, ficava ainda mais bela à medida que ele crescia. Gostavam de ouvi-lo falar, nem que fosse somente um “bom dia”.

Ele se tornou bem conhecido na região, não só em sua aldeia, mas em muitas outras da redondeza, por sua grande habilidade. Seu pai era ferreiro, e ele seguiu seu ofício e o aperfeiçoou. Era chamado Filho do Ferreiro enquanto o pai ainda vivia e depois apenas Ferreiro. Pois àquela época ele era o melhor ferreiro entre a Vila Longe-Leste e a Floresta Poente, capaz de fazer toda espécie de objetos de ferro em sua forja. A maioria deles, claro, era simples e útil, destinada às necessidades diárias: instrumentos agrícolas, instrumentos de carpinteiro, instrumentos de cozinha, panelas e frigideiras, barras e ferrolhos e dobradiças, ganchos de panela, suportes de lenha e ferraduras, coisas assim. Eram fortes e duradouros, mas também exibiam certa graça, pois eram bonitos, bons de manusear e de olhar.

No entanto, quando tinha tempo, ele fazia alguns objetos por deleite. E eram belos, pois sabia trabalhar o ferro em formas maravilhosas, que pareciam tão leves e delicadas como uma ramagem de folhas e flores, mas retinham a inflexível resistência do ferro ou pareciam mais fortes ainda. Eram poucos os que passavam por um dos portões ou gradis que ele fazia sem parar para admirá-lo. Ninguém conseguia atravessá-lo depois de fechado. Ferreiro cantava quando estava fazendo objetos desse tipo, e, quando começava a cantar, os que estavam em torno interrompiam o trabalho e iam até a forja para escutar.

Era só isso que a maioria das pessoas sabiam dele. Na verdade, era o bastante, e mais do que alcançava a maioria dos homens e das mulheres da aldeia, mesmo os que eram habilidosos e trabalhadores. Contudo, havia mais para saber. Pois Ferreiro familiarizou-se com a Terra-Fada, e conhecia tão bem algumas de suas regiões quanto um mortal é capaz. Porém, já que muita gente se tornara como Noques, ele falava disso com poucos, apenas com a esposa e os filhos. Sua esposa era Nell, a quem ele dera a moeda de prata, e sua filha era Nan, e seu filho era Ned Filho do Ferreiro. De todo modo, deles não podia tê-lo escondido,

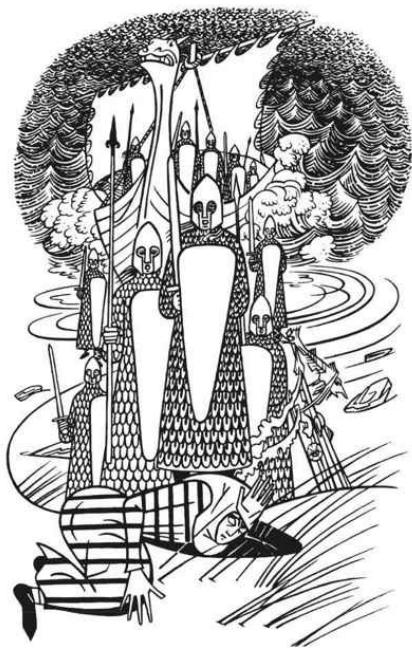
pois às vezes eles viam a estrela brilhando em sua testa, quando voltava de alguma das longas caminhadas que fazia sozinho, vez por outra à tardinha, ou quando retornava de uma viagem.

De tempos em tempos ele partia, às vezes a pé, outras vezes a cavalo, e em geral supunha-se que era a negócios; e às vezes era, outras vezes não era. Seja como for, não era para receber encomendas de trabalho ou para comprar ferro-gusa e carvão e outros suprimentos, apesar de tratar dessas coisas com cuidado e saber como ganhar um dinheirinho honestamente. No entanto, tinha seus próprios afazeres na Terra-Fada, e lá era bem-vindo, porque a estrela brilhava forte em sua testa, e ele estava tão seguro quanto pode sentir-se um mortal naquele perigoso país. Os Males Menores evitavam a estrela, e dos Males Maiores ele estava protegido.

Por isso era grato, pois logo se tornou sábio e compreendeu que as maravilhas da Terra-Fada não podem ser alcançadas sem risco e que muitos Males não podem ser desafiados sem armas cujo poder é grande demais para um mortal empunhá-las. Continuou sendo aluno e explorador, não guerreiro. E, embora com o tempo tenha aprendido a forjar armas que em seu mundo teriam poder suficiente para render assunto de grandes contos e valer o resgate de um rei, ele sabia que na Terra-Fada elas teriam pouca importância. Portanto, entre todos os objetos que fez, não se recorda de alguma vez ter forjado uma espada, uma lança ou uma ponta de flecha.

Na Terra-Fada, de início, ele geralmente caminhava em silêncio entre a gente menor e as criaturas mais mansas, nos bosques e prados de lindos vales, e junto às águas claras, onde à noite brilhavam estranhas estrelas e na alvorada se espelhavam os reluzentes picos de montanhas longínquas. Em algumas das visitas mais breves, ele passava contemplando somente uma árvore ou uma flor; porém, mais tarde, em jornadas mais longas, vira coisas belas e coisas terríveis,

de que não conseguia lembrar-se claramente nem relatar aos amigos, apesar de saber que elas residiam no fundo de seu coração. No entanto, algumas coisas ele não esqueceu, e elas permaneceram em sua mente como maravilhas e mistérios que ele recordava com frequência.

Quando começou a caminhar longe, sem guia, pensou que descobriria os limites longínquos da terra, mas grandes montanhas se erguiam diante dele, e, rodeando-as por longos caminhos, ele chegou por fim a uma costa desolada. Postou-se junto ao Mar da Tormenta Sem Vento, onde as ondas azuis, semelhantes a colinas recobertas de neve, rolam silenciosas desde a Não Luz até a longa praia, trazendo as brancas naus que retornam de batalhas nos Escuros Confins, sobre os quais os homens nada sabem. Viu uma grande embarcação ser arremessada sobre a terra e as águas refluindo em espuma sem produzir ruído algum. Os marinheiros élficos eram altos e terríveis. Suas espadas reluziam e suas lanças brilhavam, e havia em seus olhos uma luz penetrante. De súbito ergueram a voz em um canto de triunfo, com o que seu coração estremeceu de medo, e ele caiu prostrado ao chão. Os marinheiros passaram sobre ele e partiram rumo às colinas ressoantes.

Depois disso, não foi mais àquela praia, acreditando que estava em uma região ilhoa sitiada pelo mar, e voltou sua mente para as montanhas, desejando alcançar o coração do reino. Certa vez, nessas andanças, foi surpreendido por uma névoa cinzenta, e por muito tempo vagou sem rumo, até que a névoa rolou para longe e ele descobriu que estava em uma ampla planície. Bem ao longe havia uma

grande colina de sombra, e dessa sombra, que era sua raiz, ele viu erguer-se a Árvore do Rei, torre sobre torre, até o céu. Sua luz era como o sol do meio-dia, e ela produzia ao mesmo tempo folhas, flores e frutas incontáveis, e nenhuma era igual a qualquer outra que crescesse na Árvore.

Nunca mais viu aquela Árvore, apesar de muitas vezes buscá-la. Em uma de suas jornadas, escalando as Montanhas Exteriores, chegou a um profundo vale no meio delas. Na parte mais baixa havia um lago, calmo e sereno, embora uma brisa agitasse as matas que o cercavam. Nesse vale, a luz era como um pôr do sol vermelho, mas a luz nascia do lago. De um pequeno penhasco que se projetava acima da água, ele olhou para baixo, e parecia que podia enxergar a uma imensurável profundidade. Ali contemplou estranhas formas de chama, dobrando-se, bifurcando-se e oscilando como grandes algas em um abismo marinho, e criaturas de fogo que iam e vinham entre elas. Tomado de espanto, desceu à beira da água e experimentou-a com o pé, mas não era água: era mais dura que pedra e mais escorregadia que vidro. Pisou nela e caiu pesadamente, e um estrondo ressoante correu pelo lago e ecoou de suas margens.

De pronto a brisa cresceu e se tornou um Vento Selvagem, rugindo como uma grande fera, e o varreu e o arremessou na margem, e impeliu-o encosta acima, fazendo-o rodopiar e cair como uma folha morta. Com os braços ele enlaçou o tronco de uma bétula jovem e se agarrou a ela, e o Vento combateu ferozmente com eles, tentando arrancá-lo. A bétula, porém, se dobrou até o chão com a rajada e o envolveu em seus ramos. Quando por fim o Vento passou, ele se ergueu e viu que a bétula estava nua. Fora despojada de todas as folhas e chorava, as lágrimas caindo de seus ramos como chuva. Ele pôs a mão na casca branca dizendo:

— Bendita seja a bétula! O que posso fazer para compensar ou agradecer?

Sentiu a resposta da árvore subindo por sua mão:

— Nada. Vá embora! O Vento está atrás de você. Seu lugar não é aqui. Vá embora e não volte nunca mais!

Ao escalar para fora daquele vale, sentiu as lágrimas da bétula escorrendo-lhe pelo rosto, e eram amargas em seus lábios. Seu coração estava entristecido quando tomou a longa estrada, e por algum tempo não voltou a entrar na Terra-Fada. No entanto, não podia abandoná-la, e, quando retornou, era ainda mais forte seu desejo de se embrenhar na terra.

Encontrou, por fim, uma estrada através das Montanhas Exteriores e prosseguiu até chegar às Montanhas Interiores. Elas eram altas, íngremes e assustadoras. Contudo, finalmente, deparou com uma passagem que conseguiu escalar. Certo dia, muito ousadamente, atravessou uma fenda estreita e baixou os olhos, embora não o soubesse, para o Vale de Sempre Manhã, onde o verde ultrapassa o verde dos prados da Terra-Fada Exterior tanto quanto estes ultrapassam os nossos na primavera. Ali o ar é tão límpido que os olhos conseguem divisar a língua vermelha dos pássaros cantando nas árvores do lado oposto do vale, apesar de este ser muito largo e os pássaros não serem maiores do que cambaxirras.

Na borda interna, as montanhas desciam em grandes encostas repletas do som de cachoeiras borbulhantes, e ele correu adiante, cheio de alegria. Ao pôr os pés na relva do Vale, ouviu vozes élficas cantando, e em um gramado junto a um rio reluzente de lírios topou com muitas donzelas dançando. A velocidade, a graça e os modos sempre cambiantes de seus movimentos encantaram-no, e ele deu um passo à frente rumo à roda. Elas então ficaram imóveis subitamente, e uma jovem donzela de cabelos esvoaçantes e saia pregueada foi ao seu encontro. Dirigiu-se a ele rindo:

— Você está ficando atrevido, Fronte Estrelada, não está? Não tem medo do que a Rainha poderia dizer se soubesse disso? A não ser que você tenha permissão dela.

Ele ficou constrangido, pois deu-se conta do próprio pensamento e soube que ela o lera: que a estrela em sua testa era um passaporte para ir aonde quisesse e agora sabia que não era. No entanto, ela sorriu ao falar outra vez:

— Venha! Agora que está aqui, há de dançar comigo e tomou-o pela mão e o conduziu para a roda.

Ali dançaram juntos, e por um tempo ele soube como era ter a agilidade, o poder e a alegria de acompanhá-la. Por um tempo. Porque logo, pareceu-lhe, pararam de novo, e ela se curvou e apanhou uma flor branca diante de seus pés e a pôs nos cabelos dele, dizendo:

— Agora, adeus! Quem sabe nos encontremos de novo, com a permissão da Rainha.

Nada recordou da viagem de volta daquele encontro até se ver cavalgando ao longo das estradas de seu país. E em algumas aldeias as pessoas o encaravam com assombro e o observavam até que desaparecesse de vista. Quando chegou à sua casa, a filha veio correndo e o saudou contente: ele retornara mais cedo do que o esperado, mas não cedo demais para os que o aguardavam.

— Papai! — exclamou ela. — Onde esteve? Sua estrela está brilhando intensamente!

Ao cruzar a soleira, a estrela turvou-se novamente, mas Nell o tomou pela mão e o levou até a lareira, e lá se voltou e olhou para ele.

— Querido Marido, onde esteve e o que viu? — perguntou. — Há uma flor em seus cabelos. — Tirou-a com cuidado da cabeça dele e depositou-a em sua mão. Parecia-se com algo visto a grande distância, embora estivesse ali. Da flor saía uma luz que produzia sombras nas paredes da sala, que agora escurecia com o entardecer. A sombra do homem diante da flor cresceu, e sua grande cabeça se curvou sobre ela.

— Você parece um gigante, Papai — disse o filho, que até então permanecera calado.

A flor não murchou nem se turvou, e guardaram-na como um segredo e um tesouro. O ferreiro fez-lhe um pequeno porta-joias com chave, e lá ela ficou e foi transmitida a muitas gerações de sua família. E os que herdavam a chave às vezes abriam o porta-joias e admiravam por muito tempo a Flor Vivente, até que a caixa se fechasse outra vez: a hora em que se fechava não lhes cabia escolher.

Os anos não pararam na aldeia. Muitos já haviam passado. No Banquete das Crianças em que o ferreiro recebera a estrela, ele ainda não completara dez anos. Depois veio outro Banquete dos Vinte e Quatro, e àquela altura Alf se tornara Mestre-Cuca e escolhera um novo aprendiz, Harpista. Doze anos mais tarde, o ferreiro retornara com a Flor Vivente. E agora estava prestes a acontecer outro Banquete dos Vinte e Quatro das Crianças, no próximo inverno. Certo dia, naquele ano, Ferreiro caminhava nos bosques da Terra-Fada Exterior. Era outono, havia folhas douradas nos ramos e folhas vermelhas no chão. Passadas vieram por trás, mas ele não lhes deu atenção nem se virou, pois estava mergulhado em seus pensamentos.

Naquela visita recebera uma intimação e fizera uma longa viagem. Pareceu-lhe mais longa que qualquer outra que já empreendera. Fora guiado e protegido, mas tinha pouca lembrança dos caminhos que seguira, pois muitas vezes tinha sido cegado pela névoa ou pela sombra, até finalmente chegar a um local elevado sob um céu noturno de incontáveis estrelas. Ali foi conduzido diante da própria Rainha. Ela não usava coroa nem tinha trono. Estava ali de pé, em sua majestade e glória, e em toda a sua volta havia um grande exército, tremeluzindo e resplandecendo como as estrelas. Mas ela era mais alta que a ponta de suas grandes lanças, e sobre sua cabeça ardia uma chama branca. Fez-lhe sinal que se

aproximasse, e estremecendo ele se adiantou. Soou uma trombeta forte e nítida, e, vejam só!, estavam sozinhos.

Ele se postou diante dela mas não se ajoelhou em reverência, pois estava aflito e sentia que para alguém tão humilde todos os gestos seriam em vão. Por fim ergueu os olhos e contemplou seu rosto, e os olhos dela o fitaram gravemente. Ele se perturbou e se assombrou, porque naquele momento a reconheceu: a linda donzela do Vale Verde, a dançarina diante de cujos pés as flores brotavam. Ela sorriu ao perceber que ele se recordava e se aproximou. Tiveram uma longa conversa, na maior parte do tempo sem palavras, e ele apreendeu muitas coisas do pensamento dela, e algumas lhe deram alegria e outras o encheram de pesar. Então sua mente voltou no tempo, recordando sua vida, até alcançar o dia do Banquete das Crianças e a chegada da estrela, e subitamente reviu a pequena figura dançante com sua vara de condão. Envergonhado, baixou os olhos diante da beleza da Rainha. Ela, contudo, riu outra vez, como rira no Vale de Sempre Manhã.

— Não se aflija por mim, Fronte Estrelada — disse. — Nem se envergonhe demais de sua gente. Melhor uma bonequinha, talvez, do que nenhuma lembrança da Terra-Fada. Para alguns, o único vislumbre. Para outros, o despertar. Desde aquele dia você desejou em seu coração ver-me, e atendi seu desejo. Porém nada mais posso lhe dar. Agora, no adeus, farei de você meu mensageiro. Se encontrar o Rei, diga-lhe: "A hora chegou. Ele que escolha."

— Mas, Senhora da Terra-Fada — balbuciou –, onde está o Rei, então? — Pois muitas vezes ele fizera essa pergunta à gente da Terra-Fada, e todos haviam dito a mesma coisa: "Ele não nos disse."

E a Rainha respondeu:

— Se ele não lhe disse, Fronte Estrelada, eu não posso dizer. Mas ele faz muitas viagens e pode ser encontrado em lugares improváveis. Agora ajoelhe-se em reverência. Ele então se ajoelhou, e ela se curvou e lhe pôs a mão na cabeça, e um grande silêncio se apossou dele. Pareceu-lhe que se encontrava a um só tempo no Mundo e na Terra-Fada, e também fora deles e examinando-os, de modo que estava ao mesmo tempo em estado de privação e de controle, e em paz. Quando, após um curto espaço de tempo, o silêncio passou, ele ergueu a cabeça e se pôs de pé. A aurora tomava conta do céu, e as estrelas estavam pálidas. A Rainha se fora. Muito ao longe ele ouviu o eco de uma trombeta nas montanhas. O alto campo onde se encontrava estava silencioso e vazio, e ele soube que agora seu caminho o conduzia de volta à privação.

Aquele local de encontro ficara muito para trás, e ali estava ele, caminhando entre as folhas caídas, refletindo sobre tudo o que vira e aprendera. As passadas se aproximaram. Então, de repente, uma voz a seu lado disse:

— Vai pelo meu caminho, Fronte Estrelada?

Com um sobressalto, ele abandonou seus pensamentos e viu um homem ao seu lado. Era alto e caminhava com suavidade e ligeireza. Estava trajado todo de verde-escuro e usava um capuz que lhe obscurecia parcialmente o rosto. O ferreiro ficou intrigado, pois somente a gente da Terra-Fada o chamava de "Fronte Estrelada", mas não conseguia recordar que já tivesse visto aquele homem ali; e, no entanto, sentia, inquieto, que deveria conhecê-lo.

— Por qual caminho vai, então? — perguntou.

— Estou voltando para a sua aldeia agora — respondeu o homem — e espero que você também esteja.

— De fato, estou — confirmou o ferreiro. — Caminhemos juntos. Mas agora algo me veio à mente. Antes que eu começasse minha viagem para casa, uma Grande Senhora me deixou uma mensagem, porém logo estaremos saindo da Terra-Fada, e creio que jamais voltarei. Você voltará?

— Sim, hei de voltar. Pode dar a mensagem para mim.

— Mas a mensagem é para o Rei. Você sabe onde encontrá-lo?

— Sei. Qual é a mensagem?

— A Senhora só me pediu que lhe dissesse: "A hora chegou. Ele que escolha."

— Entendo. Não se aflija mais.

Então seguiram lado a lado pelo caminho, em silêncio, quebrado apenas pelo farfalhar das folhas a seus pés. Contudo, depois de algumas milhas, enquanto ainda estavam nos limites da Terra-Fada, o homem se deteve. Virou-se para o ferreiro e jogou o capuz para trás. Então o ferreiro o reconheceu. Era Alf, o Novato, como o ferreiro ainda o chamava para si mesmo, sempre recordando o dia em que, ainda jovem, Alf se postara no Salão, segurando a brilhante faca para o corte do Bolo, e seus olhos haviam reluzido à luz das velas. Ele deveria ser um ancião agora, pois fora Mestre-Cuca por muitos anos. Mas ali, parado sob o umbral do Bosque Exterior, parecia o aprendiz de muito tempo atrás, porém mais

magistral: não havia cinza em seus cabelos nem rugas em seu rosto, e seus olhos brilhavam como se refletissem uma luz.

— Gostaria de lhe falar, Ferreiro Filho do Ferreiro [*], antes que voltemos à sua terra — disse ele.

O ferreiro admirou-se com isso, pois ele próprio muitas vezes quisera falar com Alf, mas nunca conseguira. Alf sempre o saudara afavelmente e o olhara com simpatia, mas parecera evitar falar-lhe a sós. Agora ele fitava o ferreiro com simpatia, porém ergueu a mão e com o indicador tocou a estrela em sua testa. O lampejo de seus olhos apagou-se, e então o ferreiro soube que ele viera da estrela e que esta estivera brilhando intensamente, mas agora seu brilho diminuíra. Ficou surpreso e se afastou com raiva.

— Você não acha, Mestre Ferreiro, que é hora de abandonar esse objeto? — perguntou Alf.

— O que lhe importa isso, Mestre-Cuca? — respondeu. — E por que eu faria isso? Ela não é minha? Veio até mim, e não podemos guardar coisas que nos chegam assim, pelo menos como lembrança?

— Algumas coisas. As que são presentes gratuitos e dadas como lembrança. Outras, contudo, não são dadas assim. Não podem pertencer a um homem para sempre, nem ser apreciadas como herança. São emprestadas. Você não pensou, talvez, que outra pessoa possa precisar desse objeto. Mas assim é. O tempo urge.

Então o ferreiro se inquietou, pois era homem generoso e se lembrava com gratidão de tudo o que a estrela lhe trouxera.

— Então, o que devo fazer? Devo dá-la a um dos Grandes da Terra-Fada? Devo dá-la ao Rei? — E, ao dizer isso, surgiu-lhe no coração a esperança de que em tal missão poderia entrar na Terra-Fada mais uma vez.

— Poderia dá-la a mim — sugeriu Alf –, mas talvez você ache que isso é difícil demais. Quer vir comigo ao meu depósito e devolvê-la à caixa onde seu avô a colocou?

— Eu não sabia disso — afirmou o ferreiro.

— Ninguém sabia, exceto eu. Eu era o único que estava com ele.

— Então suponho que você saiba como ele obteve a estrela e por que a pôs na caixa.

— Ele a trouxe da Terra-Fada, isso você já sabe — falou Alf. — Deixou-a para trás na esperança de que pudesse chegar até você, seu único neto. Assim ele me disse, pois pensava que eu pudesse dar um jeito nisso. Era o pai de sua mãe. Não sei se ela lhe contou alguma coisa sobre ele, se é que ela sabia algo para contar. Ginete era seu nome, e foi um grande viajante. Tinha visto muitas coisas e era capaz de fazer muitas coisas antes de se acomodar e se tornar Mestre-

Cuca. Mas partiu quando você só tinha dois anos, e não conseguiram encontrar ninguém melhor para substituí-lo do que Noques, coitado. Ainda assim, como esperávamos, tornei-me Mestre a tempo. Este ano hei de fazer outro Grande Bolo: o único Cuca, de que se tenha memória, que fez o segundo. Desejo pôr a estrela dentro dele.

— Muito bem, você vai tê-la — decidiu o ferreiro. Olhou para Alf como se tentasse ler seu pensamento. — Você sabe quem vai encontrá-la?

— O que lhe importa isso, Mestre Ferreiro?

— Gostaria de saber se você sabe, Mestre-Cuca. Poderia tornar mais fácil para mim separar-me de um objeto que me é tão caro. O filho de minha filha é jovem demais.

— Poderia e não poderia. Haveremos de ver — disse Alf.

Nada mais disseram, e seguiram seu caminho até sair da Terra-Fada e finalmente voltar à aldeia. Caminharam então até o Salão. No mundo o sol já se punha, e havia uma luz vermelha nas janelas. Os entalhes dourados da grande porta fulguravam, e estranhos rostos de muitas cores olhavam lá de cima, das calhas debaixo dos telhado. Não fazia muito que o Salão tinha sido reenvidraçado e repintado, e se realizaram muitos debates no Conselho a esse respeito. Alguns não o apreciavam e o chamavam de "moderno", enquanto outros, com mais conhecimento, sabiam que era uma volta ao antigo costume. Ainda assim, já que não custara nem um centavo a ninguém e o próprio Mestre-Cuca devia tê-lo pago, permitiam que ele fizesse como achasse melhor. Mas o ferreiro não o vira antes em tal luz, e se deteve e olhou o Salão com assombro, esquecendo sua missão.

Sentiu um toque no braço, e Alf o levou até uma portinha nos fundos. Abriu-a e conduziu o ferreiro ao longo de um corredor escuro, para dentro do depósito. Ali acendeu uma vela comprida e, depois de destrancar um armário, desceu a caixa preta da prateleira. Agora estava polida e enfeitada com volutas de prata.

Ergueu a tampa e mostrou-a ao ferreiro. Um pequeno compartimento estava vazio; os demais estavam repletos de especiarias, frescas e picantes, e os olhos do ferreiro começaram a lacrimejar. Pôs a mão na testa, e a estrela saiu prontamente, porém sentiu uma súbita pontada de dor, e lágrimas escorreram-lhe pelo rosto. Apesar de a estrela brilhar intensamente outra vez, jazendo em sua

mão, ele não conseguia vê-la senão como um clarão de luz borrado que parecia muito distante.

— Não consigo ver claramente — disse ele. — Você precisa guardá-la para mim. — Estendeu a mão, e Alf pegou a estrela e a depositou em seu lugar, e ela se apagou.

O ferreiro virou-se sem dizer mais nada e foi tateando até a porta. Na soleira descobriu que sua visão clareara outra vez. Era fim de tarde, e a Estrela Vespertina brilhava em um céu luminoso, junto à Lua. De pé por um momento admirando sua beleza, sentiu uma mão no ombro e se virou.

— Você me deu a estrela por vontade própria — afirmou Alf. — Se ainda quer saber para qual criança ela vai, eu lhe conto.

— Quero, sim.

— Vai para qualquer uma que você indicar.

O ferreiro ficou surpreso e não respondeu de imediato.

— Bem — começou ele, hesitante –, eu me pergunto o que você há de pensar de minha escolha. Acho que você tem poucos motivos para gostar do nome Noques, mas, bem, o netinho dele, Tim do Noques de Beiravila, vem ao Banquete. Noques de Beiravila é bem diferente.

— Percebi isso — declarou Alf. — Ele teve uma mãe sábia.

— Sim, a irmã de minha Nell. Mas, à parte o parentesco, eu amo o pequeno Tim. Apesar de não ser uma escolha óbvia.

Alf sorriu.

— Nem você era. No entanto, concordo. Na verdade, eu já havia escolhido Tim.

— Então por que me pediu para escolher?

— A Rainha quis que eu assim fizesse. Se você tivesse escolhido outro, eu teria cedido.

O ferreiro encarou Alf por longo tempo. Então, de repente, inclinou-se profundamente.

— Finalmente entendo, senhor. Deu-nos uma imensa honra.

— Fui recompensado — disse Alf. — Agora vá para casa em paz!

Quando o ferreiro chegou em casa, nos arredores ocidentais da aldeia, deparou com o filho junto à porta da forja. Acabara de trancá-la, pois o serviço do dia estava feito, e agora vigiava, de pé, a estrada branca por onde o pai costumava retornar de suas viagens. Ouvindo passos, virou-se surpreso e, ao vê-lo vindo da aldeia, adiantou-se correndo para encontrá-lo. Envolveu-o com os braços, acolhendo-o com carinho.

— Estava esperando que viesse desde ontem, Papai — disse. Depois, olhando o rosto do pai, exclamou, preocupado: — Parece tão cansado! Fez uma longa caminhada, talvez?

— Muito longa, de fato, meu filho. Toda a distância do amanhecer até o fim da tarde.

Entraram juntos na casa, e, a não ser pelo fogo que tremulava na lareira, ela estava escura. O filho acendeu velas, e por algum tempo ficaram sentados junto ao fogo, sem falar, pois o ferreiro foi tomado por grande cansaço e privação. Por fim olhou em volta, como se recobrasse a consciência, e perguntou:

Por que estamos sozinhos?

O filho dirigiu-lhe um olhar de censura.

— Por quê? Mamãe está lá em Pequeno, na casa de Nan. É o segundo aniversário do rapazinho. Esperavam que você também estivesse lá.

— Ah, sim. Eu deveria estar. Deveria estar, Ned, mas me atrasei, e durante certo tempo tive que pensar em alguns assuntos que expulsaram tudo o mais de minha mente. No entanto, não me esqueci de Tomzinho.

Levou a mão ao peitilho da camisa e tirou dele uma pequena bolsa de couro macio.

— Trouxe uma coisa para ele. Uma miudeza, talvez o velho Noques a chamasse assim, mas vem da Terra-Fada, Ned. — Pegou na bolsa um pequeno objeto de prata. Parecia o caule liso de um minúsculo lírio, de cujo topo saíam três flores delicadas que se inclinavam como sinos bem proporcionados. E eram sinos, pois, quando ele as agitou levemente, cada flor emitiu uma nota fraca e nítida. Diante daquele som encantador, as velas tremeluziram e depois, por um momento, brilharam com uma luz branca.

Os olhos de Ned estavam arregalados de assombro.

— Posso olhá-lo, Papai? — pediu. Segurou-o com cuidado entre os dedos e espiou para dentro das flores. — O trabalho é uma maravilha! — disse. — E, Papai, os sinos têm um perfume... um perfume que me recorda... me recorda... bem, alguma coisa que esqueci.

— Sim, o perfume vem um pouco depois que se tocam os sinos. Mas não tenha medo de manuseá-lo, Ned. Foi feito para uma criancinha brincar. Ela não pode lhe causar dano, nem dano nenhum lhe virá dele.

O ferreiro pôs de novo o presente na bolsa e guardou-a.

— Eu mesmo vou levá-lo a Bosque Pequeno amanhã — afirmou. — Nan e seu Tom e Mamãe vão me perdoar, quem sabe. Quanto a Tomzinho, sua hora ainda não chegou para a contagem dos dias... e das semanas, e dos meses, e dos anos.

— Está certo. Vá, Papai. Gostaria de ir com você, mas vai levar algum tempo para que eu possa ir até Pequeno. Não poderia ter ido hoje, mesmo que não o tivesse esperado aqui. Há muito trabalho por fazer, e mais chegando.

— Não, não, filho do Ferreiro! Tire folga! O nome de avô ainda não enfraqueceu meus braços. Que venha o trabalho! Agora haverá dois pares de mãos para atacá-lo, em todos os dias úteis. Não vou sair em viagens outra vez, Ned, não em viagens longas, se você me entende.

— É assim que é, Papai? Eu me perguntava o que foi feito da estrela. Isso é difícil. — Tomou a mão do pai. — Fico aflito por você, mas vejo também algo bom nisso, para esta casa. Sabe, Mestre Ferreiro, há muita coisa que você ainda pode me ensinar, se tiver tempo. E não me refiro apenas ao ofício do ferro.

Jantaram juntos, e muito tempo depois de terminarem ainda estavam sentados à mesa, enquanto o ferreiro contava ao filho sobre sua última viagem à Terra-Fada e outras coisas que lhe vinham à cabeça, porém sobre a escolha do próximo que receberia a estrela ele nada falou.

Por fim o filho encarou-o e disse:

— Pai, lembra-se do dia em que voltou com a Flor? Eu falei que você parecia um gigante, pela sombra. A sombra era a verdade. Então foi com a própria Rainha que você dançou! No entanto, você entregou a estrela. Espero que ela vá para alguém igualmente merecedor. A criança deveria ser grata.

— A criança não vai saber — explicou o ferreiro. — É assim que acontece com tais presentes. Bem, aí está. Eu a passei adiante e voltei ao martelo e às

tenazes.

É uma coisa estranha, mas o velho Noques, que zombara de seu aprendiz, nunca conseguira tirar da cabeça o desaparecimento da estrela no Bolo, apesar de esse acontecimento ter ocorrido há tantos anos. Tornara-se gordo e preguiçoso e se aposentara do cargo ao fazer sessenta anos (não era uma idade muito avançada na aldeia). Agora estava perto do fim do nono decênio e era uma pessoa muito volumosa, pois ainda comia vorazmente e era louco por açúcar. Passava a maior parte do dia, quando não estava à mesa, em uma grande cadeira junto à janela de seu chalé ou junto à porta, se o tempo estivesse bom. Gostava de conversar, já que ainda tinha muitas opiniões para oferecer. Nos últimos tempos, porém, sua conversa se voltava principalmente para o único Grande Bolo que fizera (do que agora estava firmemente convencido), pois sempre que pegava no sono este entrava em seus sonhos. Novato às vezes parava para trocar uma ou duas palavras com ele. O velho cozinheiro ainda o chamava assim, e ele próprio esperava ser chamado de Mestre. Novato cuidava de fazê-lo, e era um ponto a seu favor, apesar de existirem outros de quem Noques gostava mais.

Certa tarde, Noques cochilava em sua cadeira junto à porta, depois do jantar. Acordou sobressaltado e viu Novato de pé ali perto, olhando-o de cima. Cumprimentou-o.

— Olá! Estou contente em vê-lo, pois aquele bolo me veio à cabeça de novo. De fato, agora mesmo estava pensando nele. Foi o melhor bolo que já fiz, e isso não é pouca coisa. Mas talvez você o tenha esquecido.

— Não, Mestre. Lembro-me muito bem dele. Mas o que o aflige? Era um bom bolo, e foi apreciado e elogiado.

— É claro. Fui eu que fiz. Mas isso não me aflige. É a miudezinha, a estrela. Não consigo imaginar o que foi feito dela. É claro que não ia derreter. Eu só disse isso para evitar que as crianças tivessem medo. Fico me perguntando se uma delas não a engoliu. Seria possível? Pode-se engolir uma dessas moedinhas e não perceber, mas não aquela estrela. Embora pequena, tinha pontas afiadas.

— Sim, Mestre. Mas sabe realmente do que era feita a estrela? Não se preocupe com isso. Alguém a engoliu, eu lhe garanto.

— Mas quem? Bem, tenho memória comprida, e de algum modo aquele dia ficou preso nela. Consigo recordar o nome de todas as crianças. Deixe-me

pensar. Deve ter sido a Molly do Moleiro! Era gananciosa e devorava a comida. Agora está gorda como um saco.

— Sim, algumas pessoas ficam desse jeito, Mestre. Mas Molly não devorou seu bolo. Ela encontrou duas miudezas em sua fatia.

— Ah, encontrou? Bem, então foi o Harry do Tanoeiro. Um barril de menino com uma boca grande como um sapo.

— Eu diria, Mestre, que era um menino amável, com um grande sorriso simpático. Seja como for, ele teve tanto cuidado que esmigalhou sua fatia antes de comê-la. Não encontrou nada além de bolo.

— Então deve ter sido aquela menininha pálida, Lily do Fanqueiro. Ela costumava engolir alfinetes quando bebê, e não lhe faziam mal.

— Não foi Lily, Mestre. Ela só comeu a cobertura e o açúcar e deu o recheio ao menino sentado ao lado dela.

— Então desisto. Quem foi? Parece que você estava observando muito atentamente, se é que não está inventando.

— Foi o filho do Ferreiro, Mestre, e acho que lhe fez bem.

— Ora, vá! — riu o velho Noques. — Eu devia saber que você estava fazendo um joguinho comigo. Não seja ridículo! Nessa época Ferreiro era um menino quieto e lerdo. Agora faz mais barulho: uma espécie de cantor, ao que dizem. Mas é cauteloso. Não corre riscos. Mastiga duas vezes antes de engolir, e sempre fez isso, se você me entende.

— Entendo, Mestre. Bem, se não acredita que foi Ferreiro, não posso ajudar. Agora talvez não faça muita diferença. Vai aliviar sua cabeça se eu lhe contar que a estrela já voltou à caixa? Aqui está ela!

Novato trajava um manto verde-escuro, que agora Noques notou pela primeira vez. De suas dobras extraiu a caixa preta e a abriu debaixo do nariz do velho cozinheiro.

— Aí está a estrela, Mestre, lá embaixo, no canto.

O velho Noques começou a tossir e espirrar, mas finalmente olhou para dentro da caixa.

— Realmente está! — exclamou. — Pelo menos é o que parece.

— É a mesma, Mestre. Fui eu que a coloquei aí alguns dias atrás. Ela vai voltar para o Grande Bolo neste inverno.

— Ha! — Noques olhou para Novato de soslaio, depois riu até tremer como uma gelatina. — Entendi, entendi! Vinte e quatro crianças e vinte e quatro pedaços de sorte, e a estrela era um extra. Aí você a pinçou para fora antes de assar e guardou-a para uma outra vez. Você sempre foi um sujeito malandro, esperto, poderíamos dizer. E frugal: não desperdiçava nem um bocadinho de manteiga. Ha, ha, ha! Então foi isso que aconteceu. Eu devia ter adivinhado. Bem, isso está resolvido. Agora posso cochilar em paz. — Acomodou-se na cadeira. — Cuide para que esse seu aprendiz não lhe pregue nenhuma peça! Os arteiros não conhecem todas as artes, dizem. — Fechou os olhos.

— Até logo, mestre! — despediu-se Novato, fechando a caixa com tamanho estalido que o cozinheiro voltou a abrir os olhos. — Noques, seu conhecimento é tão grande que só duas vezes me atrevi a lhe contar alguma coisa. Eu lhe contei que a estrela vinha da Terra-Fada, e acabei de lhe contar que ela foi para o ferreiro. Você riu de mim. Agora, na despedida, vou lhe contar mais uma coisa. Não ria de novo! Você é um velho impostor fútil, gordo, ocioso e matreiro. Eu fiz a maior parte do seu trabalho. Sem agradecer, você aprendeu comigo tudo o que podia, exceto respeito pela Terra-Fada e um pouco de cortesia. Você nem tem o bastante para me desejar bom dia.

— Se é questão de cortesia — retrucou Noques –, não vejo nenhuma em chamar os mais velhos e melhores de nomes feios. Leve sua Fada e seus disparates para outro lugar! Bom dia para você, se é isso que está esperando. Agora vá andando! — Agitou a mão num gesto de zombaria. — Se tiver um de seus amigos fadas escondido na Cozinha, mande-o para mim que vou dar uma olhada nele. Se ele balançar a varinha de condão e me deixar magro de novo, vai subir no meu conceito — riu.

— Poderia ceder alguns momentos ao Rei da Terra-Fada? — respondeu o outro.

Para consternação de Noques, ele crescia em estatura à medida que falava. Lançou o manto para trás. Estava trajado como um Mestre-Cuca em um Banquete, mas suas vestes brancas tremeluziam e cintilavam, e tinha na testa uma grande joia como uma estrela radiante. Seu rosto era jovem, porém severo.

— Velhinho — falou –, pelo menos mais velho que eu você não é. Quanto a ser melhor, muitas vezes você caçoou de mim pelas costas. Agora me desafia

abertamente?

Deu um passo à frente, e Noques se encolheu diante dele, tremendo. Tentou gritar por socorro, mas descobriu que mal conseguia sussurrar.

— Não, senhor! — coaxou. — Não me faça mal! Não passo de um pobre velho.

O rosto do Rei enterneceu-se.

— Infelizmente, sim! Você diz a verdade. Não tenha medo! Fique tranquilo! Mas você não espera que o Rei da Terra-Fada faça algo por você antes de deixá-lo? Eu concedo seu desejo. Adeus! Agora vá dormir!

Envolveu-se de novo no manto e partiu rumo ao Salão. Mas, antes que desaparecesse, os olhos arregalados do velho cozinheiro estavam fechados, e ele roncava.

Quando o velho cozinheiro acordou, o sol estava se pondo. Esfregou os olhos e tremeu um pouco, pois o ar do outono estava um tanto frio.

— Ufa! Que sonho! Deve ter sido aquela carne de porco no jantar — falou.

Daquele dia em diante, ficou com tanto medo de ter pesadelos desse tipo que mal se arriscava a comer qualquer coisa, com medo de que pudesse lhe causar indisposição, e suas refeições tornaram-se muito breves e simples. Logo emagreceu, e as roupas e a pele pendiam do seu corpo formando dobras e pregas. As crianças o chamavam de velho Trapo-e-Ossos. Depois de algum tempo, descobriu que conseguia passear de novo pela aldeia e caminhava apenas com a ajuda de uma bengala. Viveu muitos anos a mais do que teria vivido de outro modo. Na verdade, dizem que a única coisa memorável que realizou foi completar seu centenário. No entanto, até o último ano de vida podia-se ouvi-lo dizer a quem quisesse escutar seu relato:

— Terrível, poderíamos chamá-lo. Mas foi um sonho tolo, se pensarmos melhor. Rei das Fadas! Ora, ele não tinha varinha de condão nenhuma. E quem para de comer emagrece. É natural. Bem razoável. Não há magia nisso.

Chegou a época do Banquete dos Vinte e Quatro. Ferreiro lá estava para cantar canções, e sua mulher, para ajudar com as crianças. Ferreiro olhou-as enquanto cantavam e dançavam e pensou que eram mais belas e animadas do que eram as crianças da sua infância. Por um momento, passou-lhe pela cabeça o desejo

de saber o que Alf teria feito nas horas vagas. Qualquer uma das crianças teria podido encontrar a estrela. No entanto, seus olhos se fixavam principalmente em Tim, um menininho um tanto roliço, desajeitado ao dançar, mas com voz doce quando cantava. Estava sentado à mesa em silêncio, observando a afiação da faca e o corte do Bolo. De repente manifestou-se:

— Querido Sr. Cuca, corte só uma fatia pequena para mim, por favor. Já comi tanto que me sinto satisfeito.

— Está bem, Tim — disse Alf. — Vou lhe cortar uma fatia especial. Acho que descerá fácil.

Ferreiro observou Tim comendo seu bolo devagar, mas com prazer. Porém, quando não encontrou miudeza nem moeda dentro dele, pareceu decepcionado. Contudo, logo uma luz começou a brilhar em seus olhos, e ele riu e se alegrou, e cantou baixinho. Então se levantou e começou a dançar sozinho, com uma graça peculiar, nunca antes demonstrada. Todas as crianças riram e bateram palmas.

"Então está tudo certo", pensou Ferreiro. "Quer dizer que você é meu herdeiro. Pergunto-me a que lugares estranhos a estrela o levará. Coitado do velho Noques! Mas imagino que ele jamais saberá que coisa chocante aconteceu na família dele."

Jamais soube. Mas aconteceu uma coisa naquele Banquete que lhe agradou imensamente. Antes que terminasse, o Mestre-Cuca se despediu das crianças e de todos os demais que estavam presentes.

— Agora vou dizer adeus — declarou. — Partirei dentro de um ou dois dias. O Mestre Harpista está bem preparado para assumir o meu lugar. É ótimo cozinheiro e, como sabem, vem da aldeia de vocês. Eu vou voltar para casa. Não acho que sentirão minha falta.

As crianças se despediram alegres, agradecendo educadamente ao Cuca por seu belo Bolo. Só o pequeno Tim o pegou pela mão e sussurrou:

— Sinto muito.

Na aldeia, de fato várias famílias sentiram falta de Alf durante certo tempo. Alguns de seus amigos, especialmente Ferreiro e Harpista, entristeceram-se com sua partida e mantiveram o Salão dourado e pintado em memória de Alf. A maioria das pessoas, porém, ficou contente. Estivera entre eles por um tempo

muito longo, e não lamentavam a mudança. Mas o velho Noques bateu a bengala no chão e disse sem rodeios:

— Finalmente ele se foi! E fico feliz com isso. Nunca gostei dele. Era arteiro. Lépido demais, poderíamos dizer.

Posfácio

A página que segue, em fac-símile, que introduz esta segunda parte do livro, mostra a mais antiga versão rascunhada da história. Datilografada em tinta preta, teve duas revisões que se podem distinguir: uma escrita em tinta azul, com caneta-tinteiro, e a outra em tinta vermelha, com caneta esferográfica. A julgar pela aparência, a revisão em vermelho é a mais recente, pois em alguns lugares parece ter sido escrita sobre a azul. Por elas, podemos reconstruir o processo do autor desde o primeiro ímpeto criativo de inspiração, com os sucessivos estágios de modificação e elaboração. Assim, a página pode servir de parte pelo todo, mostrando o desenvolvimento da ideia de Tolkien desde o conceito inicial do cozinheiro da aldeia e seu bolo, por meio da evolução de personagens e situações, até a história final.

Ferreiro de Bosque Grande foi a última história que J. R. R. Tolkien escreveu, e também a última de suas obras a ser publicada em vida. Composta muitos anos após suas outras obras de ficção curtas — *Roverandom*, *Mestre Gil de Ham* e *Sr. Bliss* foram escritas nas décadas de 1920 e 1930; *Folha, de Migalha*, em 1943 –, *Ferreiro* começou a ser escrita em 1964, quando sua grande obra, *O Senhor dos Anéis*, já ficara mais de uma década para trás e sua dedicação de toda uma vida à mitologia do Silmarillion se esgotava. Tolkien tinha 72 anos quando começou a história e 75 quando ela foi publicada, em 1967. Assim, o livro resultou de experiência e reflexão, de amadurecimento, não da imaginação exuberante e enérgica de seus anos de juventude e meia-idade. Não possui a extroversão aventuresca de *Roverandom*, o robusto humor irônico de *Mestre Gil*, a energia estouvada de *Sr. Bliss*, nem a visão transcendente e o sublime final feliz de *Folha, de Migalha*.

A história do artesão, do ferreiro que viaja ao Outro Mundo, é a homenagem de Tolkien ao mundo da imaginação que ele chamava de Faërie — ou Fairy ou Fayery ou Faery [1]. A grafia variava, mas o conceito permanecia consistente. *Ferreiro* é também sua apresentação mais tardia, pura e descompromissada desse mundo e de seu efeito sobre um ser humano que viaja para lá. Assim, a história é a realização imaginativa do conceito teórico que ele apresentou em sua conferência-ensaio de 1939, “On Fairy-Stories” (“Sobre contos de fadas”). Nela Tolkien procurou destacar o fato óbvio, mas muitas vezes não notado, de que histórias de fadas não são sobre fadas, e sim acerca “das *aventuras* dos homens no Reino Perigoso ou nos seus sombrios confins”. Ele defendeu as fadas contra o

errôneo conceito popular de que são sensíveis e diminutas. Defendeu a terra das fadas contra a ideia, igualmente equivocada, de que é delicada, bonitinha e trivial quando avaliada do ponto de vista humano. Afirmando exatamente o contrário, ele declarou que Faërie é "uma terra perigosa, em que há armadilhas para os incautos e calabouços para os demasiado audazes". E prosseguiu: "Um ser humano talvez possa considerar-se afortunado por ter vagueado nesse reino, mas sua própria riqueza e estranheza atam a língua do viajante que as queira relatar. E, enquanto está lá, é perigoso que faça perguntas demais, pois os portões poderão se fechar e as chaves, se perder." O uso repetido da palavra *perigoso* é o sinal de quanto Tolkien levava a sério o conceito.

Ferreiro de Bosque Grande convida os leitores a experimentar o que o ensaio dos contos de fadas explica: as aventuras de um ser humano na terra das fadas, assim como os perigos e as maravilhas existentes nesse reino. Apesar de Ferreiro, incauto e ocasionalmente demasiado audaz, defrontar-se com perigos e armadilhas, ainda assim ele se considera afortunado por ter vagado por Faery (grafia usada na história). Sua "riqueza e estranheza" não lhe atam a língua por completo, pois ele relata à própria família suas aventuras. Não obstante, às demais pessoas de seu mundo cotidiano, exemplificadas pelo crasso e insensível Noques, a Terra-Fada de Ferreiro (e de Tolkien) é, na melhor das hipóteses, uma mera fábula infantil e, na pior, uma piada. Embora Ferreiro faça poucas perguntas enquanto está ali, no final os portões se fecham para ele e a chave, apesar de não perdida, ainda precisa ser devolvida para ser repassada a outra pessoa.

Protegido pela estrela, que é seu passaporte, Ferreiro pode vaguear no reino encantado, mas continua a ser visitante, não habitante. Nenhuma visão ou evento lhe é explicado, nenhum segredo é descoberto, nenhum mistério é revelado. A Terra-Fada não faz concessões à curiosidade humana, nem tem tolerância à debilidade humana. Ferreiro corre perigo por causa de enganos inocentes, como pisar na superfície dura do lago, o que desperta o Vento Selvagem e faz que a bétula ordene que vá embora e jamais retorne. Por outro lado, ele também encontra amigos onde menos espera, como entre as donzelas dançarinas, quando se torna parceiro da Fada Rainha, mas não sabe quem ela é. As coisas maravilhosas, belas e terríveis que ele testemunha têm uma história e um significado fádicos que ele continua ignorando. Suas aventuras como estranho nessa terra estranha são paralelas às dos leitores de Tolkien, para os quais não há explicação para o que Ferreiro (ou eles) vê na Terra-Fada. Podemos conjeturar que Tolkien queria que os leitores não somente partilhassem a experiência de

assombro, mistério e terror de Ferreiro, mas também a dele próprio, e quem sabe até a perplexidade diante da riqueza e estranheza que ele encontrou em suas viagens imaginativas à Terra-Fada.

A história teve uma gênese curiosa, evoluindo a partir do pedido de um editor para que Tolkien escrevesse a apresentação para uma nova edição do conto de fadas de George MacDonald, *The Golden Key* [A chave dourada]. Tolkien iniciou a apresentação tentando explicar o verdadeiro significado da palavra *fairy*[2].

> *Fairy* é muito poderosa. Mesmo o autor[3] ruim não pode escapar-lhe. Provavelmente ele constrói seu conto a partir de fragmentos de contos mais antigos, ou de coisas que recorda pela metade, e pode ser que esses sejam demasiado fortes para que ele os corrompa ou desencante. Alguém pode encontrá-los pela primeira vez em sua história tola, e entrever um vislumbre de Fairy, e passar para coisas de melhor qualidade. Isso poderia ser colocado na forma de um conto como este: Havia outrora um cozinheiro, e ele pensou em fazer um bolo para uma festa de crianças. Sua intenção principal era que ele fosse bem doce...

“Aí parei”, escreveu ele mais tarde, “percebendo que o ‘conto’ tinha criado vida própria e teria de ser completado como uma coisa em si.”

Durante os dois anos seguintes, em que *Ferreiro de Bosque Grande* foi “completado como uma coisa em si”, Tolkien resolveu o problema. Em vez de tentar explicar Faery, descreveu-a. Manteve a imagem do bolo muito doce para simbolizar o equívoco popular de Faery como algo edulcorado e destinado apenas a crianças. Equilibrando o bolo alegórico, no entanto, está o humano muito real cuja entrada no reino encantado lhe permite “ter um vislumbre” de Faery em todo o seu mistério, severidade e beleza. Desencadeada pela imagem do bolo, a história intitulou-se inicialmente — e durante grande parte do tempo em que foi escrita — “O Grande Bolo”, mas, à medida que a imaginação de Tolkien se deslocou do bolo para o menino, ele alterou o título para refletir essa abordagem mais realista, dando à história o nome de seu personagem principal.

Tendo abandonado a apresentação da história de MacDonald para dedicar-se ao próprio conto, no início do ano seguinte, 1965, Tolkien havia esboçado um rascunho preliminar. Em *J. R. R. Tolkien: uma biografia*, Humphrey Carpenter notou que *Ferreiro* foi “inusitado” para Tolkien por ter sido composto na máquina de escrever. Isso seria de fato inusitado para o homem que, privado de lápis, se comparava a uma galinha sem bico. A presunção de Carpenter baseou-se

evidentemente em uma afirmação que Tolkien fizera a Clyde Kilby, de que certa versão datilografada da história era "virtualmente o original" e "nunca foi composta em manuscrito". A palavra *original* e a frase "nunca foi composta" transmitiram a impressão, bastante razoável, de que a história foi composta *inteiramente* na máquina de escrever. Porém, mesmo que descontemos as diversas versões da apresentação escritas à mão, houve pelo menos uma etapa parcial de composição manuscrita, uma versão precoce iniciada na máquina de escrever, mas continuada em manuscrito, um meio a meio, um rascunho híbrido.

A aparente discrepância entre a afirmativa e a evidência pode ser resolvida observando a palavra *virtualmente* na frase de Tolkien: "virtualmente o original". *Virtual* significa simplesmente "para todos os efeitos, contudo não de fato". Visto que o "original" datilografado em questão incorporou muito material previamente escrito a mão, ele, sem dúvida, era, "para todos os efeitos", o primeiro rascunho plenamente realizado e, portanto, virtualmente o original. É provável que seja esse rascunho completo, chamado por Tolkien de "cópia datilografada de forma descuidada, corrigida e alterada a mão", que "nunca foi composta" em manuscrito.

Além disso, existem três versões completas da história datilografadas em espaço simples. Há um rascunho integral preliminar A, uma cópia integral corrigida B, com notas laterais e emendas a tinta, e uma cópia limpa final C, com correções mínimas de erros de datilografia e notas como "deixar espaço" [entre parágrafos], obviamente servindo de instruções ao tipógrafo. O rascunho A é provavelmente o original virtual que Tolkien mencionou em sua nota a Kilby. No cabeçalho está escrito "O Grande Bolo", porém posteriormente uma mão escreveu com marcador "Ferreiro de Bosque" no invólucro de papel-jornal. Abaixo disso, a mesma mão (e caneta) anotou "cópia integral antes da revisão final". O rascunho B, revisado do rascunho A, cujo cabeçalho também é "O Grande Bolo", contém o episódio adicional da aventura de Ferreiro no Lago das Lágrimas. Em alguns dos rascunhos preliminares desse incidente, concebido em separado para ser inserido na história, o lago claramente é líquido, tão fluido que Ferreiro pode nadar nele. No rascunho B isso foi revisto, a superfície do lago aparece como "mais dura que pedra e mais lisa que vidro". No rascunho C, *lisa* é substituído por *polida*, e a superfície do lago é descrita em C, assim como no livro publicado, como "mais escorregadia que vidro".

O rascunho C também introduz a mudança de título, com uma página de rosto separada na qual aparece datilografado *Ferreiro de Bosque Grande*, com a

assinatura de Tolkien escrita embaixo, a tinta. Servia de capa para C um grande envelope postal carimbado, endereçado a “Miss Incledon, Woodcocks, Ditchling, Hassocks, Sussex”. Evidentemente, Tolkien enviara uma cópia da história a sua prima e contemporânea Marjorie Incledon, filha mais velha de May, irmã de sua mãe. Uma nota manuscrita no envelope identifica C como “Versão conforme lida em Black Friars”. Nessa versão foi incluída uma introdução manuscrita dirigida a uma plateia de “todos que possam ter vindo aqui esperando que eu fale sobre poesia”.

Em uma carta datada de 28 de outubro de 1966, Tolkien descreveu a tarde em Blackfriars ao neto Michael George, então graduando em Oxford. “Eu não o avisei sobre minha palestra na quarta-feira à noite”, escreveu. “Pensei que você estaria muito ocupado. Na verdade não dei uma palestra, mas li um conto recém-escrito e ainda inédito; e você pode lê-lo quando tiver tempo: *Ferreiro de Bosque Grande*; se é que já não o infligi a você.” O caráter imediato da referência a “quarta-feira à noite” sugere que a leitura ocorrera bem pouco tempo antes, e, de fato, 26 de outubro de 1966, dois dias antes da data da carta, foi quarta-feira. Tolkien descreveu assim a noite:

> O evento me surpreendeu completamente e também aos promotores da série: o prior de Blackfriars e o diretor da Casa Pusey. Estava uma desagradável noite molhada. Mas tamanha multidão afluiu para Blackfriars que o refeitório(um longo salão, tão longo quanto uma igreja) teve de ser esvaziado e não poderia acomodá-la. Arranjos para retransmissores para as passagens do lado de fora tiveram de ser feitos apressadamente. Disseram-me que mais de oitocentas pessoas puderam entrar. A coisa ficou muito acalorada, e acho que você estava melhor em outro lugar.[4]

Em resposta a uma indagação sobre esse evento, uma versão diferente foi apresentada pelo padre Bailey, à época prior de Blackfriars, que convidara Tolkien a participar. O padre Bailey escreveu:

> Até onde me lembro, não houve publicidade, além talvez de uma folha de papel pregada na porta da igreja. Mas a notícia se espalhou, e o resultado foram ônibus de Londres, Cambridge e talvez até de Leicester. A palestra foi dada no refeitório, uma sala grande, com piso de mármore, de Portugal, se bem me lembro, e cadeiras junto às paredes. Todos os assentos estavam ocupados, e o piso, cheio de pessoas sentadas

> com as pernas dobradas. Com isso, o cabo do ponto localizado no meio do piso até seu microfone [de Tolkien], no alto no refeitório, ficou avariado, de modo que as pessoas próximas do fundo não conseguiam ouvi-lo. Mas não importa — estavam sentadas tranquilas, fitando-o como se ele fosse um dos apóstolos. Vê-lo e olhá-lo era o bastante. (Comunicação pessoal à editora.)

Uma segunda explicação para a dificuldade em escutar o palestrante é o pedido de desculpas de Tolkien a sua plateia de que estava "sofrendo das sequelas de uma garganta inflamada".

Em fins de outubro de 1966, portanto, a história estava essencialmente na forma final, como publicada, pois, exceto pelas esporádicas correções laterais do revisor dos erros tipográficos, a versão de Blackfriars coincide em todos os detalhes com o livro posterior.

Ferreiro de Bosque Grande foi publicado em novembro de 1967 pela George Allen & Unwin Ltd. O livro era uma edição em capa dura, em formato pequeno (14,7 × 10,5 cm), com ilustrações de Pauline Baynes, que fizera as ilustrações de *Mestre Gil de Ham*, *As aventuras de Tom Bombadil*. No mesmo mês, a editora norte-americana de Tolkien, Houghton Mifflin, publicou uma edição em capa dura um pouco maior (16,2 × 10,8 cm), com as ilustrações de Baynes. Ambas as edições foram reimpressas diversas vezes. A história também foi publicada na revista *Redbook* n. 130 (dezembro de 1967, p. 58-61 e 101, 103-7), com ilustrações de Milton Glaser. Em 1969, a Ballantine Books publicou uma edição dupla em brochura de *Ferreiro de Bosque Grande* e *Mestre Gil de Ham*. A Allen & Unwin publicou uma segunda edição em capa dura da história em 1975, e uma segunda edição norte-americana saiu em 1978. Novas edições em capa dura com ilustrações de Roger Garland foram lançadas pela Unwin Hyman em 1990 e pela Houghton Mifflin em 1991. Em 1997, a HarperCollins incluiu a história em *Tales from the Perilous Realm* [Contos do Reino Perigoso] (as outras histórias eram *Mestre Gil de Ham*, *As aventuras de Tom Bombadil* e *Folha, de Migalha*). Com *Árvore e folha*, *Mestre Gil de Ham*, *As aventuras de Tom Bombadil* e *Sir Gawain and the Green Knight* [Sir Gawain e o Cavaleiro Verde], *Ferreiro* fez parte de *A Tolkien Miscellany* [Uma miscelânea de Tolkien], publicada pelo Science Fiction Book Club em 2002. E essas são apenas as edições em língua inglesa. A história foi traduzida em africânder, holandês, alemão, sueco, japonês, espanhol, catalão, tcheco, polonês, hebraico, português[5], russo, finlandês,

italiano, servo-croata e francês. Em comparação com o evidente apelo popular da história, a reação crítica a *Ferreiro* foi variada. Escrevendo no *Children's Libraries Newsletter*, v. 4, n. 2 (maio de 1968), Hugh Crago avaliou que o livro não era tão bom quanto a ficção mais longa de Tolkien e criticou a narrativa pela falta de humor, e seus personagens humanos pela falta da "gloriosa individualidade" dos hobbits. Uma visão diferente foi apresentada por Christopher Derrick no *Tablet*, n. 222 (10 de fevereiro de 1968). Derrick chamou *Ferreiro* de "livro triste, sábio" e "um mito de grande delicadeza". Frederick Lauritson, no *Library Journal*, n. 92 (15 de novembro de 1967), achou que faltava profundidade tanto ao enredo como aos personagens. Na *National Review* de 7 de maio de 1968, Jared Lobdell opinou que, apesar de o livro ter "grandes momentos", era "um pouco encantador *demais* para suportar uma releitura". Fazendo uma resenha na *New York Times Book Review* de 4 de fevereiro de 1968, Robert Phelps corretamente o denominou de "elegia" e o descreveu como "um conto despretensioso e obcecante". No *Horn Book* de fevereiro de 1968, R. H. Vigures considerou a história "graciosa, alegre e linda". O próprio Tolkien a chamou de "o livro de um velho, já oprimido com o pressentimento da privação", e, seguindo sua deixa, muitos leram a entrega da estrela por Ferreiro como o adeus de Tolkien a sua arte. Paul Kocher considerou a história como "discurso de Próspero" do autor, e Humphrey Carpenter viu nela "a ansiedade [de Tolkien] em relação ao futuro e seu crescente pesar com a aproximação da velhice". Mesmo estando inegavelmente presentes esses elementos, seria um desserviço ao livro e a seu autor supor que a história não contém nada mais que um longo adeus. Por direito e à parte quaisquer considerações biográficas, ela se mantém como verdadeiro conto de fadas em termos tolkienianos — uma história "sobre as *aventuras* dos homens no Reino Perigoso" de Faërie, "o reino ou estado no qual as fadas existem". Esse reino contém "os oceanos, o Sol, a Lua, o firmamento; e a Terra, e todas as coisas que há nela: árvore e pássaro, água e pedra, vinho e pão, e nós mesmos, seres humanos mortais, quando estamos encantados".

Talvez quem melhor tenha avaliado a qualidade da história, ilusória e no entanto comovente, tenha sido Roger Lancelyn Green, que observou no *Sunday Telegraph* de 3 de dezembro de 1967 que "procurar o significado é abrir a bola em busca de seu rebote". Tolkien adorou o comentário e escreveu a Green para agradecer. Também guardou, mas não como tesouro, o que é, sem dúvida, o mais mordaz comentário sobre o livro, "Among a Faery Elite" [Entre uma elite de fadas], de Christopher Williams, publicado na *New Society* de 7 de dezembro

de 1967. Em seu soberbo desdém pelas metas, pelos métodos e pelo produto final de Tolkien, a resenha de Williams rivaliza com a avaliação de Edmund Wilson de *O Senhor dos Anéis*: "Oo! Those Awful Orcs!" [Uh! Que horríveis Orcs!], na *Nation*, n. 182, de 14 de abril de 1956. Williams citou frases fora de contexto, repudiou a Faery de Tolkien como "versão do medievalista de um canteiro de celofane" e proclamou a inadequação da história para "crianças modernas". No entanto, assim como *O Senhor dos Anéis* sobreviveu a Edmund Wilson, *Ferreiro de Bosque Grande* sobreviveu a Christopher Williams. Parece seguro prever que a beleza e o mistério da história de Tolkien continuarão a encantar e interessar os leitores quando os críticos estiverem há muito desaparecidos.

Um objetivo particular desta nova edição foi proporcionar ao leitor um vislumbre do autor trabalhando, anexando à história transcrições de documentos relacionados a sua criação e evolução. A explicação que Tolkien deu a Clyde Kilby sobre a gênese da história e a transcrição que se seguiu de sua apresentação, jamais terminada, de *The Golden Key* mapeiam o progresso de sua invenção, desde a insatisfação com George MacDonald até o germe de sua ideia para a própria história. O "Esquema temporal e personagens", as "Sugestões para o final da história" e o longo e ponderado ensaio "Ferreiro de Bosque Grande" transmitem a história de fundo meticulosamente mapeada e a sustentação filosófica, a estrutura de suporte invisível, mas essencial, da narrativa.

O "Esquema temporal e personagens" apresenta extensas genealogias e histórias a respeito dos principais habitantes de Bosque Grande. Concentrando-se em particular no misterioso Vovô Ginete, que deixa Bosque no começo da história para jamais voltar, ele fornece uma cronologia, ano a ano, que precede o começo da história em uns setenta anos e se estende por cento e vinte e três gerações da vida dos personagens. Tolkien deu a seus personagens — que evidentemente eram tão reais para ele como eram uns para os outros — seus nomes próprios, suas histórias familiares e as relações entre eles e com a aldeia. A mesma preocupação o levou a suas "Sugestões para o final da história", à especulação sobre as razões e o fraseado da mensagem da Rainha e à atenção com o importante relacionamento entre Ferreiro e seu filho, com a necessária ausência da mulher e da filha de Ferreiro à época de seu retorno final da Terra-Fada e com a dinâmica do diálogo final entre o Aprendiz e Noques. O longo ensaio, chamado "Ferreiro de Bosque Grande", como a própria história, examina o ambiente físico da aldeia, assim como sua condição moral e espiritual na abertura. O ensaio descreve seus ofícios, especialmente a importância da

culinária na vida da aldeia; mapeia sua relação com o Bosque e com as aldeias menores, Bosque Pequeno e Vilamata, dentro do Bosque; e examina com detalhes a relação, implícita mas vital, entre os habitantes dos mundos humano e fádico.

Finalmente, três documentos em fac-símile fornecem evidências do processo de criação e revisão. O rascunho híbrido, do qual infelizmente faltam duas páginas, ainda assim apresenta o que é provavelmente sua mais antiga versão da história completa, pois termina no último diálogo entre o Aprendiz e o velho Noques. A primeira metade desse rascunho é datilografada, enquanto a segunda, continuando uma sequência ininterrupta de pensamento, está redigida a tinta. Esse rascunho contém elementos que, apesar de retirados depois, deixaram sua marca no relato. O primeiro é o objeto que vai dentro do bolo, que nas páginas datilografadas não é uma estrela, e sim um anel. Na continuação manuscrita, o anel dá lugar à estrela, e assim permanece daí em diante. Mas, seja anel, seja estrela, a presença de um legítimo artefato fádico era o contrapeso necessário ao outro artefato, o bolo muito doce que representa a ideia do Cuca de *coisa de fada*.

O segundo é o epíteto do ferreiro. Quando o Rei encontra o ferreiro na Terra-Fada, dirige-se a ele como “Gilthir”, e na narrativa é acrescentado: “Pois esse era seu nome (Fronte Estrelada) na Terra-Fada; em casa era chamado de Alfred Filho do Ferreiro.” Assim como o anel, o nome fádico *Gilthir* desaparece, pois em todos os rascunhos seguintes desse episódio o ferreiro é chamado simplesmente de “Fronte Estrelada”, como na versão final publicada. Reduzido a *Alf*, o nome foi dado ao Aprendiz, para quem a equação Alf = Elfo era mais adequada.

Dois outros fac-símiles, um manuscrito e uma versão datilografada do episódio “Lago das Lágrimas”, que foi inserido, ilustram como Tolkien expandiu *Ferreiro de Bosque Grande* de dentro para fora. Acrescentada ao tempo do rascunho B e mantida em C, a cena evoluiu em quatro etapas de composição: duas versões manuscritas muito rudimentares de página única, uma cópia manuscrita clara, mas incompleta, reproduzida neste volume, e um rascunho final datilografado de página única, também reproduzido neste volume. A trajetória da história permaneceu coerente desde o princípio, mas o desenho narrativo foi elaborado pelo acréscimo de detalhes e episódios.

Esse material acrescentado proporciona ao leitor uma visão ampliada do processo criativo, mostrando Tolkien literalmente pensando no papel, e lhe

permite acompanhar o caminho autoral, desde a inspiração à formulação e à revisão minuciosa, trazendo à vida *Ferreiro de Bosque Grande* e seu autor.

VERLYN FLIEGER

and said good-bye to the Apprentice; no one else was about. 'Good-bye for now, Alf,' he said. 'I leave you to manage things as well as you can. I hope things go well. If we meet again, I expect to hear all about it. Tell them that I've gone on another holiday, a long one I hope; and that when that's over I shan't be coming back'.

There was quite a stir in the village when the Apprentice gave this message to people that came to the Cook-house. 'What a thing to do!' they said. 'And he's never made a Great Cake; it's still four years to the next. And what are we to do without any Master Cook?' But in all the arguments and discussions nobody ever thought of making the young Apprentice into the Cook. He had grown a bit taller, but still looked like a boy, and he had only served for three years. In the end for lack of any better they appointed a man of the village, though he was not much of a baker. He was a solid sort of man with a wife and children, and careful of money. 'At any rate he won't go off without notice' they said; 'and even a poor cooking is better than none'.

Nokes, for that was his name, was very pleased with the turn things had taken. For some time he used to put on the tall white hat when he was alone in the kitchen and look at himself in a polished frying pan and say; 'Good morning, Master Nokes! That tall hat suits you properly, makes you look quite the thing. I hope things go well with you'.

They went well enough; for Nokes was indeed a respectable Cook, and he had the Apprentice. But in due course the time for the Great Party began to draw near, and Nokes had to think about making the Cake. It worried him a bit, for although with four years' practice he could turn out

“Gênese da história”
Nota de Tolkien a Clyde Kilby

Possivelmente o item mais interessante, que revela a gênese da história.
Em algum momento de 1964, combinei com a Pantheon Books escrever um prefácio a *Golden Key*, de G. MacDonald, que pretendiam publicar como “história de fadas” para crianças. Sem dúvida, fui abordado porque mencionei G. M. (e *The G. Key* em particular) com louvor em *Árvore e folha*, p. 26 (ed. americana)[6]. No entanto, descobri que uma memória altamente seletiva só retivera algumas poucas impressões de coisas que me emocionaram, e uma releitura crítica de G. M. desagradou-me profundamente. É claro que eu nunca pensara em *The G. K.* como história para crianças (por mais que aparentemente G. McD pensasse). Assim, a tarefa mostrou-se desagradável para mim, mas fui liberado dela pela falência do projeto (e, que eu saiba, talvez da Pantheon Books).

Quando me esforçava para dizer algumas coisas úteis em um prefácio, pareceu-me inevitável lidar com o termo *fairy* — sempre inevitável hoje em dia, quer falando com crianças, quer com adultos (cf. a carta de Jack de 9 de outubro de 1954 na coletânea recente).

No decorrer desse processo, tentei dar uma ideia de “Faery” — e disse: “Isto poderia ser colocado em forma de ‘conto’ assim” e depois prossegui no que é uma primeira versão de *Ferreiro de B. G.*, pp. 11-20. Aí parei, percebendo que o “conto” tinha criado vida própria e deveria ser completado como uma coisa em si. Se houvesse continuado, teria apenas escrito um ensaio profundamente crítico ou um “antiensaio” sobre G. M. — desnecessário, e lamentável, já que G. M. prestou grandes serviços a outras mentes, como a de Jack. Mas, evidentemente, ele nasceu amando a alegoria (moral), e eu nasci com uma aversão instintiva a ela. “Phantastes” o despertou, e me afligiu com profunda antipatia. De todo modo, é melhor pregar pelo exemplo do que pela crítica dos demais. *Ferreiro*, porém, continua sendo, por assim dizer, “um tratado anti-G. M.”. Não há *nenhuma* alegoria em Faery, que é concebida como dotada de existência real, extramental. [Há um traço de alegoria na parte humana que me parece evidente, apesar de nenhum leitor ou crítico ainda ter topado com ela. Como é usual, não há “religião” na história, mas de modo muito claro o Mestre-Cuca e o Grande Salão etc. são uma alegoria (um tanto satírica) da igreja de aldeia e do pároco de aldeia: suas funções decaem continuamente e perdem todo o contato com as

"artes", reduzindo-se ao simples ato de comer e beber — sendo que o último traço de qualquer coisa "diferente" permanece nas crianças.]

Rascunho da apresentação de Tolkien para *The Golden Key*

NÃO LEIA ISTO! Ainda não.

Esta é uma famosa história de fadas. Espero que você goste dela. Isto é tudo o que precisa ser dito como “apresentação”: Leitor, apresento-lhe a Chave Dourada.

Nunca leio o que chamam de “apresentações” de histórias, sejam “de fadas” ou não, esses longos discursos sobre o autor ou a história, e creio que ninguém deve ler. Não é justo com o autor nem com o leitor. O autor pretendia falar diretamente a seu leitor, e não queria que outra pessoa interferisse alertando-o a atentar para isto ou aquilo ou a compreender aquilo ou isto, sem a história nem ter começado. Inicialmente vocês precisam ter liberdade para notar e gostar (ou não gostar) disto e daquilo por si sós, sem ajuda ou (muito provavelmente) impedimento. Então não me deem atenção. Pelo menos não até terem lido a história. Pois o que está errado nas “apresentações” é seu lugar. Elas deveriam vir em segundo lugar, não em primeiro, e ser chamadas de “*post lectiones*” ou pós-leituras, e ser como as conversas que um leitor poderia ter com outras pessoas que leram a história: tais conversas poderiam levar a um compartilhamento do prazer ou a um debate sobre as discordâncias, e até levar a uma segunda leitura.

Afinal, talvez fosse bem indelicado e também incômodo, se eu dissesse assim: “Caro leitor, posso apresentar-lhe George MacDonald? Espero que repare em sua bela barba, se bem que você precisa lembrar que na época dele os homens usavam barbas, grandes barbas, porém a dele é maior e melhor que a da maioria. Veja suas roupas espantosas: seu manto escarlate, seu maravilhoso colete com dúzias de botões dourados e suas joias! Mas você deveria vê-lo em traje completo das Highlands escocesas, com saiote, manta xadrez e punhal. E é claro que você reparou no seu sotaque escocês e no seu nome, e isso explica tudo. Ainda assim, preciso preveni-lo de que é um pregador, não apenas na plataforma ou no púlpito: em todos os seus inúmeros livros ele prega, e é sua pregação que é mais valorizada pela gente adulta que mais o admira.”

Acho que seria melhor simplesmente deixar você e George MacDonald a sós por uns momentos, caminhando ou conversando entre si, e permitir que primeiro descubram sozinhos o que conseguirem, com os próprios olhos e ouvidos.

Mas é claro que a conversa seria breve, assim como é breve *The Golden Key*, apesar de ser uma das melhores coisas que MacDonald escreveu. E depois da leitura ou do encontro talvez você quisesse fazer perguntas. Logo que as conhecemos, as pessoas nos parecem enigmáticas; e as pessoas notáveis, muito enigmáticas. Isso também acontece com seus escritos. Então poderia ser interessante ouvir o que outros têm a dizer, talvez alguém que conheceu a pessoa, ou seus livros, melhor ou por mais tempo. Se for interessante e você quiser ouvir mais, então leia isto. Se não, nem se dê ao trabalho.

Se você é o tipo de leitor que MacDonald realmente visava e leu *The Golden Key*, não esquecerá a história. Pelo menos alguma coisa permanecerá em sua mente, como imagem bela ou estranha ou preocupante, e lá crescerá, e também seu significado, ou um de seus significados — seu significado para você –, vai se desdobrar à medida que você também crescer. Para mim, a principal imagem que ficou foi o grande vale cercado de montanhas compactas e altaneiras, com seu fundo liso, onde as sombras brincavam, o mar de sombras lançadas por coisas que não podiam ser vistas. Quando reli a história após alguns anos, surpreendi-me com a quantidade de coisas que eu tinha esquecido. Mas esse ainda continua sendo o centro da história para mim. Agora descubro que, naturalmente, isso mexeu com a imaginação de outros leitores, apesar de não parecer tão importante para todos eles quanto para mim, nem ter para eles o mesmo "significado" que para mim. No entanto, isso não me incomoda. Essas imagens ou visões que aparecem em tais histórias são grandes e vivas, e ninguém que as vê, nem o próprio autor, as compreende completamente. Assim acontece com pessoas (até pessoas pequenas) ou com países (até províncias): são demasiado grandes, repletos de coisas variadas, para que mesmo antigos amigos ou habitantes tenham as mesmas opiniões a seu respeito. E, quando se trata da Terra das Fadas, ela não tem limites conhecidos, nem mapas! Os viajantes têm de se arranjar sem eles — provavelmente a melhor coisa. Pois, se fizerem algum para uso próprio, o perderão ou descobrirão que de nada servirá quando retornarem, principalmente se forem por uma estrada diferente.

No entanto, já que o próprio MacDonald chamou *The Golden Key* de história de fadas, creio que algo deve ser dito sobre "fadas".

Se algo for chamado de "história de fadas", o primeiro aspecto que se deve observar é a palavra "história". Não importa o que se ponha em seguida: simples, de fadas, sobre o passado, de fantasmas, científica, cautelar, moral, ou simplesmente engraçada, ela precisa contar alguma coisa. Uma história é uma

série de eventos relacionados que devem interessar a um ouvinte por si sós, mas especialmente por estarem dispostos em sequência do início escolhido ao final escolhido. Digo "escolhido" referindo-me ao "inventor", pois o início e o final de uma história estão para ela assim como as bordas da tela ou uma moldura acrescentada estão para a pintura, digamos, de uma paisagem. Ela concentra a atenção do contador, e a sua, em uma pequena parte do país. Mas é claro que não existem limites reais: sob a terra, e no céu acima dela, e nas lonjuras remotas e tenuemente vislumbradas, e nas regiões não reveladas de ambos os lados, existem coisas que influenciam a própria forma e cor da parte representada. Sem aquelas, ela seria bem diferente, e elas são realmente necessárias para compreender o que se vê.

Ainda assim, se olharmos a pintura, ou escutarmos a história, devemos ser capturados por ela, devemos querer ouvi-la toda (quem sabe mais de uma vez), devemos apreciar ouvi-la, até antes de começarmos a pensar por quê. Do contrário, a história terá fracassado (para nós). A palavra colocada em seguida não importa muito, apesar de poder ajudar, desde o começo, a lê-la no clima correto. Contudo, ela também pode ser enganosa. As histórias, assim como as pessoas que as escrevem, não são fáceis de rotular nem de descrever com uma única palavra. Gente sincera (pregadores, por exemplo) também pode ter humor; gente ligada à ciência pode escrever, e às vezes escreve, poesia e até histórias de fadas. Também pode ser que você tenha aversão por certos rótulos e evite tudo em que algum deles apareça associado, como *sermão* ou *remédio*, e diga "não é para mim" sem nem mesmo provar.

De qualquer maneira, o rótulo mais importante e também mais enganoso é *de fadas*. Por um lado, hoje em dia, o rótulo costuma ser utilizado de modo incorreto, e "especialmente adequado para crianças" costuma ser acrescentado a "história de fadas", o que basta para afastar qualquer criança (não importa a faixa etária que essa palavra abranja). Embora na verdade seja um elogio às "histórias de fadas", visto que crianças em geral são bons juízes de histórias como histórias: se estas as arrebatam, fazem que queiram continuar ouvindo ou lendo. Foram os próprios filhos pequenos de George MacDonald que primeiro ouviram *Alice no País das Maravilhas* lida do manuscrito, e Lewis Carroll a publicou porque os deleitara.

Por outro lado, *fada* costuma ser mal entendida. Foi outrora uma "grande palavra", incluindo muitas coisas maravilhosas, mas no uso costumeiro definhou, de modo que suponho que agora, para muita gente, significa primeiro uma

criaturinha, como um minúsculo ser humano, bonito ou travesso, que normalmente é invisível para nós. No entanto, "histórias de fadas" não são apenas histórias em que aparecem criaturas imaginárias desse tipo. Muitas nem as mencionam. Em várias outras, quando aparecem (como em *The Golden Key*), não são importantes. Você deve ter notado que, apesar de George MacDonald ter escrito esta história uns cem anos atrás, ele mesmo já falou das "criaturinhas comumente chamadas de fadas", mas acrescentou: "porém existem muitas espécies de fadas diferentes na Terra das Fadas". Poderia ter dito "espécies mais antigas, mais poderosas e importantes", mas deixa isso para os leitores descobrirem, se é que já não sabem.

A verdade é... só menciono esse fato histórico porque é impossível compreender o significado de *fada* sem sabê-lo... a verdade é que *fairy* [fada] originariamente nem significava uma "criatura", pequena ou grande. Significava encantamento ou magia e o mundo ou país encantado onde vivia gente maravilhosa, grande e pequena, com estranhos poderes da mente e da vontade, para o bem e para o mal. Ali todas as coisas eram maravilhosas: terra, água, ar e fogo, e todos os seres viventes e crescentes, bichos e pássaros, e árvores e ervas, eram estranhos e perigosos, pois possuíam poderes ocultos e eram mais do que aparentavam aos olhos mortais. Assim, quando *fairy* era associada a outra palavra (usada como adjetivo), como varinha ou história ou madrinha, ou em Fada Rainha e Terra das Fadas, não significava (e ainda não significa) "uma fadinha bonitinha". Significa poderoso, mágico, pertencente à Terra-Fada ou proveniente desse estranho mundo. A Fada Rainha não era uma rainha em forma de fadinha, e sim a Rainha da Terra-Fada, uma pessoa importante e perigosa, ainda que fosse bela, Rainha do mundo encantado e de todo o seu povo. Uma história de fadas é uma história sobre esse mundo, um vislumbre dele; se você a ler, entrará na Terra-Fada tendo o autor como guia. Pode ser um guia ruim ou bom: ruim se não levar a aventura a sério e estiver apenas "contando um conto" que acredita ser bom o suficiente para "crianças"; bom se souber alguma coisa sobre a Terra-Fada e tiver enxergado alguns vislumbres dela, os quais está tentando expressar em palavras. Mas Fairy é muito poderosa. Mesmo o guia ruim não pode escapar-lhe. Ele provavelmente constrói seu conto a partir de fragmentos de contos mais antigos ou de coisas que recorda pela metade, e pode ser que estes sejam demasiado fortes para que ele os corrompa ou desencante. Alguém pode encontrá-los pela primeira vez em seu tolo conto, entrever um vislumbre da Terra-Fada e prosseguir em direção a coisas melhores.

Isso poderia ser colocado na forma de uma “história curta” como esta. Havia outrora um cozinheiro, e ele imaginou fazer um bolo para uma festa de crianças. Sua intenção principal era que fosse bem doce, e pretendia cobri-lo inteiro com glacê de açúcar [*aqui o texto é interrompido*]...

Esquema temporal e personagens de
"O Grande Bolo"

Personagens

A. Alf, misterioso Aprendiz nomeado por V. Chamado de *Novato* pela maioria das pessoas. Mais tarde tornou-se MC (Mestre-Cuca). Finalmente revelado como Rei da Terra-Fada, viveu na aldeia durante 58 anos (por motivos próprios), mas, supõe-se, jamais deixou de visitar seu reino nesse tempo.

*E. Ella, filha de V. Casou-se com VF (*vide* F) e era mãe de F.

F. Ferreiro. A principal pessoa da história. Tornou-se o melhor ferreiro da aldeia e da região. Recebeu a "estrela-fada" no Banquete e tornou-se viajante na Terra-Fada. Seu nome (provavelmente Ned, como o filho) não está registrado. Era chamado de *Fronte Estrelada* na Terra-Fada.

JF. Jovem Ferreiro, seu filho Ned. NF. Nell (Tecelã), sua esposa. NFF. Nan (filha do Ferreiro), sua filha e descendente mais velha. VF. Velho Ferreiro, seu pai, a quem sucedeu.

FR. A Fada Rainha. Aparece apenas vista por F na Terra-Fada.

H. Harpista. Sucedeu A como MC.

N. Noques. Sucedeu V como MC, visto que não conseguiam achar ninguém melhor quando V (que nunca nomeara um aprendiz) partiu de repente e não voltou.

NB. Noques de Beiravila, seu neto (*vide* T). NF, NFF, *vide* F.

*R. Rosa Cantadora, linda jovem de uma aldeia distante, levada por V como esposa. Morreu dando à luz E.

T. Tim, filho de Noques de Beiravila e, portanto, bisneto de Noques. Sua mãe era W, irmã de NF, esposa de Ferreiro. Herdou a estrela.

V. "Vovô". Seu nome era Ginete. Após uma juventude aventurosa, casou-se com R e acomodou-se. Mais tarde tornou-

-se Aprendiz do MC de então, e por fim MC ele mesmo. Era o avô materno de F.

*W. Wyn (Tecelã), irmã de NF e mãe de NB.

Os nomes marcados com asterisco não são mencionados pelo nome na história tal como foi contada, mas seriam importantes em um relato completo. Duas outras pessoas também aparecem rapidamente: TA, Tom (Artífice) de Bosque

Pequeno, que se casou com Nan, filha de Ferreiro; e seu filho Tomzinho, neto do ferreiro. Quatro crianças, também presentes no banquete quando F recebeu a estrela, são mencionadas: além de Nell (NF), Molly do Moleiro, Harry do Tanoeiro e Lily do Fanqueiro.

Datas. Já que nenhuma pessoa mais velha que V aparece na história, para mostrar a sequência dos eventos e a idade dos diversos atores, as datas são calculadas a partir do ano do nascimento de V, que foi arbitrariamente tomado como 1000.

Ano

1000 Nascimento de V.

1018 V parte em suas “viagens” e só volta a Bosque Grande em intervalos irregulares, até 1035.

1027 Nascimento de VF.

1030 Nascimento de N.

1035 V casa-se com R e volta com ela para Bosque Grande.

1037 Nasce E, filha de V e R, que morre. V torna-se um homem grave e taciturno.

1038 O aprendiz do MC morre em um acidente. V oferece-se para ajudá-lo e aprender o ofício. Faz uma experiência e rapidamente se aperfeiçoa.

1044 V torna-se MC.

1048 V realiza um Banquete dos Vinte e Quatro com notável êxito.
Apesar de ele próprio não participar, reintroduz o canto e a dança (há muito deixados de lado) como parte da diversão das crianças.

1052 N, um jovem sem ofício, apesar de acreditar ter habilidades para realizar muitos deles, oferece-se a V como assistente. A ajuda de N é permitida quando há muito trabalho, mas, assim que aprende um pouco, ele acredita que sabe tudo. V não gosta dele e algum tempo depois não o quer como empregado. V recusa-se a nomear um aprendiz dentre os rapazes da aldeia.

1055 N casa-se com uma mulher que tem algum dinheiro. Não faz nada em especial, mas cozinha como “passatempo”.

1062 E, aos 25 anos, casa-se com VF, que tem dez anos a mais. Ele tinha sido considerado um solteirão convicto, “ocupado demais com o trabalho para pensar em se casar”. Na primavera imediatamente seguinte ao casamento, V parte em “férias”. Sua filha E, excelente cozinheira, administra a Cozinha na ausência dele e declina a ajuda de N. V retorna bem a tempo para o Banquete de Inverno. Leva consigo A, como aprendiz, para surpresa geral. A aparenta não ter mais de doze ou treze anos. Agora V é um homem muito mais alegre. Pode-se supor que ele tenha voltado à Terra-Fada para fazer uma visita.

1063 F nasce em junho.

1065 N (Nell Tecelã) nasce, também em junho. No outono, V parte outra vez e anuncia que não voltará. Deixa A como encarregado. (Deposita uma estrelinha de prata em uma caixa preta de especiarias no depósito.) O Conselho da Aldeia não quer nomear A como Mestre-Cuca, pois ele parece um simples garoto. À falta de alguém melhor, nomeiam N como MC. A continua como aprendiz de N.

1072 Acontece mais um Banquete dos Vinte e Quatro. N põe a estrela de prata no Grande Bolo entre outras moedas e miudezas, mas de fato A faz a maior parte do Bolo e toda a decoração. F e N[ell] são duas das crianças presentes. F engole a estrela sem sabê-lo.

1073 F descobre a estrela de prata ao amanhecer de seu décimo aniversário, em junho.

1078 F começa a ajudar seu pai VF na forja, demonstrando um extraordinário talento.

1079 Nasce H.

1090 N, agora muito gordo e preguiçoso, aposenta-se aos 60 anos. Por muito tempo A fez praticamente todo o seu trabalho, como muitos da aldeia imaginam. A, agora aparentando ser um homem com mais de 40 anos, é nomeado MC.

1091 F casa-se com Nell. F tem 28 anos; Nell, 26. O casamento provavelmente é retardado pelas viagens de F à Terra-Fada e pela necessidade de ele assumir cada vez mais o trabalho do pai. Parece que F foi poucas vezes à Terra-Fada alguns anos imediatamente após se casar e não ultrapassou suas fronteiras. Provavelmente a maior parte de suas longas viagens à Terra-Fada foi empreendida entre 1098 e 1108 e em 1115-1120.

1093 NFF (Nan) nasce em maio.

1095 A nomeia H seu aprendiz.

1096 JF (Ned) nasce na primavera. No inverno celebra-se um Banquete dos Vinte e Quatro. Foi o primeiro conduzido por A, tendo sido elogiado como “o melhor de que se tem lembrança”.

1104 VF morre (77).

1105 E, esposa de VF, morre. F e sua família se mudam de uma pequena casa para a Velha Casa da Forja. Ela fica na Estrada Oeste, e é a última casa da aldeia daquele lado.

1108 F retorna de uma longa visita à Terra-Fada, trazendo a Flor Vivente, que lhe foi dada pela donzela dançarina.

1112 Tim, filho de NB, nasce em março.

1117 Nan casa-se com Tom Artífice de Bosque Pequeno: um parente remoto (primo de terceiro grau), descendente da irmã da mãe de V.

1118 Tomzinho, filho de Nan e neto de F, nasce no outono.

1120 F faz sua última viagem à Terra-Fada e encontra a Rainha. A o alcança no caminho de volta. E entrega a estrela a A, que a põe na caixa preta. A faz uma visita ao velho N. O Banquete dos Vinte e Quatro é celebrado. A estrela passa para Tim. A anuncia sua partida. H torna-se MC nos primeiros dias de 1121.

Sugestões para o final
da história

O Aprendiz-Fada (evidentemente é sugerido que ele era na verdade o Rei, em "aventura" ou missão no mundo mortal) deve ter tido ele próprio um aprendiz: a situação do Cuca que parte e não deixa sucessor não pode se repetir. É preciso fazer alguma menção a isso mais no começo da história. Quem era o aprendiz? Não o filho de Ferreiro, pois isso teria posto o Ap.-Fada em conexão próxima com o ferreiro. Nem, é claro, outra vez uma pessoa "élfica". Ou nada se diz da escolha do ap. que suceda o Ap.-Fada, ou então deveria ser alguém importante. Quem sabe o filho do Velho Noques?

Quando Ferreiro volta para casa depois de entregar a estrela, deve ser dito mais do que já se disse sobre o que foi feito dele? Em um rascunho anterior está escrito que ele *poderia* voltar à Terra-Fada, pois a marca da estrela que permanecera em sua testa ainda era visível à gente da Terra-Fada. Mas não podia se embrenhar muito, nem jamais visitar algum lugar novo nem ver alguma coisa nova que já não vira. (Isso, é claro, tem um significado: chega uma época, para escritores e artistas, em que a invenção e a "visão" cessam, e eles só podem refletir sobre o que viram e aprenderam.) No entanto, esse não é o aspecto crucial da história, que inclui sacrifício e a transmissão, com confiança e sem se prender às coisas, do poder e da visão para a geração seguinte. Outro aspecto é que as visões da imaginação não bastam, são apenas imagens e sugestões. Quando vem a sabedoria, a mente, embora enriquecida pela imaginação, tendo aprendido ou visto ao longe verdades só perceptíveis desse modo, precisa se preparar para abandonar o mundo dos Homens e da Terra-Fada.

Na cena junto à forja, em que o filho obviamente está assumindo o trabalho do pai no mundo dos Homens, apesar de suas insinuações sobre a "Terra-Fada" jamais ultrapassarem o que ele recebeu do pai em segunda mão — e quanto à esposa e à filha? Sinto que na casa não deveria haver ninguém a não ser o filho e o pai. Porém a esposa não pode ter morrido — algo sobre isso precisaria ter sido dito antes. Mais fácil não dizer nada. E melhor? Mas acho que deveria ser usado um tom banal, muito "mortal" e doméstico, fazendo com que as aventuras na Terra-Fada pareçam muito remotas, até absurdas.

?A filha deveria ter-se casado — talvez com um homem em outra aldeia. A esposa chamada inesperadamente ao nascimento de seu primeiro filho, o

primeiro neto do ferreiro.

Qual há de ser a mensagem para o Rei? E o que há de significar? *Você é esperado*. Isso poderia soar como uma ordem para voltar. Mas a supremacia do Rei precisa ser mantida. Do contrário, deve ser apenas a mensagem de uma esposa a um marido ausente, o que não é o tipo de coisa a ser enviada por tal mensageiro. OU, se importante e urgente, tem de se referir ao reino da Terra-Fada e a seu governo, e a assuntos além do interesse mortal. Seja como for, a Rainha deve ter sabido pelo menos onde encontrar o Rei, e poderia ter mandado um mensageiro mais veloz e mais bem informado. *Chegou a hora*. Isso poderia ser interpretado de forma sensata, como uma mensagem que de fato dizia respeito ao ferreiro. Ela poderia dizer ao Rei, se ele a recebesse, que a Rainha vira e examinara o ferreiro e agora julgava que chegara a hora de ele desistir da estrela. (Uma opinião que provavelmente o Rei já tinha, e possivelmente a Rainha não: ele esperava o resultado da conversa com ela, quem sabe, além de sua opinião.) Essa mensagem seria enviada pelo próprio ferreiro, porque ele estava envolvido e estava retornando de imediato ao lugar onde se encontrava o Rei. A Rainha disse "se o encontrar". Ela não sabia se, afinal, o ferreiro o reconheceria. Não precisava saber que o Rei arranjaria um encontro justamente dentro dos limites da Terra-Fada, onde o reconhecimento era mais provável. Se o ferreiro o tivesse reconhecido, não haveria mais dúvida de que "a hora chegara".

Pretende-se sugerir que o ferreiro não reconheceu conscientemente o Rei como tal. Sempre tivera uma vaga ideia de que o "Aprendiz" era uma pessoa especial, e agora sabia que ele, pelo menos, também caminhava na Terra-Fada. Agora percebia vagamente que ele tinha alguma autoridade ligada à estrela — nada mais do que isso. No entanto, o Rei o induzira a abandonar a estrela sem usar de força nem de autoridade, como um ato de generosidade.

É provável que a transmissão da mensagem deva ser introduzida mais cedo. Então seria mostrada a sabedoria do Rei ao tramar a entrega daquele modo, em vez de ele próprio se revelar. Mais ou menos assim:

Depois de "[...] como lidar com a estrela".

Nada mais disseram, e seguiram juntos pelo caminho. Haviam passado dos limites da Terra-Fada e se aproximavam da aldeia quando de repente o ferreiro parou.

— Mestre-Cuca — disse –, alguma coisa... — e então: — "*chegou a hora*".

Continuar: — Compreendo. Agora vá para casa em paz.

Seguiram caminhando até finalmente chegarem ao salão da aldeia, e no mundo o sol se punha e havia uma luz vermelha nas janelas; os entalhes dourados da grande porta fulguravam.[7] O Cuca abriu uma portinha nos fundos e conduziu o ferreiro ao longo de um corredor escuro, para dentro do depósito. Acendeu uma vela comprida, destrancou um armário e desceu a caixa preta da prateleira.

Continuar como na versão até “[...] em um céu límpido, junto à Lua”.

Agora escrever: Então ele suspirou profundamente e seguiu seu caminho; porém mais uma vez olhou para trás e viu o Cuca Aprendiz, alto, de pé na porta estreita, observando-o. Ambos ergueram a mão em despedida.

Agora, na penumbra crescente, ele caminhava depressa para sua casa...

Seja como for, a mensagem apressaria a partida do Rei. Sua missão estava cumprida — ou estaria quando a estrela passasse para outra criança. Após a próxima Grande Festa, dali a três meses — agora era o começo de outubro, logo ele iria embora, deixando o aprendiz encarregado.

Pergunta: A história deveria terminar com o episódio, bastante absurdo, do Aprendiz conversando com o gordo e convencido Velho Noques? A ideia original era que fosse o rei-cozinheiro, que antes de deixar Noques foi revelado a este, mas isso não teve efeito sobre ele e foi atribuído a um sonho depois de um apetitoso jantar. ?Poderia ser o novo Aprendiz, que tinha conhecimento, pelo rei-cozinheiro, da devolução da estrela à caixa pelo ferreiro. (Mas isso eliminaria os detalhes cômicos das lembranças da Festa da Estrela, que são o que realmente importa.)

?Deveria ser dito a quem foi passada a estrela creio que não.

Ferreiro de Bosque Grande

> [Este ensaio foi transcrito para ser o mais fiel possível ao texto datilografado de Tolkien, no qual ele inseriu informações secundárias em notas no interior do texto, escrevendo-as à medida que as ideias lhe ocorriam, frequentemente no meio de um parágrafo, às vezes no meio de uma frase. Seu expediente para sinalizar as notas foi datilografá-las em vermelho, de modo que se destacam do texto, apesar de estarem plenamente inseridas nele. Aqui as notas foram reproduzidas na mesma posição em que Tolkien as escreveu originalmente, mas em cinza e em corpo menor.]

Este breve conto não é uma "alegoria", embora, é claro, seja passível de interpretações alegóricas em certos pontos. É um "Conto de Fadas", do tipo em que seres que podem ser chamados de "fadas" ou "elfos" desempenham um papel, são associados na ação a pessoas e vistos como possuindo uma existência "real", ou seja, uma existência de próprio direito e independente da imaginação e invenção humanas. Passa-se em uma zona rural imaginária (mas inglesa), antes do advento da maquinaria a força motriz, porém em uma época em que uma comunidade próspera, principalmente de artesãos, em um ambiente agrícola, podia ter consciência e dispor de recursos para importar produtos luxuosos como açúcar e especiarias. Sugere-se que essa prosperidade, baseada no trabalho diligente e na perícia da maior parte da comunidade, tinha começado a produzir o efeito de tornar muitos deles vulgarmente convencidos e mais toscos. Assim, é evidente que à época da abertura da história os "festivais" celebrados envolviam principalmente comer e beber; pouco se pensava em dançar, cantar e contar histórias. Não há menção a instrumentos musicais, exceto no nome Harpista (que, como veremos, é significativo). O Grande Salão não está mais pintado nem enfeitado.

As ligações geográficas entre o Bosque Grande e a Terra-Fada são inevitavelmente, mas também intencionalmente, mantidas vagas. Em tais histórias precisa haver algum meio ou meios de acesso da Terra-Fada e para ela, disponível pelo menos aos elfos, assim como a mortais privilegiados. No entanto, é necessário também que a Terra-Fada e o Mundo (dos Homens), apesar de estarem em contato, ocupem um tempo e um espaço diferentes, ou os ocupem de diferentes modos. Assim, embora pareça que o Ferreiro possa entrar na

Terra-Fada relativamente à vontade (sendo especialmente privilegiado), fica evidente que é uma terra ou mundo de limites desconhecidos, que contém mares e montanhas. Também é claro que, mesmo durante uma breve visita (como em um passeio vespertino), ele pode passar na Terra-Fada muito mais tempo do que sua ausência conta no mundo. Em suas longas viagens, uma ausência de casa de uma semana, digamos, é o bastante para possibilitar explorações e experiências na Terra-Fada equivalentes a meses ou até anos.

No que diz respeito à geografia, a Terra-Fada se situa (ou suas entradas ficam) a oeste. "De Vila Longe-Leste à Floresta Poente" indica as fronteiras do mundo para os aldeões: desde a mais oriental aldeia de gente de sua espécie até a Floresta, ainda inculta, imediatamente a oeste. Assim, as aldeias Bosque representam uma intrusão anterior dos povoamentos humanos na região estranha da Floresta; Bosque Pequeno é [a]inda uma aldeia em uma clareira. A Floresta ainda fica próxima da margem oeste de Bosque Grande. A forja fica no extremo de sua margem oeste (se quisermos, por causa da necessidade de lenha como combustível). Seja como for, isso torna mais fácil para o Ferreiro entrar na Floresta sem ser observado por ninguém, a não ser os de seu lar, ou sair em viagens "a trabalho" sem que seus movimentos sejam objeto de mexericos.

Em muitas Histórias de Fadas utiliza-se a ideia de que o tempo passa depressa na Terra-Fada, de modo que um homem que encontre o caminho de lá pode sair depois do que parece um breve episódio e descobrir que anos, até séculos, se passaram. Exceto como mero artifício para trazer um homem do passado ao contato com um tempo (para ele) futuro — ou seja, em uma história em que esse é o verdadeiro ponto crucial e a Terra-Fada como tal não é seriamente considerada –, sempre senti que isso era um erro: um erro de credibilidade, se for levada a sério uma Terra-Fada de qualquer espécie. É verdade que o fato de o tempo aparente na Terra-Fada ser muito mais longo do que se percebe é normalmente relatado acerca de mortais intrusos na Terra-Fada. É verdade também que em algumas experiências efetivas o tempo que levam pode parecer curto e revelar-se muito mais longo quando é retomado o contato com assuntos cotidianos. Isso ocorre sobretudo após a absorção (movido sobretudo por um vívido interesse e também, comumente, por prazer) em coisas como ler, assistir a peças, participar de folguedos ou encontros com amigos. Muitas vezes eu disse que essa ideia deve ter se originado em tavernas, pois em nenhum lugar o tempo "voa" tão depressa, comparado à experiência diária, como sentado, bebendo e conversando com amigos queridos em uma taverna. Tenho certeza de que há um pouco de verdade nisso. Mas há outras experiências. Notadamente a dos sonhos,

em que se pode descobrir que uma experiência longa (ou plena) ocupou um tempo breve no mundo extramental. Talvez a "narrativa" seja a única medida comum. O que leva muito tempo para relatar adequadamente é longo. (Quero dizer: relatar, se desejarmos ou precisarmos fazê-lo. Um autor de diário que escreve em certo dia "nada a relatar" provavelmente quer dizer "nada que me interesse" ou "nada do tipo que normalmente registro para referência futura".) "Ó minutos grandes como anos!" Quem sabe o sonho seja uma analogia melhor para essa finalidade. Entretanto, também é preciso considerar isto: a Terra-Fada desta história é especial. Se a aceitarmos enquanto estamos "dentro" da história, então claramente os Soberanos da Terra-Fada — que são apresentados como interessados nos Homens (não necessariamente em primeiro lugar) e benéficos — precisam ser capazes de providenciar que as experiências de pessoas humanas privilegiadas na Terra-Fada possam ser vividas sem que elas abandonem sua vida humana normal. Seu tempo de Terra-Fada precisa ser diferente, mesmo que seja contíguo em certos pontos. Para eles o tempo humano também é ou pode ser mais longo que o da Terra-Fada. O Rei mora em Bosque Grande por cinquenta e oito anos.

Sobre o local. A entrada nos limites "geográficos" da Terra-Fada também envolve a entrada no Tempo-Fada. Como um mortal "entra" no reino geográfico da Terra-Fada? Evidentemente não em sonho ou ilusão. Objetos físicos, como a estrela, a Flor Vivente e o brinquedo élfico, sobrevivem aos transplantes da Terra-Fada para o Mundo. Em histórias de fadas é comum que a entrada no mundo fádico seja apresentada como viagem subterrânea, para dentro de uma colina, montanha ou coisa parecida. As origens disso não me importam aqui. Elas encontram-se, em grande medida, na imaginação necrológica. Porém, tal como são usadas, resultam frequentemente em meras "racionalizações" — como a redução do tamanho dos "elfos" –, uma forma de produzir uma terra de prodígios na *mesma geografia* daquela dos Homens. Não são nem mais críveis nem mais interessantes do que as histórias de Edgar Rice Burroughs, que tratam de um vasto mundo subterrâneo. Para mim, elas matam a própria espécie de "crença literária" que pretendem produzir.

Meu símbolo não é o subsolo, seja necrológico e órfico, seja pseudocientífico em jargão, e sim a Floresta: as regiões ainda imunes às atividades humanas, ainda não dominadas por eles (dominadas! não conquistadas!). Se o Tempo-Fada em alguns pontos é contíguo ao nosso, a contiguidade também ocorrerá em pontos relacionados no espaço — ou essa é a teoria para os fins da história. Em certos pontos nas margens da Floresta ou logo após ultrapassá-las, uma pessoa

humana pode topar com esses pontos contíguos e penetrar ali no tempo e espaço T-F. — se for apta ou estiver autorizada a fazê-lo. No tempo relativamente breve da história (ou até de várias gerações de Homens em seu pano de fundo "histórico" sugerido), esses pontos permanecerão reconhecíveis e capazes de serem revisitados pelos que os encontraram antes. Penetrar profundamente na Terra-Fada ou alcançar suas paragens distantes, a partir de tais pontos, representa uma passagem cada vez mais distante de um mundo familiar ou antropocêntrico. No entanto, nesta história a Floresta e a Árvore continuam sendo símbolos dominantes. Ocorrem em três das quatro experiências "lembradas" e registradas do Ferreiro — antes de sua despedida da Rainha. Não acontecem na primeira porque é naquele ponto que ele descobre que a Terra-Fada é "ilimitada" e envolve principalmente vastas regiões e eventos que não dizem respeito aos Homens e são impenetráveis por eles.

A situação na aldeia de Bosque Grande é evidentemente dessa espécie. Ela era governada, em termos locais, por um conselho provavelmente um grupo dos líderes dos principais e mais prósperos "ofícios". Os ofícios ainda eram tradicionais e em grande medida hereditários: passados de pai para filho ou das mulheres para as filhas. Mas, quando não havia crianças ou nenhuma disponível com aptidão suficiente, um artesão ou uma artesã podia tomar um "aprendiz", e isso normalmente significava inclusão na casa e na família. Não havia sobrenomes próprios. Os nomes Ferreiro, Tanoeiro, Moleiro, Artífice, Tecelão, Tecelã (para mulheres), Pedreiro[8] e semelhantes indicavam que seus donos de fato praticavam o ofício ou, em alguns casos, o comércio, assim como, em aldeias prósperas, vendedores de bens "importados", como Fanqueiro ou Especieiro ou Merceeiro[9] . As crianças recebiam nomes simples, colocados após o nome do ofício do pai ou às vezes, no caso de meninas, após o da mãe, como "Fanny da Tecelã".

> * Noques é uma exceção deliberada. Ele tem um nome "geográfico" (mora perto do carvalho)[10]. Não remete a nenhum ofício. Parece que tem "meios", ou seja, provavelmente possui algumas terras fora da aldeia, e descende da gente camponesa ou agricultora da região circundante. Em tal caso, ou no caso de ofícios praticados por diversas pessoas ou famílias, podiam ser acrescentadas outras definições, como "(de) Beiravila", isto é, morando na última casa, em uma ou outra extremidade da rua principal.

Os nomes escolhidos são simples nomes abreviados, apresentando pouca

relação com suas formas originais: Ned, Tim, Tom, Nell, Nan etc. Isso permite usar *Alf* para o aprendiz élfico. (Esse nome evidentemente lhe foi dado pelo Mestre-Cuca que o levou.)

A culinária era uma exceção. Apesar de ser uma habilidade reconhecida e estimada, não era praticada como ofício familiar, nem, em geral, como meio de vida. Não existia nada que correspondesse a restaurantes. Forasteiros a negócios podiam obter comida e alojamento na única Estalagem: não havia, naquela época, outro nome para ela, porém sobre a porta ainda se podia ver uma pedra entalhada, muito desfigurada pelo tempo, portando aparentemente a representação de três árvores e a inscrição *Welco¯ to þe Wode*[11]. Mas ela não era usada pelos aldeões. A culinária doméstica era praticada no lar, por mulheres e homens — principalmente por mulheres, a não ser que fossem artesãs atarefadas. O Mestre-Cuca, contudo, era um funcionário público, e importante. Era custeado pelos fundos públicos, assim como as provisões para os banquetes públicos. Seu cargo não era hereditário, mas escolhido, na medida do possível, pelo gosto e talento. Isso e a sucessão normalmente se davam pelo fato de o MC escolher um aprendiz a tempo de treiná-lo antes de se aposentar. É claro que o aprendiz era normalmente um rapaz da aldeia. Em regra, vários se candidatavam para o aprendizado, visto que o cargo era invejável e trazia consigo a Casa do Cuca, contígua ao Salão. Porém o tempo de espera antes da sucessão podia ser muito longo. O MC podia se aposentar a qualquer hora, depois de satisfeito com as realizações do aprendiz. Mas não era obrigado a se aposentar e muitas vezes relutava em fazê-lo, apesar de lhe serem fornecidos uma pensão decente e um chalé confortável. Quando se aposentava, no entanto, o Aprendiz sucedia a ele sem discussão, exceto em circunstâncias muito extraordinárias.*

> * Tal conjunto de circunstâncias ocorre na história: a morte ou partida do MC antes que ele tivesse nomeado um aprendiz, ou antes que o A. fosse considerado treinado ou velho o bastante para a responsabilidade. O comportamento do Vovô Ginete no começo da história foi totalmente excepcional e esquisito. Mas era possível que acidentes acontecessem com um Aprendiz. Na verdade, Vovô G. devia seu cargo a um desses acidentes (bem como aos próprios talentos versáteis). O A. do MC anterior (que já estava velho e pensando na aposentadoria) morreu devido à queda de uma árvore em um dia de violenta tempestade, pouco antes do Banquete de Inverno. Ginete ofereceu ajuda na emergência e

logo demonstrou ser tão engenhoso que alguns anos depois o MC pôde se aposentar e lhe entregar o cargo.

Esse "Vovô Ginete", que parece ter desencadeado os acontecimentos desta história, era evidentemente uma pessoa notável e peculiar. Seu nome era Ginete, indicando que ele não era membro nem praticante de um dos "ofícios" principais. Os Ginetes interessavam-se por cavalos e seu sustento provinha, além do treinamento e tratamento de cavalos, da atuação como o equivalente ao correio e ao serviço de entregas local. Levavam mensagens ou cartas urgentes e às vezes transportavam pacotes a outras aldeias e propriedades rurais, especialmente as distantes, com frequência voltando com missões semelhantes. Essa parte de seu trabalho convinha especialmente a Rob, filho mais moço de seu pai. Puxou bastante à mãe, uma Flautista de Bosque Pequeno, e era agitado e aventureiro. Começou a fazer entregas a cavalo quando tinha pouco mais de quinze anos. Logo se tornou conhecido pela velocidade e precisão com que levava mensagens ou realizava incumbências e por sua relutância em retornar e relatar. Algum tempo depois, deixou de morar em Bosque Grande e só voltava para lá a intervalos irregulares, conforme lhe conviesse. Tornou-se "viajante", homem sem moradia nem sustento fixos. Durante esse período, apesar dos inúmeros boatos que corriam, nada se sabia realmente sobre suas viagens e aventuras, até que um dia ele retornou, aparentemente munido de dinheiro e certamente de uma esposa. Era uma mulher jovem e linda chamada Rosa, uma Cantadora de Vilamata, aldeia distante para além de Bosque Pequeno. Era muito mais nova que ele, que àquela altura já devia ter pelo menos trinta e cinco anos.

Dois anos mais tarde nasceu-lhes a filha Ella, mas a mãe morreu no parto. Ginete, que já parecera, para quem o recordava como menino, ter se transformado em homem silencioso e pensativo, tornou-se então triste e taciturno. Raramente o viam fora de casa durante o dia, mas às vezes era encontrado caminhando sozinho por quem estivesse fora muito tarde ou muito cedo, antes do nascer do dia. O ano seguinte foi lembrado por muito tempo como um ano ruim em Bosque, começando com fortes nevascas e prosseguindo violento e tempestuoso até o fim. No início de dezembro uma grande ventania causou muitos danos na aldeia e derrubou muitas árvores velhas. O aprendiz do Mestre-Cuca de então era praticamente da mesma idade de Ginete, um homem chamado Artífice, competente e apreciado, que esperava logo se tornar Mestre-Cuca (o que todos também esperavam), visto que o velho Cuca pretendia aposentar-se em breve. Infelizmente Artífice estava a caminho de casa, saindo

da Cozinha bem ao pôr do sol, quando uma grande rajada fez tombar um velho pé de freixo que se erguia perto de sua casa, e ele foi esmagado e morto pela queda da árvore.

A aldeia cobriu-se de luto e o velho Mestre-Cuca ficou consternado, pois o Banquete de Inverno se avizinhava e ele não dispunha de um ajudante competente. No dia seguinte Ginete foi à Cozinha e deu ao ancião toda a ajuda que pôde. Antes do cair da noite, tudo ali estava em melhor ordem do que estivera durante anos, e novos planos para o arranjo do Banquete foram traçados. Ao se preparar para ir para casa, Ginete disse:

— Mais um par de mãos é útil, Mestre. Se as minhas servirem para algo durante seu luto e dificuldade, diga, e estarei a seu lado enquanto precisar de mim.

Foi assim que Ginete se tornou empregado do Cuca. Para sua surpresa e de toda a aldeia (pois, seja como for, nada se sabia sobre sua vida errante que lhe pudesse ter dado a oportunidade de aprender o ofício), Ginete não apenas demonstrou muito conhecimento, como também grande talento para aprender mais depressa. O Banquete de Inverno transcorreu bem, e antes do próximo ficou entendido que Ginete estava aceito como aprendiz regular. Quando o Cuca finalmente se aposentou, cerca de seis anos após a morte de Artífice, não houve dúvida sobre a sucessão, e Ginete se tornou Mestre-Cuca. Continuou sendo um homem taciturno, com o rosto um pouco triste, mas de movimentos rápidos. Não era carrancudo nem hostil, mas tinha evidente prazer em agradar e se deleitava com a alegria alheia, apesar de pouco participar dela. Sua cabeça parecia estar em outro lugar, se é que era possível dizer isso sobre alguém que cuidava tão prontamente de tudo o que fazia parte de seus deveres, e com tanta habilidade. O Banquete dos Vinte e Quatro que ocorreu quatro anos depois de ele se tornar Mestre foi notável; na verdade, diziam que foi o melhor que se celebrara na lembrança dos que viviam. E o mais alegre. Pois o canto e a dança foram reintroduzidos, após longo descaso, como parte da diversão.

O restante da história do tempo de Ginete como Mestre-Cuca está relatado no conto. Quando completou 52 anos ainda não havia nomeado aprendiz, o que começou a causar preocupação. Não que já necessitasse de ajuda. Ginete estava ativo e mais do que capaz. Sua filha Ella também era excelente cozinheira e muitas vezes ajudava em festas particulares de família ou em tempos de pressão durante os Banquetes. Para todas as tarefas secundárias, como lavar, limpar, preparar, servir e outras, o mestre Cuca sempre conseguia, é claro, encontrar

bastante auxílio. Era o assunto da sucessão que afligia o Conselho. Foi nessa época que um jovem chamado Noques se apresentou para ser admitido. Ginete não gostou dele, mas, por causa da pressão para que começasse a treinar um sucessor, deu-lhe uma oportunidade. Ele conhecia um pouco de culinária, porém nem de longe tanto quanto acreditava. Era difícil de ensinar, pois não era um aluno esperto e não gostava de ser corrigido. Quando achava algo complicado, logo desistia, e depois fingia considerar aquilo desimportante.

— É só uma bobagem — gostava de dizer –, pode agradar a alguns, mas não há grande necessidade disso.

Ginete *não* o nomeou aprendiz. Por algum tempo foi chamado para ajudar em épocas muito agitadas, porém logo Ginete o desprezou por completo.

Sem dúvida, foi em razão de sua experiência com Noques (em parte, pode ter havido outros motivos) que Ginete se tornou tão obstinado e resistiu por muitos anos a todas as pressões para encontrar um aprendiz. Não tinha um quando decidiu sair inesperadamente de férias, apesar de ter então 62 anos e ter sido MC por dezoito. Partiu na primavera, imediatamente após o casamento de sua filha com Ferreiro (nome completo: Joe Ferreiro de Beira Oeste*). Portanto, a época mais atarefada do ano estava chegando, apesar de ter passado o grande Banquete de Primavera. Contudo, Ella foi capaz de assumir o trabalho da cozinha e teve ajuda dos amigos. Recusou-se a tratar qualquer coisa com Noques, de quem não gostava. (Dizia-se que Noques, "tentando achar uma porta lateral da Cozinha", como diziam os boatos, lhe tinha proposto casamento alguns anos antes.)

> * Era chamado assim porque havia vários Ferreiros na aldeia, porém Joe era filho do chefe do ofício, proprietário da antiga Velha Forja nos arrabaldes oeste da aldeia. Joe era dedicado ao ofício e ao pai, que o dominava bastante. Ele era seu filho caçula (de muitos) e o único homem. Foi só depois que o pai morreu que Joe pensou (ou conseguiu pensar) em casamento. Tinha então 35 anos, e Ella, 25. Ao contrário do pai, o primeiro filho de Joe foi um menino: o Ferreiro (Filho do Ferreiro) da história, seguido por três filhas.

Esta é a história "exterior" de Rob Ginete, antes de seu retorno, no inverno, do "ano de férias", trazendo consigo um aprendiz de origem desconhecida. Desse "menino" Ginete claramente gostava muito. Eram íntimos e confidentes. Ginete evidentemente o considerava pessoa de grandes habilidades (a despeito da pouca idade) e acreditava que superaria todas as dificuldades causadas pela partida

súbita do MC. Parece provável que Ginete tenha partido sem avisar, sabendo, ou pelo menos esperando, que seu aprendiz teria permissão para sucedê-lo se o Conselho estivesse diante de uma súbita vaga sem tempo de discutir com ele ou pressioná-lo. Provavelmente nunca lhe ocorreu que fosse possível Noques se intrometer. O que Alf, o aprendiz, pensou é outro assunto. Portanto, é preciso examinar o máximo possível da vida pregressa de Alf e de Ginete.

Quase não resta dúvida de que Ginete sabia que Alf era um elfo disfarçado. (O nome Alf que ele lhe deu demonstra isso, embora fosse bastante comum na aldeia para passar despercebido.) Mas também é óbvio que não tinha consciência de sua identidade, apesar de supor que fosse emissário e serviçal dos "Grandes da Terra-Fada", e deve ter sabido algo dos propósitos deles, já que de fato ele próprio estava empenhado em ajudá-los.

Apesar de tudo isso permanecer vago na história, o próximo "pano de fundo" servirá para explicar os eventos. As aldeias ocidentais da região, entre elas, os Bosques e Vilamata, eram originalmente pontos de contato entre a Terra-Fada e aquele país dos Homens. Em um período anterior estavam na verdade dentro dos limites da Floresta, como seus nomes indicam. Bosque Pequeno continuava cercado de árvores; Vilamata ficava ainda mais fundo na Floresta. As pessoas dessas três aldeias eram descendentes de gente intimamente aparentada e, pelo menos no caso dos Bosques, o casamento dentro da família ainda era frequente. Vilamata, contudo, era tida então como um lugar onde muitas pessoas eram esquisitas e antiquadas, fosse porque estivessem mais no fundo da Floresta, fosse apenas porque a aldeia era mais afastada, raramente visitada exceto por cavaleiros e "viajantes" de Bosque Grande. (As rotas comerciais, por assim dizer, de B. Grande seguiam em sua maioria para o leste.)

Os ofícios de Bosque, em que se baseava sua prosperidade atual, no começo realmente deviam sua fama e sucesso comercial à habilidade especial e qualidade "artística" que o contato com a Terra-Fada lhes conferira. Mas o sucesso comercial tinha começado a surtir efeito havia algum tempo. A aldeia se tornara confortável e convencida. A qualidade artística de seus produtos estava declinando, e em certa medida também a tradicional habilidade manual, apesar de isso ainda não ter afetado seu mercado. No entanto, a aldeia não percebia o risco que estava correndo: uma diminuição de sua prosperidade, que não seria sustentada para sempre pelo "bom nome" e pelas conexões estabelecidas com os clientes do leste nem pelo simples esforço e perspicácia nos negócios. Se o vínculo entre os aldeões e a Terra-Fada fosse rompido, a aldeia retornaria a suas

origens miseráveis. Na verdade, nem tudo estava bem na aldeia. Os que exerciam ofícios ligados aos negócios e à exportação estavam ficando mais ricos e importantes, dominando o Conselho. Os comércios e as profissões inferiores, especialmente aqueles cuja função era meramente local, estavam em baixa. Muitos tinham deixado de seguir os pais e se tornaram empregados, servindo aos ferreiros, aos artífices e aos tecelões. Gente como os Narradores (contadores de histórias), os músicos: Flautistas, Harpistas, Violeiros, Rabequistas e Trompeiros* e os Cantadores[12], e também aqueles com habilidades para desenho, pintura e entalhamento ou forjadura de objetos belos.

> * Significando tocadores de "trompas", não fabricantes. Essas pessoas também exerciam o ofício de fabricar instrumentos musicais, que outrora tinham alguma procura; porém esse pequeno comércio havia entrado em decadência.

Os Tintureiros, por sua conexão com os ofícios de tecelagem (de grande importância), continuavam prósperos, mas estavam (sem que percebessem) perdendo tanto o gosto como a habilidade.

A vulgarização de Bosque Grande é demonstrada por Noques. Ele obviamente é um caso um tanto extremo, porém representa claramente uma postura que se espalhava com rapidez pela aldeia e tinha um peso cada vez maior. Os festivais estão se tornando, ou já se tornaram, meras ocasiões para comer e beber. Canções, contos, música e dança não desempenham mais nenhum papel — pelo menos não são custeados (como a culinária e a provisão de comida) com fundos públicos, e, quando ocorrem, é só nas festas de família, e especialmente para divertir as crianças. O Salão não está mais enfeitado, embora sua estrutura se encontre em bom estado. A história e a lenda e, acima de tudo, quaisquer relatos que tenham a ver com "*faery*", passaram a ser considerados coisas de criança, condescendentemente toleradas para o entretenimento dos muito jovens.

Evidentemente a situação é tal que despertou a preocupação da Terra-Fada. Por quê? Foi demonstrado claramente que a Terra-Fada é, por si mesma, um vasto mundo que não depende dos Homens para existir e que não se envolve primariamente nem, de fato, principalmente com os Homens. Logo, a relação tem de ser de amor: a Gente Élfica, os principais e dominantes habitantes da Terra-Fada, tem afinal um parentesco com os Homens e um amor permanente por eles em geral. Apesar de nenhuma obrigação moral comprometê-los a

auxiliar os Homens e de não precisarem de sua ajuda (exceto em assuntos humanos), de tempos em tempos eles tentam auxiliá-los, afastar deles o mal e ter relações com eles, especialmente por intermédio de certos homens e mulheres que consideram adequados.*

* Obviamente é possível que *tenham* uma obrigação "moral" (cujas sanções não conhecemos). Ela pode estar contida na palavra "parentesco" e também dever-se ao fato de que, em última análise, o inimigo (ou inimigos) da Terra-Fada é o mesmo dos Homens. Decerto o mundo Élfico, como retratado aqui, não é independente da *existência* do mundo Humano, diferentemente do que acontece com os Homens. O mundo que os Homens conhecem como sua habitação existiu e podia existir sem eles, mas não os Homens sem ele. É provável que o mundo da Terra-Fada não possa existir sem nosso mundo e seja afetado pelos eventos dele — e que o reverso também seja verdadeiro. A "saúde" de ambos é afetada pelo estado do outro. Os Homens não têm o poder de auxiliar a Gente Élfica na organização e na defesa de seu reino; mas os Elfos têm o poder (desde que encontrem cooperação interna) de auxiliar na proteção do nosso mundo, especialmente na tentativa de redirecionar os Homens quando sua evolução tende a descaracterizar ou destruir seu mundo. Assim, pode ser que os Elfos também tenham um interesse próprio deliberado nos assuntos humanos.

Eles, a Gente Élfica, são, portanto, "benéficos" em relação aos Homens e não são totalmente estranhos, embora muitas coisas e criaturas da própria Terra-Fada sejam estranhas aos Homens, até mesmo francamente hostis. A boa vontade deles é percebida sobretudo quando tentam manter ou restaurar relacionamentos entre os dois mundos, visto que os Elfos (a ainda alguns Homens) se dão conta de que esse amor pela Terra-Fada é essencial à plena e adequada evolução humana. O amor pela Terra-Fada é o amor pelo amor: um relacionamento com todas as coisas, animadas e inanimadas, que inclui amor e respeito e afasta ou modifica o espírito de posse e dominação. Sem ele, até a simples "Utilidade" se tornará de fato menos útil; ou se transformará em crueldade e conduzirá apenas ao mero poder, em última análise, destrutivo.* Assim, é interessante a relação de Aprendiz na história. Os Homens, em grande parte de suas atividades, estão ou deveriam estar na condição de aprendizes com relação à Gente Élfica.

> * Por essa razão, a Gente Élfica reluta em dar a qualquer pessoa humana a posse de qualquer dispositivo dela própria que seja dotado do poder Élfico que os Homens chamam por diversos nomes, como *magia*. A maioria dos Homens certamente fará mau uso dele, como mero instrumento para seu próprio poder e sucesso. E os Homens tenderão a se apegar a ele como possessão pessoal.

Em uma tentativa de resgatar Bosque Grande de seu declínio, os Elfos revertem a situação, e o próprio Rei da Terra-Fada vem servir como aprendiz na aldeia.

Isso foi arranjado por meio de Ginete. Em suas viagens de juventude, Ginete foi atraído pela Floresta. Em algum momento, provavelmente perto de completar 18 anos, aventurou-se a entrar nela e por "acidente" topou com uma das "entradas" da Terra-Fada.*

> * Isso provavelmente foi arranjado ou aguardado pelos Elfos. Eles demonstram um conhecimento bastante considerável da gente das aldeias e de seus casamentos e hereditariedade.
>
> Não foi revelado como eles o obtiveram, mas os acontecimentos da história mostram que teria sido possível que Elfos disfarçados circulassem pelas aldeias sem serem reconhecidos — especialmente como "cavaleiros", "viajantes" e trabalhadores itinerantes. Assim, é compreensível que um Ginete fosse escolhido para um contato especial. Muitos dos companheiros do jovem Rob Ginete, em suas primeiras perambulações pela região, podem de fato ter sido Elfos, por meio de cujo convívio e diálogo ele foi guiado nas direções e disposições de espírito desejadas.

De suas aventuras ali nada sabemos. Evidentemente ocorreram entre a idade de 18 e 35 anos. É provável que fossem semelhantes àquelas relatadas acerca do Ferreiro, mas não seriam as mesmas. Por exemplo, parece claro que ele jamais *viu* nem o Rei nem a Rainha, apesar de saber de sua existência e ser em grande parte dirigido por suas ordens ou pedidos. Provavelmente deparou com graves perigos, e, portanto, estes devem ter sido a razão de suas ocasionais voltas a Bosque Grande (para descansar) e também de seu jeito cada vez mais silencioso e pensativo, que foi observado particularmente quando, aos 35 anos, ele retornou a Bosque Grande com uma esposa e "acomodou-se".

O Rei viu que para seu plano missionário precisava de homens que soubessem muito mais da Terra-Fada do que aquilo que há muito se sabia, mas que esses "exploradores" teriam de ter alguma proteção. Inventou, então, o símbolo ou *insígnia* da estrela de prata, inventou-a ou reviveu-a. A própria insígnia dele era uma estrela brilhante na testa. O símbolo era uma pequeníssima representação dela. Assim, os que a usavam eram credenciados (como se fossem carimbados com uma coroa e OHMS!) e recebiam a orientação e a proteção de toda a Gente Élfica, como serviçais ou favorecidos do Rei. Mas ela continuava sendo propriedade do Rei e não era transferível nem herdável.*

> Nem, é claro, conferia ao usuário o direito de agir como lhe aprouvesse ou ir aonde desejasse na Terra-Fada.

Evidentemente, essa estrela foi dada a Ginete em algum momento de suas visitas posteriores à Terra-Fada. Não diretamente pelo Rei (a menos que estivesse disfarçado), mas por um mensageiro dele, de modo que desde o começo Ginete sabia algo sobre sua natureza e finalidade e se dava conta da grandeza do favor — e que mais cedo ou mais tarde teria de renunciar a ele. Parece provável que Ginete desistiu de visitar a Terra-Fada quando se apaixonou pela linda Rosa Cantadora de Vilamata e se casou com ela.* Ele retornou a Bosque Grande.

> A hereditariedade desempenha um papel importante na história. Assim, a mãe de Ginete era uma Flautista de Bosque Pequeno; sua esposa era dos Cantadores de Vilamata, aldeia ainda mais "antiquada", onde as tradições Élficas (e os contatos) ainda se mantinham. Por meio de sua filha Ella, esses ofícios uniram-se ao grande ofício do Ferreiro.

No entanto, a tragédia o alcançou com a morte da esposa, e no ano seguinte ele voltou à Terra-Fada muitas vezes, porém em segredo, apesar de talvez não ter ultrapassado suas fronteiras. Como Aprendiz de MC, ainda teria a oportunidade de fazer breves visitas despercebidas. Mas, quando fez 44 anos e se tornou MC, suas visitas quase certamente cessaram. O Mestre-Cuca era observado demais (e por nove ou mais meses do ano estava bastante ocupado) para se ausentar por muito tempo. Podia, é claro, ter dado a desculpa de visitar os parentes da esposa em Vilamata para sair às vezes, mas não se tem notícia disso. Sua tristeza e "sua mente que parecia estar em outro lugar" deviam-se, sem dúvida, não apenas a seu luto, mas também a essa privação. De repente não aguentou mais e partiu em suas inesperadas e inéditas férias. Não disse aonde ia. Provavelmente voltou

a Vilamata e lá penetrou novamente na Terra-Fada, no local onde o fizera pela primeira vez. (É provável também que esse lugar tivesse uma conexão com Rosa. É possível que ela também fosse alguém que visitasse a "Terra-Fada Exterior" e que ele a tenha encontrado pela primeira vez nos confins dela.)

Durante essa visita ele evidentemente contatou outra vez a Gente Élfica. E o plano do Aprendiz lhe foi sugerido. Parece provável que isso tenha ocorrido de modo semelhante àquele pelo qual o Rei (como Alf) mais tarde abordou o Ferreiro. Um Elfo topou com ele quando deixava a Terra-Fada e, reivindicando a autoridade do Rei, disse que ele deveria ser levado de volta como Aprendiz de Ginete, o qual concordou. É claro que durante a viagem de volta para Bosque Grande, e mais ainda durante os três anos de sociedade próxima com "Alf ", Ginete ficaria sabendo de muita coisa acerca do projeto do Rei. Não adivinhou que Alf era o Rei, mas aceitou-o como a um Elfo com a autoridade do Rei. Em particular, tratava-o como igual ou superior. A princípio, ficou certamente bastante surpreso, até consternado, quando Alf insistiu em aparecer em Bosque Grande como um rapazinho.* Contudo, ele explicou isso como sendo necessário.

* Visto que evidentemente Ginete não pretendia voltar ao cargo de MC, do qual se cansara, por mais tempo que o necessário para formar seu aprendiz, a aparente extrema juventude de Alf provavelmente traria dificuldades. O Conselho tinha, ao que consta, o direito de interferir na escolha do aprendiz, e isso incluía uma razoável expectativa de sucessão. Apesar de a designação do MC ser nominalmente feita pelo Conselho, este, em regra, não interferia, embora tivesse o direito de fazê-lo, em especial na ausência do MC (por exemplo, se morresse no cargo ou, como nesse caso sem precedentes, deixasse a aldeia). Ginete fora justo e (acreditava) político ao elogiar a habilidade e competência geral de Alf, porém o Conselho, contrariamente ao que ele esperava, exercia agora seu direito, confrontado com o que lhe parecia o absurdo de nomear para um cargo importante uma pessoa que aparentava ser um rapaz um tanto alto, mas que não tinha muito mais que quinze anos.

Era mais fácil fazer-se passar por um "rapaz". Ele também pretendia fazer uma estada muito longa em Bosque Grande — incluindo em seus planos preparar pelo menos dois Grandes Bolos, o que seria memorável, e deixar para trás a tradição de um longo "reinado" brilhante e alegre, bem como de excelência culinária, junto com o boato de que isso se devia a uma intromissão benéfica vinda da

Terra-Fada. Portanto, era necessário dar-lhe tempo de envelhecer à moda humana, pelo menos em um ritmo crível.

O próprio Alf deve ter estado bem consciente de que a situação e o humor da aldeia (que ele fora curar) evitariam, com efeito, sua nomeação quando Ginete partisse e contentou-se em continuar como aprendiz. É claro que ele faria isso.

Em tal situação, um novo MC que chegasse não poderia despedir o aprendiz adequadamente nomeado, nem que quisesse, pelo menos até ter passado alguns anos no cargo, e mesmo então deveria ter uma sólida acusação de incompetência. É possível supor que a nomeação de Noques de fato fizesse parte do plano de Alf e fosse "arranjada" por ele — durante aqueles três anos fizera "amigos" na aldeia e, sem dúvida, achou fácil espalhar a opinião de que deveriam dar uma chance a Noques. Isso foi, por assim dizer, um ataque direto ao núcleo de vulgaridade e presunção de Bosque Grande, possivelmente com alguma (se não muita) esperança de transformação. Noques, no entanto, demonstrou ser um personagem demasiado vaidoso e também demasiado mesquinho. Era bastante astuto e manhoso para reconhecer a utilidade de Alf para si, mas a cortesia deste só fez aumentar os modos prepotentes de Noques, enquanto seus serviços não produziram gratidão, e sim antipatia. Noques, porém, tinha uma virtude, ou o resquício de uma. Parece que em geral gostava de crianças, a seu modo: um modo chistoso e condescendente. Mas isso lhe permitiu admitir que a Terra-Fada era pelo menos algo que* as divertia, e ele apreciava a diversão dos "pedaços de sorte" no Bolo.

> * Parece provável que a ideia da "Fada Rainha" no Bolo foi de fato do próprio Noques, apesar de ele ser demasiado preguiçoso para realizá-la. Notar-se-á que Alf realizou a ideia de Noques, mas mitigando-a com habilidade e beleza, à sua maneira. Incluiu até mesmo a teoria tola de que "fadas" precisam ter "varinhas de condão", uma das ideias fixas de Noques. Era, claro, um insulto à Rainha e, ainda assim, um "vislumbre" da Terra-Fada para os impressionáveis, como a Rainha explica mais tarde.

Disso Alf fez bom uso. Ele era tão generoso quanto Noques era mesquinho; e parece que tinha um sentimento bondoso (não apenas de pena) para com Noques, provavelmente baseado em sua bondade com as crianças (conforme seu entendimento), não somente na única diversão destinada a elas que a história relata. Seu último diálogo com um Noques muito idoso não deve ser interpretado

como tormento ou maldade com um oponente estúpido e derrotado. Foi uma tentativa (embora desesperada) de chegar a um acordo antes de Alf partir e de enfiar na cabeça do velho um pálido vislumbre do que estava acontecendo. É provável que pretendesse dar finalmente uma pista de que a honra da estrela recairia sobre um descendente do próprio Noques. Mas a grosseria exagerada de Noques — afinal de contas, Terra-Fada à parte, estava falando com um homem que fora MC por mais tempo que ele — era grande demais para suportar. Alf demonstrou piedade e bondade em troca da confissão (mesmo que feita apenas por medo) de que Noques era "só um pobre velho", e mais sutilmente providenciando para que o orgulho ferido dele pudesse se refugiar na ideia de que aquilo não passara de um sonho.

Restam algumas questões. Como Alf chegou a ser aceito?

Por que Ginete ficou mais alegre depois que voltou das férias? Aonde foi depois de sua partida final?

Alf provavelmente foi apresentado em Bosque Grande, por Ginete, como "Alf de Vilamata". Sua juventude justificava que não tivesse nome de ofício. Ainda vigorava a tradição de que a gente de Vilamata era "parente", apesar de agora ser antiquada e visitada muito raramente, e isso se encaixaria na situação. Um jovem de uma das aldeias mais a leste poderia causar ressentimento, mas também se esperaria que fosse mais normal. Sabia-se que a esposa de Ginete viera de Vilamata; e, sem dúvida, muitos presumiam que Alf fosse alguém de sua parentela.

Ginete ficou mais alegre porque pensou ter encontrado uma solução para o seu problema. Estava em contato com a Terra-Fada durante o ano sombrio após a morte da jovem esposa; e oferecer-se ao MC, e tornar-se MC no devido tempo, decerto foi exigência do Rei (por intermédio de emissários). Fez o melhor que pôde — o que foi muito bom –, mas logo se cansou muito do cargo e de sua publicidade e da restrição a seus movimentos. Após dezoito anos, não o suportava mais sem fazer um intervalo. No entanto, o "projeto de aprendiz" deu-lhe a esperança de deixar o cargo sem realmente prejudicar a aldeia, ao mesmo tempo que promovia os propósitos do Rei. Também ficou renovado com sua visita à Terra-Fada.

Permaneceu no cargo o tempo mínimo e depois partiu — sem dúvida, de volta a Vilamata. Certamente achava provável que voltaria a se encontrar com Alf, e antes que se passasse muito tempo, pois ele próprio já tinha 65 anos. Deve ter esperado que esse encontro ocorresse dentro dos limites da Terra-Fada. Ginete

encontrava-se agora "desestrelado", mas provavelmente planejara uma visita pelo menos à Terra-Fada Exterior. Sua filha já estava bem casada e atarefada, e ele se sentia livre. Voltou a Vilamata, de onde podia penetrar na Terra-Fada pela "entrada" com que havia muito estava familiarizado, porém para viver e terminar seus dias junto à família da esposa. Deve-se notar que o ferreiro, quando foi por sua vez "desestrelado", jamais pretendeu revisitar a Terra-Fada. Sem dúvida, poderia tê-lo feito se quisesse. Contudo, não poderia ter penetrado profundamente no reino outra vez. Evidentemente, suas experiências tinham sido muito mais perigosas e grandiosas que as de Ginete, e ele não conseguia mais se contentar com a "Terra-Fada Exterior". Precisava abster-se ou ser tentado a fazer viagens para as quais não tinha mais "licença" ou proteção. E não estava livre. Tinha de pensar na família. Especialmente no filho. Ainda tinha dez ou até quinze bons anos de trabalho pela frente e precisava estabelecer o filho no ofício tão plenamente quanto possível antes de se aposentar. O filho já estava com 24 anos e ainda não se casara. Enquanto Nell e sua filha Nan provavelmente também eram amigas dos Elfos e até perambulavam pela Terra-Fada Exterior, Ned dependia do pai: podia receber a "Terra-Fada" somente por meio do saber e da companhia do Ferreiro mais velho. Assim, ele era justamente um dos homens e trabalhadores normais, práticos e simples cujo esclarecimento e fortalecimento constituíam um dos objetivos do plano do Rei.

Não é preciso procurar alegoria. Todos os ensinamentos contidos neste pequeno conto estão implícitos, e não estariam menos presentes se ele fosse uma simples narrativa de eventos históricos. Observe-se, porém (como geralmente acontece em minhas histórias), que não há *religião*. Não há igreja nem templo. Entre as profissões não há pároco nem sacerdote. A coisa mais parecida que existe são os festivais. A julgar pelo único mencionado pelo nome, o Banquete de Inverno no solstício, eles devem ter sido sazonais, associados com a Primavera, o Solstício de Verão, a Colheita e coisas semelhantes. Na origem, tais festivais não são dissociáveis da "religião", porém em Bosque Grande, à época da história, evidentemente não têm mais nenhuma referência religiosa: não mais que nossos *Quarter Days*[13] sobreviventes. (Em nenhuma cerimônia se propicia, suplica ou agradece a algum poder ou poderes.) Em uma história escrita por um homem religioso, essa é uma clara indicação de que a religião não está ausente, e sim subsumida: a história não é sobre religião, nem particularmente sobre sua relação com outras coisas. Portanto, ela não aparece *como tal*. Do contrário, um breve ensaio sobre seu significado teria sido melhor que um conto.

Evidentemente, o Grande Salão é, de certo modo, uma “alegoria” da igreja da aldeia; o Mestre-Cuca, que mora na casa ao lado da igreja e cujo cargo não é hereditário, que é responsável por sua própria instrução e sucessão, mas que não exerce um dos ofícios “seculares” ou lucrativos — e ainda assim é sustentado financeiramente pela aldeia –, representa claramente o Pároco e o sacerdócio. A “Culinária” é um assunto doméstico praticado por homens e mulheres: religião e oração pessoais. O Mestre-Cuca preside e supre todos os festivais religiosos do ano, e também todas as ocasiões religiosas que não são universais: nascimentos, casamentos e mortes. O Grande Salão, no entanto, não é mais pintado nem enfeitado. Os antigos entalhes, sejam eles grotescos como gárgulas ou belos e de significado religioso, só são mesmo preservados por mero costume. O Salão é mantido à prova de chuva, à prova de intempéries e aquecido: esse é o primeiro objetivo de qualquer trabalho despendido nele. Os festivais são meras reuniões públicas para conversar com a ajuda da comida e da bebida: não há mais canções, música nem danças. A igreja foi “reformada”. Sobrevive a lembrança de dias “mais alegres”, porém a maioria da aldeia não aprovaria qualquer retomada deles. O fato de um MC cantar é considerado em desacordo com seu cargo.

O zelo e o trabalho duro e sóbrio são o mais louvável, mas a motivação do lucro para tal perseverança está se tornando predominante. Quanto menos uma ocupação é comercialmente lucrativa, menos estimada ela é. (Sente-se que, apesar de ainda não haver indício disso, não está muito longe o tempo em que o cargo de MC será abolido. O Salão se tornará mero local de negócios, propriedade do Conselho dos Ofícios, passível de ser alugado para grandes eventos familiares pelos que podem se dar a esse luxo. Se sobreviverem Cucas, eles se tornarão mercadores, abrindo casas de pasto e refeitórios adaptados aos diferentes gostos dos clientes.)

MAS Terra-Fada *não* é religiosa. Fica bastante claro que ela não é o Céu nem o Paraíso. Certamente seus habitantes, os Elfos, não são anjos nem emissários de Deus (diretos). A história não trata da religião em si. Os Elfos não estão envolvidos com um projeto para despertar novamente a devoção religiosa em Bosque Grande. A alegoria da Culinária não seria adequada a tal significado. Terra-Fada representa no mínimo uma fuga (pelo menos mental) do círculo férreo daquilo que é familiar e, mais ainda, do círculo inflexível da crença que é conhecida, possuída, controlada, e, portanto (em última análise), de tudo o que vale a pena considerar — uma consciência constante de um mundo além desses círculos. Mais profundamente, ela representa o amor: isto é, um amor e um

respeito por todas as coisas, "inanimadas" e "animadas", um amor não possessivo com relação a elas como coisas "diferentes". Esse "amor" produzirá ao mesmo tempo *compaixão* e *deleite*. As coisas que forem vistas à sua luz serão respeitadas e também parecerão deleitosas, belas, maravilhosas, até mesmo gloriosas. De fato, pode-se dizer que Terra-Fada representa a Imaginação (sem definição, uma vez que engloba todas as definições dessa palavra): estética; exploratória e receptiva; e artística; inventiva, dinâmica, (sub) criativa. Esse complexo — de consciência de um mundo ilimitado fora de nossa paróquia doméstica; de um amor (em compaixão e admiração) pelas coisas que há nele; e de um desejo de assombro e de maravilhas, tanto percebidas como concebidas –, essa "Terra-Fada" é tão necessária à saúde e ao pleno funcionamento do Humano quanto a luz do sol para a vida física: luz do sol vista como distinta do solo, digamos, apesar de na verdade permear e modificar até a ele.

[Rascunho e transcrição
híbrida de “O Grande Bolo”]

There was a village once, not very long ago for those with long memories, nor very far away for those with long legs. It was not very large, but a fair number of folk lived in it, good bad and mixed, as is usual, and some were a bit elvish, as was at that time also common enough. It was not a very remarkable village, except in one thing. It had a large Cook-house, and the Master Cook was an important person; for the Cook-house was part of the Village-Hall: the largest and oldest building in the place, and the only one that was really beautiful. In it once a week the vilagers had a meal together, and most of them came regularly, except the very old, or the very young, or any that might be ill. Also there were various festivals during the year, for which the Cook had to prepare special feasts.

There was one festival to which all looked forward, even the very old and children, for it was the only one in the winter. It lasted several days, and on the last day at sundown there was an entertainment for children, which they called a Party; meaning that only a part of the village children came to it (by invitation). There were never more than twenty four invitations and it was an honour to get one. I daresay that some who deserved one were left out, and some who did not were invited by mistake, for that is the way of things, however careful those who arrange such matters may try to be. Anyway it was sheer luck (as we say) if you happened to come in for a Great Party; for that was only provided once in twenty four years, and the Cook was supposed to do his very best for the occasion. Among many other delicious things which children especially liked (in his opinion), he usually provided a Great Cake; and by the success of that he was usually remembered, for no Cook ever had a chance of making

Era uma vez uma aldeia, não faz muito tempo para quem tem memória comprida, nem muito longe para quem tem pernas compridas. Era grande e vivia nela um número razoável de pessoas, boas, más e mistas, como é normal, e algumas eram um pouco élficas, como ainda era comum naquele tempo, apesar de a gente daquela terra não ter boa reputação. Era uma aldeia não muito notável, exceto por uma coisa. Tinha uma grande Casa de Cozinha, e o Mestre-Cuca era uma pessoa importante; pois a Casa de Cozinha fazia parte do Salão da Aldeia: a maior e mais antiga construção do lugar e a única que era realmente bela. Ali uma vez por semana os aldeões faziam uma refeição juntos, e a maioria deles ia regularmente, exceto os muito velhos, ou os muito jovens, ou alguém que estivesse doente. Também havia vários festivais durante o ano, para os quais o Cuca precisava preparar banquetes especiais.

Havia um festival que todos aguardavam com ansiedade, mesmo os muito velhos, pois era o único no inverno. Durava vários dias, e no último dia, ao pôr do sol, havia um entretenimento para as crianças chamado Festa, e apenas parte das crianças da aldeia participava dele (mediante convite). Nunca havia mais de vinte e quatro convites, e era uma honra receber um deles. Ouso dizer que alguns que o mereciam eram deixados de fora, e alguns que não o mereciam eram convidados por engano, pois é assim que são as coisas, não importa quanto possam tentar ser cautelosos os que organizam tais assuntos. Seja como for, era pura sorte (como dizemos) participar de uma Grande Festa, uma vez que ela só era celebrada a cada vinte e quatro anos, e esperava-se que o Cuca desse o melhor de si para a ocasião. Entre muitas outras coisas deliciosas de que as crianças gostavam especialmente (em sua opinião), ele costumava providenciar um Grande Bolo; e pelo sucesso deste

his name was remembered afterwards, for the Master Cooks seldom lived long enough to make more than one Great Cake.

There came a time, however, when the Master Cook reigning to everyone's surprise, for it had never happened before, said that he wanted a holiday; and he went away, no one knew where, and when he came back he seemed rather changed . His cooking if anything was changed for the better, though some of his dishes and sweetmeats were new, and being unfamiliar were not to everyone's taste . He had been a rather serious man who said very little , but now he was often joking, saying and doing quite ridiculous things, and at feasts he would insist on singing songs, which was not expected of Master Cooks. Also he brought with him an Apprentice; and that was astonishing.

It was not astonishing for the Master Cook to have an Apprentice. It was usual. The Master Cook chose one, and taught him all that he could; and as they both grew older no doubt the Apprentice did most of the work, so that when the Master died or retired, there he was, ready to take over and become the Master Cook in his turn. But this Master had never chosen an Apprentice. He had always said 'Time enough yet'; or 'I'm keeping my eyes open, and I'll choose one when I find one to suit me'. But now he brought with him a mere boy, and not one from the village. He was lighter-built than most of the villagers, and quicker, soft-spoken and very polite; but ridiculously young for the job. Still choosing his apprentice was the Master Cook's affair, and no one had any right to interfere in it ; so the boy was let be, and soon folk became to used to seeing him about, and he made some friends.

The next surprise came only a year or two later. One spring morning the Master Cook took off his tall white hat, folded up his clean aprons, hung up his white coat, took a stout ash stick and a small bag,

seu nome era lembrado depois, pois os Mestres-Cucas raramente viviam o bastante para fazer mais que um Grande Bolo.

Chegou uma época, porém, em que o Mestre-Cuca reinante, para surpresa de todos, já que isso nunca acontecera, disse que queria férias; e foi-se embora, ninguém sabia para onde; e, quando voltou alguns meses mais tarde, parecia um tanto mudado. Sua culinária, de todo modo, tinha mudado para melhor, apesar de serem novos alguns de seus pratos e doces; e, por serem estranhos, não eram do gosto de todos. Antes era um homem bastante sério, que falava bem pouco, mas agora muitas vezes fazia piadas, dizendo e fazendo coisas bem ridículas, e, nos banquetes, insistia em entoar canções, o que não se esperava de Mestres-Cucas. Também trouxe consigo um Aprendiz; e isso foi espantoso.

Não era de espantar que um Mestre-Cuca tivesse um aprendiz. Era normal. O Mestre-Cuca escolhia um, muito frequentemente um dos próprios filhos, e lhe ensinava tudo o que podia; e, à medida que ambos envelheciam, sem dúvida o aprendiz fazia a maior parte do trabalho, de modo que, quando o Mestre morria ou se aposentava, lá estava ele, pronto a assumir e se tornar Mestre-Cuca. No entanto, esse Mestre não tinha filho e jamais escolhera um Aprendiz. Sempre dissera “Ainda tem muito tempo” ou “Estou de olhos abertos e vou escolher um quando encontrar um que me sirva”. Agora, contudo, trazia consigo um simples menino, e ele não era da aldeia. Era mais magro que os rapazes de Bosque, e mais rápido, de fala mansa e muito educado, porém ridiculamente jovem para o trabalho, praticamente um adolescente, ao que parecia. Ainda assim, escolher um aprendiz era assunto do Mestre-Cuca, e ninguém tinha o direito de interferir nele; portanto, o menino foi deixado em paz, e logo as pessoas se acostumaram a vê-lo por ali, e ele fez alguns amigos. De Novato o chamava a maior parte das pessoas, mas o Cuca o chamava de Alf.

A surpresa seguinte aconteceu apenas três anos depois. Certa manhã de primavera, o Mestre-Cuca tirou o alto chapéu branco, dobrou os aventais limpos, dependurou o dólmã branco, pegou um sólido cajado de freixo e um pequeno saco

and said good-bye, to the Apprentice; no one else was about. 'Good-bye for now, Alf,' he said. 'I leave you to manage things as well as you can. I hope things go well. If we meet again, I expect to hear all about it. Tell them that I've gone on another holiday, a long one I hope; and that when that's over I shan't be coming back'.

There was quite a stir in the village when the Apprentice gave this message to people that came to the Cook-house. 'What a thing to do!' they said. 'And he's never made a Great Cake; it's still four years to the next. And what are we to do without any Master Cook?' But in all the arguments and discussions that followed nobody ever thought of making the young Apprentice into the Cook. He had grown a bit taller, but still looked like a boy, and he had only served for three years. In the end for lack of any better they appointed a man of the village, though he was not much of a baker. He was a solid sort of man with a wife and children, and careful of money. 'At any rate he won't go off without notice' they said; ' and even a poor cooking is better than none'.

Nokes, for that was his name, was very pleased with the turn things had taken. For some time he used to put on the tall white hat when he was alone in the kitchen and look at himself in a polished frying pan and say; 'Good morning, Master Nokes! That hat suits you properly, makes you look quite tall. I hope things go well with you'.

They went well enough; for Nokes did his best, and he had the Apprentice. But in due course the time for the Great Party began to draw near, and Nokes had to think about making the Cake. It worried him, for although with years' practice he could turn out

e disse adeus a Novato. Não havia mais ninguém por perto.

— Adeus por ora, Alf — despediu-se. — Deixo-o para conduzir as coisas do modo que puder. Desejo que as coisas transcorram bem. Se nos encontrarmos de novo, espero ouvir tudo a respeito. Diga-lhes que saí de férias de novo, longas férias, espero, mas quando terminarem não vou voltar.

Houve grande comoção na aldeia quando Novato deu esse recado às pessoas que vinham à Casa de Cozinha.

— Que atitude [sem aviso nem adeus]! — comentavam. — E o que haveremos de fazer sem Mestre-Cuca? Ele não deixou ninguém para ocupar seu lugar.

Pois em todas as suas conversas e discussões ninguém jamais pensou em fazer do jovem Novato um Cuca. Ele crescera um pouco em estatura, mas ainda parecia um menino, e só trabalhara por três anos. Por fim, à falta de alguém melhor, indicaram um homem da aldeia, que sabia fazer muito bem uma comida simples, apesar de não ser grande confeiteiro. [Quando jovem, tinha auxiliado o Mestre uma vez ou outra, mas o Mestre não se afeiçoara a ele e nunca o tornara seu aprendiz.] Era um tipo de homem sério, com mulher e filhos, e cuidadoso com dinheiro.

— Pelo menos não vai embora sem avisar — diziam –, e até culinária medíocre é melhor que nada.

Alguns acrescentavam:

— Faltam sete anos para o próximo Grande Bolo; até lá ele pode melhorar bastante.

Noques, pois esse era seu nome, ficou muito contente com o rumo que as coisas tomaram. Durante algum tempo, costumava envergar o alto chapéu branco quando estava sozinho na cozinha, mirar-se em uma frigideira polida e dizer:

— Bom dia, Mestre! Este chapéu lhe cai muito bem, faz que pareça bem alto. Espero que tudo lhe corra bem.

Tudo correu muito bem, pois Noques deu o melhor de si e tinha o Aprendiz para ajudá-lo e, na verdade, para ensiná-lo, porém jamais admitiu isso. Entretanto, no devido tempo, a época da Grande Festa se aproximou, e Noques precisava pensar em como fazer o Grande Bolo. Secretamente estava preocupado, porque, apesar de conseguir, com sete anos de prática, produzir

[As duas páginas seguintes desapareceram, e a narrativa reinicia no meio de uma frase, no topo da página 6, com uma observação do Cuca.]

'Very pretty and fairylike' he siad, though he hadno idea what that meant, his plan for/ was to stick a little doll on top, dressed in cotton-wool, with a little wand in her hand ending a tinsel star. But before he set to work, having only dim memories of what should go inside a 'party cake', he looked in some old books of recipes. They puzzled him, for they mentioned many things that he h d not heard of, or had forgotten, and did not know where to find. Some of these he thought very unsuitable, since they were not sweet at all, nor very soft; but he thought he might try some of the spices that the books spoke of. He scratched his head and remembered and old blacck, box with different compartments in which the cook whose place he had taken hadonce kept ~~a cook before his time had kkept~~ spices, and other things for special cakes. It was on a high shelf and he had not looked inside for a long time.

When he got it down, he found that very ltle of the spices was left, and ~~what there was~~ was rather dry and musty; but in one compartment he found a ring, black-lookingas if it was made of silver and was tarnished. 'That's funny!' he said, as he held it up to the light. 'NO, it isn't!' said a voice that made him jump ; for it was the voice of his apprentice who had come in behind him, and he had never yet dared to speak first before he was spoken to. He was only a small boy; bright and quick,'but he has a lot to learn yet' (so the cook thought).

SO 'What do you mean, my lad'.said the cook, not much pleased. 'If it isn't funny, what is it?'. 'It's a magic ring' said the apprentice. Then the cook laughed. 'All right, allright', he said. 'Call it what you like! You'll grow up someday. Now you can get on with stoning the raisins; and if you notice any magic ones tell me'.

'What are you going to do with the ring?' said the apprentice. 'Put it in the cake, of course,' said the cook. Surely you have been to children's parties

— Muito bonito, coisa de fada — disse, apesar de não ter ideia do que isso significava, pois seu plano era espetar uma bonequinha no topo, vestida de tufos de algodão, segurando uma varinha de condão terminada [em] uma estrela de ouropel. Contudo, antes de se pôr a trabalhar, tendo apenas uma vaga lembrança do que deveria ir dentro de um "bolo de festa", consultou alguns velhos livros de receitas deixados por cucas anteriores. Ficou perplexo, pois mencionavam muitas coisas de que nunca ouvira falar ou esquecera e não sabia onde encontrar. Algumas delas ele considerou bastante inadequadas, pois nem eram doces, nem muito macias. No entanto, pensou em experimentar algumas das especiarias de que os livros falavam. Coçou a cabeça e se lembrou de uma velha caixa preta, com diversos compartimentos, na qual o cuca anterior guardava especiarias antigamente, além de outras coisas para bolos especiais. Estava em uma prateleira alta e fazia muito tempo que ele não a abria.

Quando a abriu, descobriu que havia sobrado muito poucas especiarias, e o que sobrara estava meio seco e mofado. No entanto, em um dos compartimentos, encontrou um anel de aspecto enegrecido, como se fosse feito de prata e estivesse manchado.

— Que estranho! — falou, erguendo-o contra a luz.

— NÃO é, não! — disse uma voz que o fez dar um pulo: era a voz de seu aprendiz, que entrara atrás dele, e ele jamais ousara falar sem que lhe dirigissem a palavra. Era só um rapazinho; esperto e ligeiro, "mas ainda tem muito que aprender" (pensava o cuca).

Então:

— O que quer dizer, rapaz? — perguntou o cuca, incomodado. — Se não é estranho, então é o quê?

— É um anel mágico — disse o aprendiz.

O cuca então deu uma risada e falou:

— Certo, certo. — Chame-o como quiser! Um dia você vai crescer. Agora pode continuar descaroçando as passas. Se perceber alguma mágica, me avise.

— O que vai fazer com o anel? — perguntou o aprendiz.

— Colocá-lo no bolo, é claro — respondeu o cuca. — É claro que você mesmo já foi a festas de criança,

yourself, and not so long ago, where little trinkets like this were stirred intoamm the mixture, and little silver coins and what not: it amuses the children'. 'But, Cook, this is not a trinket, it's a magic ring' said the apprentice 'so you've said before said the Cook crossly. Very well, I'll tell the children. It'll make them laugh.'

~~It'll make them laugh. There's a magic~~

In time the cake was made and iced and decorated, ~~and~~ stood in the middle of the tea-table, ~~lit with~~ red candles ~~all round it~~, and the children looked at it; and some said 'Isn't it pretty and fairylike!': which pleased the Cook, but not the apprentice. (They were both there, the cook to cut the cake ~~with a specially sharp knife~~ when the time came, and the apprentice to hand him the knife which he had sharpened)

AT last the Cook took the knife and stepped up to the table. 'I should tell you my dears' he said, 'that inside this lovely icing there is cake made of many nice things to eat, but also stirred well in there is a number of pretty little things, trinkets and little coins and what not; and I am told that it is lucky to find one of them in your slice. And there is also tonight a ring, a magic ring (or so my boyhere says). So be careful. If you break oneof your pretty front teeth on it, the magic ring won't mend it. It won't, willit, my lad?' he said turning to the apprentice; but they boy did not answer.

It was quite a good cake; and when it was all cutup there was a slice for everyone of the children and nothing left over. The slices soon disappeared, and every now and again a trinket or a coin was discovered; some found one, and some found two, and several found none, for that is the way luck goes. But when it was all eaten, there was no sign of any magic ring.

'Bless me!' said the Cook. 'It must have been magical . Unless it was not made of silver after all, and has melted; and that's more likely'. He looked at the apprentice with a smile; and the apprentice looked at him and did not smile.

But the ring was magical (the apprentice was the kind of person who

e não faz tanto tempo, e pequenas miudezas desse tipo foram acrescentadas à mistura, além de moedinhas de prata e coisas assim. Isso diverte as crianças.

— Mas, Cuca, isso não é miudeza, é um anel mágico — observou o aprendiz.

— Isso você já disse — falou o Cuca, irritado. — Muito bem, vou contar às crianças. Isso as fará rir.

O Bolo foi feito a tempo, coberto e decorado de ac[ordo] com a imaginação do Cuca. Na festa, ele foi colocado no meio da mesa de chá, dentro de um círculo de 24 velinhas vermelhas. As crianças o fitavam com olhos bem abertos, e algumas disseram:

— Não é bonita, coisa de fada?! — o que agradou ao Cuca, mas não ao aprendiz. (Ambos estavam lá, o cuca para repartir o bolo quando chegasse a hora e o aprendiz para lhe entregar a faca que havia afiado.)

Por fim, o Cuca tomou a faca, deu um passo em direção à mesa e falou:

— Preciso dizer-lhes, queridos, que embaixo desse lindo glacê há um bolo feito de muitas coisas boas de comer. Mas há também, bem misturadas lá dentro, diversas coisinhas bonitas, miudezas e moedinhas e que tais, e dizem que dá sorte encontrar uma delas em sua fatia. E esta noite também há um anel, um anel mágico (é o que diz meu rapaz aqui). Portanto, tomem cuidado. Se quebrarem com ele um de seus belos dentes da frente, o anel mágico não vai consertar. Não vai, não é mesmo, meu menino? — disse, voltando-se para o aprendiz. O rapaz, porém, não respondeu.

Foi um bolo bastante bom, e, quando estava todo dividido, coube uma grande fatia para cada criança e não sobrou nada. As fatias logo sumiram, e de tempos em tempos era descoberta uma miudeza ou uma moeda. Alguns acharam uma, outros acharam duas, e vários não acharam nada, pois é assim que funciona a sorte. Mas, quando o bolo tinha sido comido inteiro, não havia sinal de nenhum anel mágico.

— Ora, vejam! — disse o Cuca. — Deve ter sido mágico. A não ser que, afinal de contas, não fosse feito de prata e derreteu, o que é o mais provável. — Encarou o aprendiz com um sorriso. O aprendiz o encarou e não sorriu.

No entanto, o anel era mágico (o aprendiz era o tipo de pessoa que

who did not make mistakes/of that sort); and what had happened was thhat one of the children had swallowed it without ever notiving it. And he or she (I do not remember which it was, and of course it does not matter) did not notice it for a long time after, not till the cake and the party had been forgotten by all the others who were there; but the ring remainde with him, tucked in some place where it could not be felt (for it was made to do so), until the day came. The party had been in winter, but it was now early summer, and the night was hardly dark at all. The boy got up before dawn, for he did not wish to sleep. He looked out of thhe window, and the world seemed quiet and expectant. Then the dawn came, and far away he heard the dawn-song of the birds beginning, and coming towards him, until it rushed over him, filling all the land round his house, and passed on like a wave of music into the West; and the sun rose over the trees.

'It reminds of Fairy' he heard himself say; 'but in Fairy the people sing too'. And he began to sing in strange words; and in that moment the ring fell out of his mouth, and he caught it. It was bright silver now, glittering in the sun, and he put it on the forefinger of his right hand, and it fitted, and he wore it for many years. Few people noticed it, though it was not invisible; but very few could help noticing his eyes and his voice. His eyes had a light in them; and his voive which had begun to grwo beautiful as soon as the ring came to him.

que[14] não se enganava com esse tipo de coisa); e o que aconteceu foi que um dos garotinhos o engoliu sem perceber. E não percebeu por muito tempo depois, até que o Bolo e a Festa estivessem quase esquecidos pelas outras crianças que participaram dela. Mas o anel ficou com o menino, escondido em algum lugar onde não podia senti-lo (pois fora feito para agir assim), até que seu dia chegou.

A festa fora no inverno, mas agora era o começo do verão, e à noite mal escurecia. O menino levantou-se antes do alvorecer, pois não desejava dormir. Olhou pela janela, e o mundo parecia quieto e esperançoso. Então chegou a aurora, e bem longe ele ouviu que começava a canção do amanhecer dos pássaros, e ela se aproximava, até que se precipitou por cima dele, enchendo toda a terra em torno de sua casa, e prosseguiu para o oeste como uma onda de música; e o sol se ergueu sobre as árvores.

— Isso me lembra a Terra-Fada — pensou –, mas na Terra-Fada as pessoas também cantam. — E começou a cantar usando palavras estranhas. Nesse momento, o anel lhe caiu da boca e ele o apanhou. Agora era de prata brilhante, cintilando ao sol. Colocou-o no indicador da mão direita, serviu, e ele o usou por muitos anos. Pouca gente percebeu o anel, apesar de ele não ser invisível; no entanto, bem poucos podiam se furtar a notar seus olhos e sua voz. Os olhos continham uma luz; e a voz, que começara a se tornar bela assim que o anel veio ter com ele,

> [Aqui o texto datilografado se interrompe no meio da página. A história prossegue em uma caprichada caligrafia manuscrita, em um pequeno papel pautado de caderno ou bloco de notas, marcado à mão, no canto superior direito, com “a” até “h”.]

became ever more beautiful as he grew up. He became
well-known in the neighbourhood for his good workmanship.
His father was a smith, and he followed his trade; and
bettered it. He made many useful things — pots,
and pans, and bars and bolts, and hinges and horseshoes,
and the like — and they were good and strong, and
also they had a grace about them, being shapely in
their kind; and some things he made for delight
that were beautiful, for he could work iron into
wonderful forms and designs, that seemed as light
and delicate as a spray of leaves and blossom, but
kept the stern strength of iron. Few could pass
by one of his gates or lattices without stopping to
admire it; none could pass through it once it was
shut. Often he sang as he worked. And that
was all that most people knew about him — it
was enough indeed and more than most men achieve.
But ~~indeed~~ he also became ~~well~~ acquainted with

ficava ainda mais bela à medida que ele crescia. Ele se tornou bem conhecido na vizinhança pela grande habilidade. Seu pai era ferreiro, e ele seguiu sua profissão e a aperfeiçoou. Fazia muitas coisas úteis — instrumentos e frigideiras, barras e ferrolhos, dobradiças e ferraduras, e coisas assim –, e elas eram perfeitas e resistentes, e também exibiam uma certa graça, pois eram extremamente bem proporcionais; e alguns objetos ele fazia por deleite, que eram belos, uma vez que sabia trabalhar o ferro em formas e desenhos maravilhosos, que pareciam tão leves e delicados como uma ramagem de folhas e flores, mas conservavam a inflexível resistência do ferro ou pareciam mais fortes ainda. Poucos podiam passar por um de seus portões ou gradis sem parar para admirá-lo; ninguém conseguia atravessá-lo depois de fechado. Ele costumava cantar enquanto trabalhava. E era só isso que a maioria das pessoas sabia dele — na verdade, era o bastante, e mais do que alcançava a maioria dos homens. Contudo, ele também se familiarizou com

a *Terra-Fada* e conhecia bem algumas partes dela — tão bem quanto qualquer mortal é capaz, apesar de, com exceção da esposa e dos filhos, poucos suspeitarem. Mas era bem-vindo na Terra-Fada e lá raramente corria perigo, pois as coisas más evitavam a estrela. Certo dia, porém, ele caminhava por um bosque na Terra-Fada. Era outono, e havia folhas vermelhas nos ramos e no chão. Ouviram-se passos vindos de trás, mas ele estava pensando nas folhas e não se virou. Um homem alcançou-o e disse de repente a seu lado:

— Vai pelo meu caminho, Gilthir? — esse era seu nome (Fronte Estrelada) na Terra-Fada; em casa era chamado de Alfred Filho do Ferreiro.

— Qual é seu caminho? — perguntou.

— Estou indo para casa — respondeu o homem, e Alfred olhou para ele e viu que era o Aprendiz: era agora um homem alto, mas um pouco curvado, e tinha rugas na testa e no rosto, apesar de ser só um pouco mais velho que Alfred.

— Eu também — disse. — Vamos caminhar juntos.

Seguiram caminho lado a lado por muitas milhas, em silêncio, rompido apenas pelo farfalhar das folhas vermelhas

a seus pés. Mas por fim, antes de saírem da Terra-Fada, o Aprendiz parou e, voltando-se para Alfred, tocou sua estrela.

— Você não acha que é hora de abandonar este objeto? — perguntou.

— Por que eu faria isso? Ela não é minha? Veio em minha fatia de bolo.

— Por quê? Porque não deveríamos nos apegar a tais presentes por tempo demais. Não podem nos pertencer para sempre. E porque agora é hora de outra pessoa ter sua vez. Alguém precisa dela.

— Então o que devo fazer? Dá-la a um dos Grandes da Terra-Fada? Ao Rei, quem sabe?

— Poderia dá-la a mim — disse o Aprendiz –, mas talvez você ache que isso é difícil demais. Quer vir comigo ao lugar onde trabalho e devolvê-la à caixa onde seu avô a guardava?

— Eu não sabia disso — disse Alfred.

— Bem, ele era o pai de sua mãe, e partiu antes que sua hora tivesse chegado, e foi o Cuca antes do Cuca que fez o bolo de sua festa: o melhor que puderam achar para seguir seu avô, que não tinha filho, e sua filha era costureira. Mas agora eu sou Cuca. Algum dia, em breve, hei de fazer outro grande bolo de festa, e acho que a estrela deveria ser posta dentro dele.

and the Apprentice took [illegible] from the shelf [illegible]
showed it to Alfred. [illegible]
[illegible]
along' he said. 'You must part with [illegible]
the Apprentice [illegible] the star dropped which [illegible]

'Very good' (well) said Alfred. 'Do you know who will find it? I should like to know. It (That) would make it easier to part with it.'

'Maybe I guess', said the Apprentice; 'but the Cook does not do the choosing. [The star, or those who made it, do that, I think].'

So they went back together to their village. [~~Apprentice to take it off the forehead~~] and Alfred put the star into the box. It was clean now, and well filled except in (for) one little compartment (that was empty), and into that the star dropped and went dark.

Alfred had felt a smart as he took it from his forehead; and he felt grieved (and sad) as he let it fall from his hand (into the box), for he thought he was giving up his power to enter Fairy ever again. But he found that it was not so. All the people and creatures in Fairy could still see the mark of the Star on his brow, and its light remained in his eyes. But the never after that he never saw any new things in Fairy, nor came into regions that he had not visited before.

[acréscimo em letra irregular no topo da página:

e o Aprendiz tirou a caixa de sua prateleira no depósito. Mostrou-a a Alfred. Talvez fossem as especiarias, que eram frescas e picantes, mas seus olhos lacrimejaram.

— Não consigo ver muito claramente — disse. — Você precisa guardá-la para mim. — Então deu-a ao Aprendiz, e a estrela caiu em seu lugar e se apagou.]

— Muito bem — falou Alfred. — Sabe quem vai encontrá-la? Eu gostaria de saber. Isso tornaria mais fácil separar-me dela.

— Pode ser que eu adivinhe — disse o Aprendiz –, mas não é o Cuca quem escolhe. [A estrela, ou os que a fizeram, é que faz isso, penso eu.]

Então retornaram juntos à aldeia, e Alfred pôs a estrela na caixa. Esta estava limpa agora e bem recheada. Apenas um pequeno compartimento estava vazio, e a estrela caiu dentro dele e se apagou.

Alfred sentira uma pontada ao tirá-la da testa, e agora sentia-se aflito ao deixá-la cair da mão, pois acreditava que estava desistindo do poder de voltar a entrar na Terra-Fada. Mas descobriu que não era assim. Todas as pessoas e criaturas da Terra-Fada ainda podiam ver a marca da estrela em sua testa, e a luz dela permanecia em seus olhos. Porém, depois disso, nunca mais viu coisas novas na Terra-Fada, nem chegou a regiões que não visitara antes.

Now it is (perhaps) a strange thing, but the old Cook, who had laughed at the Apprentice, had never been able to put out of his mind that cake or the star, although he had gone on being Cook for many years. He was an [very] old man now, and crooked [had grown] to his length. He was very fat, for he went on eating heartily, and [he] was fond of sugar. Most of his days he spent sitting in a big chair by his window, or at his door if it was fine. He liked talking, since he had many opinions to share, or to air; and he was always glad if anyone would stop and speak (or listen) to him.

The Apprentice [might] often did — so the old Cook still called him, and expected himself to be called Master ~~though~~ That the Apprentice [seldom] never failed to do, that was a great point in his favour, ~~though nevertheless the old Cook never found him thought-[ful] intelligent~~ though there were others the old Cook liked better. One day [afternoon] Cook was nodding in his chair, when he found the Apprentice standing by [watching] looking down at him. "Good evening [afternoon]!" [Prentice] said the old man. "I am glad to see you, for I have a thing on my mind, waking or sleeping, that you may remember. I still wonder about that little star, I do: the one that [years ago] I put in the best cake I ever made (and that's saying something). But

Ora, é (talvez) estranho, mas o velho Cuca, que zombara do Aprendiz, nunca conseguira tirar da cabeça aquele bolo nem a estrela, apesar de ter continuado como Cuca por muitos anos. Era agora um homem muito velho e não cozinhava mais. Estava muito gordo, pois continuava comendo vorazmente e gostava de açúcar. Passava a maior parte do tempo sentado em uma grande cadeira junto à sua janela ou à sua porta, se fizesse bom tempo. Gostava de conversar, já que tinha muitas opiniões para compartilhar ou para oferecer, e sempre ficava contente quando alguém parava para conversar com ele (ou escutá-lo).

O Aprendiz frequentemente fazia isso — o velho Cuca ainda o chamava assim, e ele próprio esperava ser chamado de Mestre. O Aprendiz nunca deixava de fazê-lo, e era um grande ponto a seu favor, apesar de existirem outros que o velho Cuca apreciava mais.

Certa tarde, ele cochilava em sua cadeira depois do jantar quando viu o Aprendiz de pé ali perto, olhando-o de cima.

— Boa tarde — disse o velho. — Estou contente de vê-lo, pois uma coisa não me sai da cabeça, acordado ou dormindo, que você poderá recordar. Ainda me pergunto sobre aquela estrelinha. É, sim, aquela que anos atrás coloquei no melhor bolo que já fiz (e isso não é pouca coisa). Mas

maybe you have forgotten it".

"No matter, I remember it very well. But what's troubling you? It was a good cake, and it was praised and enjoyed."

"Of course. I made it. But that does not trouble me. It's the star. I cannot make up my mind what became of it. I said it must have melted, but that was only to stop the children being frightened. Of course it wouldn't melt. Then I have thought that some one must have swallowed it. But is it likely? You might swallow a little coin and not notice it, but not that star. It was very small, but it had sharp points."

"But you don't know what it was made of, Cook! Don't trouble your mind. Some one swallowed it, I assure you. Can't you guess who?"

"Well I have a long memory, and that day sticks in it especially, and I can recall all the children's names. Let me think! Was it Molly Miller? She was a greedy one and bolted her food; she is fat as a sack now."

"Yes there are some folk who get like that, Cook," said the Apprentice, looking at the Cook's waistcoat. "But it wasn't Molly. She found a threepenny bit in it, I noticed."

será que você se esqueceu dele?

— Não, mestre, lembro-me muito bem dele. Mas o que o aflige? Era um bom bolo, e foi elogiado e apreciado.

— É claro. Fui eu que fiz. Mas isso não me aflige. É a estrela. Não consigo imaginar o que foi feito dela. Eu disse que devia ter derretido, mas isso foi só para evitar que as crianças tivessem medo. É claro que não ia derreter. Depois pensei que alguém deve tê-la engolido. Mas será possível? Pode-se engolir uma moedinha e não perceber, mas não aquela estrela. Era pequena, porém tinha pontas afiadas.

— Mas não sabe do que era feita, mestre! Não se aflija. Alguém a engoliu, eu lhe garanto. Não consegue adivinhar quem foi?

— Bem, tenho memória comprida, e aquele dia ficou gravado nela, e consigo recordar o nome de todas as crianças. Deixe-me pensar! Foi a Molly Moleiro? Era gananciosa e devorava a comida, agora está gorda como um barril.

— Sim, algumas pessoas ficam desse jeito, Mestre — disse o Aprendiz, olhando para o colete do Cuca. — Mas não foi Molly. Ela encontrou uma moeda de três *pence* em sua fatia.

"So she did! Harry Cooper then? He had a big mouth like a frog's and stuffed his cheeks."

"Oh no! He would not swallow a raisin-pip. I left one or two in, and watched them to him. He took them out of his mouth with his finger."

"Then that little girl Lily Long & ~~[illegible]~~ ~~[illegible]~~. She used to swallow pins as a baby, and come to no harm."

"Oh no! She only ate the marzipan and sugar, and gave the inside to Molly Miller, who sat by her."

"Then I give up. Who was it? [You seem to have been watching very carefully, or making it all up]."

"Alfred Smithson, of course, Master," said the Apprentice.

"Go on!" laughed the old Cook. "I ought to have known you were having a game with me, and only talking. Don't be ridiculous! Alfred Smithson is a plain hardworking man now, as he was a quiet sensible boy then. Cautious, you might say. Thought before he spoke, looked all round before he jumped. He wouldn't ~~go swallowing~~ let anything go down that might do him harm. Chewed before he swallowed, and still does, if you take my meaning."

"I do, Master. Very sensible, ~~But he swallowed the star all~~ the same. You must think what you like. But the star is back in the box now. Come and see!"

"You know I can't; I couldn't even roll so far. But seeing is believing."

"Then I'll bring the box," said the Apprentice;

— Encontrou! Harry Tanoeiro, então? Tinha a boca grande como a de um sapo e recheava as bochechas.

— Ah, não! Ele não engoliria um caroço de passa. Deixei um ou dois lá dentro e torci para ele achá-los. Tirou-os da boca com o dedo.

— Então aquela garotinha... Lily Longo? Costumava engolir alfinetes quando bebê, e não lhe faziam mal.

— Ah, não! Ela só comeu o marzipã e o açúcar e deu o recheio a Molly Moleiro, sentada a seu lado.

— Então desisto. Quem foi? [Parece que você estava observando muito atentamente ou inventando tudo.]

— Alfred Filho do Ferreiro, é claro, Mestre — respondeu o Aprendiz.

— Ora, vá! — riu o velho Cuca. — Eu devia saber que você estava fazendo um joguinho comigo e inventando tudo. Não seja ridículo! Alfred Filho do Ferreiro é hoje um homem simples e trabalhador, assim como era um menino quieto e sensato naquela época. Cauteloso, poderíamos dizer. Pensava antes de falar. Olhava em volta antes de pular. Não deixava descer nada que lhe fizesse mal. Mastigava antes de engolir, e ainda faz isso, se você me entende.

— Entendo, Mestre. Muito bem, então. Pode pensar como quiser. Mas agora a estrela voltou à caixa. Venha ver.

— Sabe que não posso. Nem consigo rolar até lá. Mas ver é crer.

— Então vou trazer a caixa — disse o Aprendiz.

E foi buscá-la. Abriu-a debaixo do nariz do velho Cuca. — Aí está a estrela, Mestre. Lá embaixo, no canto.

O velho Cuca estava espirrando e tossindo, pois algumas das especiarias lhe haviam subido pelo nariz. Mas, quando enxugou os olhos, que escorriam, olhou a caixa.

— Está mesmo! — exclamou. — se é que meus olhos não estão me pregando uma peça com tanta lágrima.

— Nada de peças, Mestre. Pus a estrela aí com minha própria mão, não faz nem uma semana. Ela poderia voltar para um bolo, creio.

— A-há! — disse o velho Cuca com um olhar astuto, depois riu até tremer como uma gelatina. — Então foi assim a coisa, e eu nunca percebi. Você sempre foi um rapaz esperto, apesar de ter ideias estranhas ou inventá-las para me provocar. Mas *econômico*, isso você sempre foi. Não desperdiçava uma passa, nem um bocadinho de manteiga. Então você pinçou essa estrelinha para fora da mistura enquanto mexia [e a manteve a salvo]. Bem, caso encerrado. Quem sabe agora eu tire um cochilo despreocupado. Mas muito obrigado por você ter vindo.

— Tire seu cochilo, Mestre — disse o Aprendiz e lhe desejou bom dia. Mas voltou-se antes de partir. — Ainda assim — falou, sem nenhum *Mestre* –, quando acordar poderá pensar de novo, se não ficar gordo e sonolento demais.

Rascunhos e transcrições
de “Lago das Lágrimas”

Mas quando ele tentou caminhar mais perto do bosque
Ele nunca mais viu aquela Árvore, apesar de ~~frequentemente~~ procurar por ela, e não muito tempo depois chegou ao
Lago das Lágrimas no meio estava a Ilha do Vento Selvagem
envolveu-o de novo e quando o soltou
ele descobriu que estava perto dos Confins da Terra-Fada caminhando para [?] ~~a direç~~ sua própria terra.

Depois por algum tempo tentou encontrar a Árvore ~~outra vez~~ mas nunca mais a viu. Em uma de suas caminhadas [?] chegou ao L. das Lágrimas ~~onde~~ no meio do qual estava a Ilha do V. S., porém ele não sabia seus nomes.
O O Lago se estendia ~~calmo e imóvel~~ calmo e liso estendia-se tranquilo como um espelho, e a ilha parecia próxima: As bétulas ~~brancas~~ que cresciam nela estavam reluzindo brancas, e se refletiam no lago que
se estendia calmo e tranquilo como um espelho. Provou a água e era fresca e doce, então vadeou e nadou
até a ilha: e Por um longo tempo ela
parecia não se aproximar, e quando ele finalmente alcançou a margem estava exausto. Descobriu que era uma ilha grande, e ao caminhar na Floresta viu
que todas as árvores eram belas/jovens e com ~~folhagem cheia~~ suas folhas estremeciam à luz do sol. No entanto não havia movimento no ar. Subitamente ouviu bem
longe

and the sun went dark.

Once He came to ~~a lake which he had heard called~~ the Lake of Tears, though he did not know why. He tasted the water and it was bitter, and his heart was saddened as he walked in the forest ~~thmh~~ on the slopes above the lake, though all the trees there were young and fair and in full leaf, and the sun shone. Then he heard the Wind coming far away, roaring like a wild beast; and it broke into the forest, tearing up all that had no roots and driving before it all that could not withstand it. He put his arms about the stem of a white birch and clung to it, and the Wind wrestled fiercely with him, dragging away his arms; but the birch was bent down to the earth by the blast and ~~closeboughs~~ enclosed him in its boughs.

At last the sun gleamed out again, and he saw all the leaves of the forest whirling like ~~a flying~~ cloudsin the sky, as the Wind ~~bore them far~~ away. ~~But all the trees were naked~~ every tree was naked. Then all the trees wept, and tears flowed from their ~~branches and twigs~~ like a grey rain and some gathered in rivulets that ran down into the lake lovingly

'Blessed be the birch!' he said, laying his hand/upon its white bark. 'What can I do to show my thanks?' and he felt the answer of the treem pass throug his ~~hand~~ and arm, and it said: 'Nothing' ~~But ifyou see the King tell him, When he returns he will still the Wind and we shall~~ But go away from here! ~~Imthink~~ The Wild Wind is hunting you. If you see the King tell him. Only he can still the Wind once it is aroused

e o sol escureceu.

Certo dia chegou ~~a um lago que ouvira chamar~~ de Lago das Lágrimas, apesar de não saber o porquê desse nome. Provou a água e era amarga, e seu coração se entristeceu ao caminhar na floresta que nas encostas acima do lago, apesar de todas as árvores ali serem jovens e belas e com folhagem cheia, e o sol brilhava. Então ele ouviu o Vento vindo de bem longe, rugindo como uma fera selvagem; e ~~ele~~ o Vento irrompeu na floresta, arrancando tudo o que não tinha raízes e empurrando diante de si tudo o que não lhe podia resistir. Com os braços ele enlaçou o tronco de uma bétula branca e se agarrou a ela, e o Vento combateu ferozmente com ele, arrastando-lhe os braços; mas a bétula se dobrou até o chão com a rajada e seus ramos o envolveu em seus ramos.

Por fim o sol voltou a brilhar, e ele viu todas as folhas da floresta rodopiando como ~~voando~~ nuvens no céu, voando diante do Vento que as levava para longe que se afastava ~~mas todas as árvores estavam~~ nuas. Cada árvore estava nua. Então todas as árvores choraram, e lágrimas escorreram de seus ramos e rebentos como uma chuva cinzenta e algumas se juntaram em fios d'água que fluíam para o lago lá embaixo.

— Bendita seja a bétula! — disse ele, pondo as mãos carinhosamente sobre sua casca branca. — O que posso fazer para mostrar minha gratidão? — e sentiu a resposta da árvore subindo ~~através~~ por ~~sua mão e~~ seu braço, e ela disse:

— Nada. ~~Mas se você vir o Rei, conte-lhe. Quando ele voltar vai acalmar o Vento e havemos de~~ Mas vá embora daqui! Creio O Vento Selvagem está atrás de você. Se você vir o Rei, conte-lhe. Só ele pode acalmar o Vento depois que este for provocado

> [manuscrito] Então ouviu um suspiro [manuscrito] Ouve o Vento [?] e não consegue ver nenhuma estrela

Alf

Derivado do antigo inglês *ælf*, antigo nórdico *alfr*, e aparentado com o inglês moderno *elf*, *Alf* possui em todas essas línguas o significado de "elfo", um ser sobrenatural (mas não divino) que, acreditava-se, influenciava os assuntos humanos. Os elfos faziam parte das crenças populares da Europa Setentrional, da mitologia "inferior", oposta à "superior", dos deuses. Nos tempos anglo-saxões, a palavra era usada em nomes pessoais, como parte de compostos como Ælfwine ("Amigo dos Elfos"), Ælfbeorht ("Brilhante como Elfo"), Ælfred ("Conselho de Elfo"), nomes que chegaram ao inglês moderno como Alwyn/Elwin, Albert e Alfred.

O primeiro rascunho de *Ferreiro* chamava o herói de "Alfred Filho do Ferreiro[15]". Estritamente falando, um nome mais adequado para o Ferreiro teria sido Ælfwine, "Amigo dos Elfos", enquanto Ælfred, "Conselho de Elfo", se ajustaria melhor ao Rei, que aconselha o Ferreiro a entregar a estrela.

"o alto chapéu branco"

Em uma carta escrita a Roger Lancelyn Green em dezembro de 1967, Tolkien observou: "[...] Mas eis que surge [na história] Merton [seu College em Oxford]. Nosso atual admirável e pequeno chefe de cozinha (com um chapéu m. alto) é, ao menos pictoricamente, o original de Alf" (*Cartas*, n. 299).

"É fádica"

Fay, "mágico, possuindo poderes mágicos".

"Sobre contos de fadas"

"Sobre contos de fadas" foi primeiramente apresentado em 1939 como Conferência Andrew Lang, na Universidade de St. Andrews, Escócia. O texto foi expandido para inclusão no volume memorial *Essays Presented to Charles Williams* [Ensaios apresentados a Charles Williams], uma coleção planejada como *festschrift*[16] para Williams e publicada por C. S. Lewis após a morte prematura dele. Junto com o conto *Folha, de Migalha*, "Sobre contos de fadas" foi publicado em 1964 como parte de *Árvore e folha*. Depois, todo o volume foi reimpresso como seção separada de *The Tolkien Reader* [Seleta de Tolkien], em 1966. Está incluído em *The Monsters and the Critics and Other Essays* [Os monstros e os críticos e outros ensaios], editado por Christopher Tolkien e publicado em 1983.

Tolkien estava bastante preocupado em estabelecer o verdadeiro significado do termo *fairy*. Em uma nota de rodapé em "Sobre contos de fadas" (*The Monsters and the Critics*, p. 111[17]) ele se refere a *daoine-sithe* (irlandês antigo), *tylwyth teg* (galês) e *huldu-fólk* (germânico). *Sídhe* é irlandês, gaélico escocês e manquês para uma colina das fadas, a habitação da gente fádica, e por extensão o Outro Mundo ou os Infernos. O termo galês equivalente é *Annwfn*, muitas vezes traduzido como "infernos". As próprias fadas são chamadas em irlandês de *daoine sídhe*, "gente da colina", e em galês de *y tylwyth teg*, "a bela gente".

Uma forte crença de que estão presentes no mundo humano seres não humanos, com poderes sobrenaturais, podia ser encontrada em toda a zona rural britânica e irlandesa no século XIX e no começo do século XX. A investigação de tais crenças e a coleção das histórias, dos provérbios e dos costumes populares (como deixar um pote de leite na soleira da porta antes de ir para a cama) que as expressavam foram o foco da recém-desenvolvida disciplina de estudos folclóricos.

Clyde Kilby

Em 1964, Tolkien foi contatado pelo professor Clyde Kilby, do Wheaton College, em Illinois, Estados Unidos. Depois disso os dois se corresponderam de tempos em tempos. O Wheaton estava então organizando a coleção de

manuscritos e definindo o local dedicado a pesquisas sobre as obras de C. S. Lewis, J. R. R. Tolkien, Charles Williams, Owen Barfield, Dorothy L. Sayers, George MacDonald e G. K. Chesterton, que se transformou no Wade Center. Em novembro de 1967, logo após a publicação de *Ferreiro de Bosque Grande*, Kilby perguntou a Tolkien sobre a possibilidade de comprar os manuscritos da história. Como resposta, Tolkien mandou a Kilby, nos Estados Unidos, uma descrição dos rascunhos e dos manuscritos provisórios, incluindo sua lembrança de como a história veio a existir. Para desapontamento de Kilby, o Wheaton College não foi capaz de bancar o preço, e os manuscritos acabaram indo para a Coleção Tolkien do Departamento de Manuscritos Ocidentais da Biblioteca Bodleiana[18] em Oxford.

“O Grande Bolo”

O título original foi derivado da ideia do bolo introduzida ao final da abortada apresentação escrita por Tolkien para *The Golden Key*. A alteração nos rascunhos finais de *Ferreiro de Bosque Grande* assinalou a mudança de foco de Tolkien, do bolo para o menino; também um deslocamento da alegoria (em que um doce simboliza um conceito) para a história de fadas (de como um homem comum se aventura na terra das fadas e o que encontra lá). De maneira menos evidente, fazia referência a histórias e autores externos ao relato.

Em uma carta para seu neto Michael George, Tolkien escreveu que o título com *Smith* [Ferreiro] pretendia “sugerir um Woodhouse [Wodehouse] prematuro ou história no B[oys’] O[wn] P[aper]” (*Cartas*, n. 290). Quatro romances do início da carreira de P. G. Wodehouse contam a desventura cômica de seu herói Rupert Smith (ele grafa “Psmith”), que começa como colegial em *Psmith in the City* [Psmith na cidade] (1910) e se transforma em um herói arquetípico de Wodehouse durante o desenrolar de *Psmith Journalist* [Psmith jornalista] (1915), *Leave it to Psmith* [Deixe com Psmith] (1923) e *Mike and Psmith* [Mike e Psmith] (1935).

The Boy’s Own Paper [Revista própria dos meninos], cujo público é autoexplicativo, foi um periódico semanal de oito ou dez páginas. Era publicado pela Religious Tract Society [Sociedade de Tratados Religiosos] e teve vida notavelmente longa, sendo publicada ininterruptamente de 1879 a 1967. Os números apresentavam ciência, história natural, enigmas, histórias de escola e aventuras, breves biografias de “Homens de quem se fala” (como Thomas Edison e Charles Darwin) e também contos e romances seriados de autores

populares como Júlio Verne, Algernon Blackwood, Sir Arthur Conan Doyle e G. A. Henty.

O título de Tolkien, homenagem irônica a esses dois baluartes da ficção britânica, quase certamente não pretendia ser levado a sério no contexto da história.

“mais escorregadia que vidro”

Slidder, um adjetivo arcaico agora obsoleto, significa “escorregadio, em que se escorrega facilmente”. Provém do antigo inglês *slidor*, de *slıdan*, “escorregar”. O primeiro uso registrado da palavra data do século XIII ou começo do IX, no *Poema rúnico* anglo-saxão n. 29: “*Is byþ oferceald un3emetum slidor*” [“O gelo é excessivamente frio, imensuravelmente escorregadio”]. Um paralelo mais próximo ao uso da palavra por Tolkien ocorre no texto em médio inglês *Handling Synne* [Manual do pecado], de Robert Mannynge of Brunne, c. 1303, que descreve uma *brygge* [ponte] “*as sledyr as any glas*” [“tão escorregadia como vidro”].

“Versão que foi lida em BlackFriars”

Esse evento, patrocinado em conjunto pelo prior de Blackfriars, o Padre Bede Bailey, e pelo diretor (*principal*, não *master*, como Tolkien escreve erroneamente) da Casa Pusey, o Padre Hugh Maycock, fazia parte de uma série sobre “Fé e literatura”.

Blackfriars é um priorado dominicano e sede privada permanente da Universidade de Oxford de estudos pré-graduados e graduados de teologia católica romana. Fica bem do outro lado da Pusey Street, em frente à Casa Pusey, que foi aberta em 1884 como memorial ao Dr. Edward Pusey, figura de proa do Movimento de Oxford [19]. A Casa Pusey, na esquina da Pusey Street com a St. Giles’, está empenhada em aproximar a Igreja da Inglaterra da Igreja Católica Romana e restituir à primeira sua vida e seu testemunho católicos.

Não é de surpreender que o prior de Blackfriars e o diretor da Casa Pusey tenham convidado Tolkien, católico romano e membro da comunidade da Universidade de Oxford, a dar uma palestra, como parte de sua série. Pode ter sido surpreendente que Tolkien tenha apresentado no lugar dela uma história de sua própria autoria. Sua introdução justificou essa substituição, ao observar que a história “contém elementos que são relevantes para a consideração da Poesia,

com P maiúsculo, ou que alguns podem considerar como tais". Havia um precedente tolkieniano para essa substituição. Convidado em 1938 a proferir uma palestra sobre contos de fadas para uma sociedade de pré-graduados do Worcester College, Tolkien, em seu lugar, leu para a plateia o conto então inédito *Mestre Gil de Ham*.

"inadequação da história para 'crianças modernas'"

Talvez com base no formato (pois a primeira edição era um pouco maior que as Beatrix Potters originais publicadas pela F. Warne & Co.), Williams interpretou mal a intenção e o público pretendido da história. Ela não é para crianças, modernas ou outras, como Tolkien se esforçou bastante em deixar claro. Escreveu para Roger Lancelyn Green dizendo que "o continho *não* era (é claro) destinado às crianças! O livro de um velho, já oprimido com o presságio da 'privação'" (*Cartas*, n. 299).

George MacDonald

George MacDonald (1824-1905), romancista vitoriano e pregador laico, foi autor de diversas histórias para crianças e sobre elas, incluindo *The Princess and the Goblin* [A Princesa e o Duende], *The Princess and Curdie* [A Princesa e Curdie] e *At the Back of the North Wind* [Por trás do vento norte], bem como duas histórias filosóficas e espirituais para adultos, *Lilith* e *Phantastes*. Também escreveu diversas histórias de fadas, entre as quais *The Golden Key*, talvez a mais conhecida.

***The Golden Key* como "conto de fadas para crianças"**

Nada, na correspondência entre Tolkien e a Pantheon Books, sugere que a editora pretendesse que o livro fosse destinado às crianças. Na primeira carta de Michael di Capua a Tolkien, datada de 2 de setembro de 1964, ele simplesmente o convidava a escrever um prefácio para *The Golden Key*. Tolkien respondeu em 7 de setembro, concordando e perguntando sobre o prazo. Di Capua voltou a escrever em 23 de setembro de 1964:

> Você concorda em que não seria possível dirigir seu prefácio ao jovem leitor, mesmo que esta seja uma edição ilustrada de uma história que MacDonald chamou de "conto de fadas"? Se você quisesse se dirigir a essa criança hipotética, eu ficaria contente, mas desconfio que tentar escrever sobre esta história nesse contexto poderá limitá-lo. Acho que você poderá achar mais satisfatório dirigir-se a um leitor adulto de MacDonald, e podemos presumir que uma criança que não consiga lidar com o que você tem para dizer simplesmente vá pular o prefácio. Mas, de novo, a escolha é sua.

Já que nada, na correspondência anterior, havia tratado da questão dos jovens leitores (na verdade, parecia estar evitando o assunto), é possível que o tema tenha sido levantado em uma conversa não registrada, pelo telefone ou pessoalmente, à qual a carta de Di Capua foi uma resposta.

"desmoronamento do projeto"

No final, *The Golden Key* não foi publicado pela Pantheon Books. Em 1966, Michael di Capua mudou de editora, passando da Random House para a Farrar, Strauss and Giroux e levando consigo o projeto MacDonald. O livro foi publicado pela Farrar em 1967, com ilustrações de Maurice Sendak e posfácio de W. H. Auden. A sobrecapa trazia uma citação do ensaio de Tolkien "Sobre contos de fadas" em que ele dizia: "A Mágica, o conto de fadas... pode ser transformada em veículo do Mistério. Pelo menos foi isso que George MacDonald tentou, realizando histórias de poder e beleza quando bem-sucedido, como em *The Golden Key*".

"a carta de Jackde 9 de outubro de 1954"

"Jack" era C. S. Lewis, amigo e colega de Tolkien em Oxford, que morreu em novembro de 1963. A "coleção recente" em que é citada a carta de "Jack" é a obra de Lewis, *Letters to an American Lady* [Cartas a uma senhora americana], editada por Clyde Kilby e publicada em 1967 pela William B. Eerdmans Publishing Company. Em 9 de outubro de 1954, Lewis escrevera à "senhora americana", Mary Willis:

> As fadas — a gente da *Shidhe* (pronuncia-se Shee) — ainda têm crentes em muitas regiões da Irlanda e são muito temidas. Fiquei em um encantador bangalô do Condado de Louth onde diziam que o bosque era assombrado por um fantasma *e* por fadas. Mas eram estas que espantavam o povo rural. O que lhe dá o ponto de vista — um fantasma *muito* menos alarmante que uma fada. Um homem de Donegal contou a um pároco que conheci que certa noite, quando voltava para casa andando na praia, saiu uma mulher do mar, e "seu rosto era pálido como ouro". Vi um sapato de *leprechaun*[20], dado a um médico por um paciente grato. Era do comprimento, e pouco mais que da largura, de meu indicador, feito de couro macio e um pouco gasto na sola. Mas tire da cabeça qualquer ideia de criaturas cômicas ou agradáveis. Elas são muito temidas, e chamadas de "o bom povo" não porque *são* boas, e sim para acalmá-las. Não encontrei nenhum vestígio de alguém que acredite ou algum dia tenha acreditado (na Inglaterra ou na Irlanda) nas fadas *minúsculas* de Shakespeare, que são uma invenção puramente literária. Os *leprechauns* são menores que os homens, mas a maioria das fadas tem estatura humana, e algumas são mais altas. (*Lewis*, p. 32.)

Um curioso corolário à anedota de Lewis sobre o sapato de *leprechaun* encontra-se no Livro-Lembrança da Conferência Centenária sobre Tolkien. Nele o cônego Norman Power relata uma noite com Tolkien, em uma reunião do Clube Lovelace do Worcester College em 1938 (a reunião referida anteriormente, na qual ele leu *Mestre Gil de Ham*). O Cônego Powers escreveu:

> À medida que prosseguiu a longa noite, a Taça da Amizade[21] circulou, as línguas se soltaram e todos ficamos mais relaxados e joviais. Discutimos a realidade dos Dragões e de outros habitantes de Faerie. Para meu deleite, Tolkien afirmou, com grande erudição e riqueza de evidências literárias, que deve existir algo real por trás da percepção universal do que é um dragão. Questionado sobre outros seres, Tolkien [...] esvaziou os bolsos. Uma surpreendente coleção de sucata se acumulou no chão junto a mim, tal como os próprios Bilbo ou Gandalf poderiam ter orgulho de possuir. Enredado em um grande novelo de barbante, havia um sapato verde que Tolkien desembaraçou. Era estranho, com umas onze polegadas[22] de comprimento, e pontudo, grande demais para ser um sapato de boneca. Toquei-o: parecia a pele de alguma criatura como uma cobra ou um lagarto. Tolkien afirmou decididamente, e com aparente sinceridade, que era um sapato de *leprechaun*.

“bordas da tela”, “moldura acrescentada” à pintura

Aqui as imagens de Tolkien lembram surpreendentemente o conceito ilustrado ao final de *Folha, de Migalha*, quando Migalha pela primeira vez enxerga, além das bordas de sua tela, as “distâncias remotas e tenuemente vislumbradas” e as regiões até então não reveladas de ambos os lados, a terra de que sua Árvore faz parte. Tolkien discute praticamente o mesmo ponto em “Sobre contos de fadas”, em que acusa a convenção de narrativas de sonho de encerrar “um bom quadro” em uma “moldura deformada”. O mecanismo de adormecer e acordar é a moldura deformada, pois ele nega o assombro do conteúdo sonhado, que ao despertar é repudiado como sendo “apenas” um sonho. Talvez a ideia seja mais extensamente tratada na primeira parte de *The Notion Club Papers*[23], em que os membros do Clube discutem e criticam a adequação de vários dispositivos arbitrários de “moldura” por meio dos quais um autor estabelece a viagem no tempo ou no espaço (*Sauron Defeated* [Sauron derrotado], p. 163-70).

Esquema temporal e personagens

O plano do “Esquema temporal e personagens” existe em três estados. O mais antigo consiste em três páginas manuscritas, das quais a mais inacabada é uma listagem ano a ano de eventos começando em 1000, com “Nascimento de Vovô Cuca”, e terminando em 1120-1121, com “Grande Festa Alf parte e deixa Trompeiro como M.-Cuca”. Anotações marginais importantes narram e expandem a sequência dos eventos. No pé da página há uma breve lista que dá a idade dos membros da família de Ferreiro à época da história, como se segue:

Ferreiro 51

Esposa 51

Nan 26

Ned 28

A página está riscada por uma linha que a atravessa de cima a baixo. Uma segunda página, não riscada, consiste em anotações narrativas que tratam principalmente da história do “Velho Vovô Cuca” e de sua família. Uma terceira

página estende a história à aldeia e seus ofícios. Todas as três páginas são contínuas, na mesma letra, e parecem ter sido escritas na mesma época.

Um segundo rascunho do "Esquema temporal", datilografado, tem correções e emendas a tinta, incluindo uma alteração de "Trompeiro" para "Harpista" como nome do terceiro Mestre-Cuca. A alteração mantém a associação com a música, pois Tolkien cuidou de esclarecer que esse personagem, que não desempenha um papel ativo na história, deveria ser músico. Uma nota especifica que *horner* é a denominação de "alguém que toca trompa"[24], não como, no restante dos ofícios, alguém que trabalha com chifre como material, como acontece com a madeira ou a pedra. Essa alteração se mantém na terceira cópia, limpa e datilografada, que é aquela reproduzida aqui.

“Este breve conto não é uma ‘alegoria’”

Tolkien manifestou seu desagrado com a alegoria tão firmemente e em tantas ocasiões que ficamos tentados a considerar que o protesto foi exagerado. No prefácio da segunda edição de *O Senhor dos Anéis*, ele escreveu:

> [...] cordialmente, não aprecio alegorias em todas as suas manifestações, e sempre foi assim desde que me tornei adulto e perspicaz o suficiente para detectar sua presença. Gosto muito mais de história, verdadeira ou inventada, com sua aplicabilidade variada ao pensamento e à experiência dos leitores. Acho que muitos confundem “aplicabilidade” com “alegoria”, mas a primeira reside na liberdade do leitor, e a segunda, na dominação proposital do autor.

De fato, como ressaltou Tom Shippey, Tolkien usava a alegoria frequentemente e com bom resultado. Utilizou-a duas vezes em seu ensaio “Beowulf: The Monsters and the Critics” [Beowulf: os monstros e os críticos], uma vez para retratar o começo dos estudos do *Beowulf* como conto de fadas da Princesa Adormecida (o poema), em que se permite a todas as fadas, exceto a Poesia, estarem presentes ao batizado da criança, e uma vez na alegoria do poema como torre. O que ele parece ter detestado e repudiado era a alegoria “moral” (*vide* suas observações sobre C. S. Lewis em seu relato da gênese da história para Clyde Kilby), em que o segundo nível de significado se relaciona com uma posição moral, ética, religiosa ou política.

Ainda assim, ele admite que existe em *Ferreiro* um nível de alegoria para além da ideia inicial do bolo muito doce, como destaca em seu ensaio acerca da história. Essa não é a alegoria filológica proposta por Shippey, que vê Tolkien, erudito fantasista, como Ferreiro, o cético Noques como a figura do crítico e o Mestre-Cuca como a figura do filólogo. Ao contrário, Tolkien sugeriu que o Salão seria a igreja da aldeia, o Cuca seria o Pároco e a Culinária seria a religião e a oração pessoais. Esse nível de significado, porém, é tão latente que fica quase invisível. Ao fim, talvez seja mais fácil aceitar a preferência de Tolkien pela aplicabilidade que “reside na liberdade do leitor”, em vez da alegoria, a “dominação proposital do autor”.

“Ó minutos grandes como anos!”

Todos os esforços para localizar a fonte dessa citação malograram até agora.

Fairy > Faërie > Fayery > Faery

Um pouco de etimologia poderá ajudar a pôr em ordem as grafias dessa palavra utilizadas por Tolkien, aparentemente inconsistentes e idiossincráticas. A palavra moderna *fairy* vem do inglês médio *faerie*, do francês antigo *faerie*/*faierie*, “encantamento”, de *fae*, “fada”, que por sua vez se originou do latim *fāta*, “as Parcas”, plural de *fātum*, “Destino”, particípio passado neutro de *fārī*, “falar”. Assim, o Destino[25] era “falado; aquilo que foi dito”, por exemplo, uma maldição ou uma bênção; e na sua derivação *fairy* tinha implicações consideravelmente mais sombrias do que aquelas que a tradicional frase “*fairy tale*”[26] carrega.

Tolkien preferia claramente a grafia e o uso do médio inglês, bem como as conotações mais sombrias. Sentia que a palavra *fairy*, tal como convencionalmente usada no inglês moderno, havia sido degradada e estava divorciada de seu significado original, complexo e poderoso. Escolheu as grafias mais antigas para dissociar a palavra de suas conotações modernas de atratividade, delicadeza e estatura diminuta e trazê-la de volta aos significados mais antigos, consideravelmente mais sombrios, que tivera outrora. No léxico de Tolkien, a palavra significava propriamente “encantamento”, em especial pela palavra falada, como na magia ou feitiçaria.

Em “Sobre contos de fadas”, ele grafou a palavra como *Faërie*. Em alguns rascunhos antigos de *Ferreiro*, usou uma grafia modificada do inglês médio, *Fayery*, próxima à usada por Chaucer no “Conto da Mulher de Bath”, onde a Mulher começa seu relato com a observação:

“*In th’olde dayes of the Kyng Arthour,*
Of which that Britons speken greet honour,
Al was this land fulfild of Fayerye”.[27]

Tolkien teria concordado com a Mulher. Em “Sobre contos de fadas”, ele observou que “a história boa e má da corte de Artur é um ‘conto de fadas’”.

Sua grafia final da palavra em *Ferreiro* simplesmente eliminou o *y* medial e o *e* final de Chaucer, simplificando-a para *Faery*. Vale a pena observar que, coerentemente, a palavra está grafada *Fairy* quando é usada pelo velho Noques,

enquanto a grafia preferida, *Faery*, é o uso padrão para o narrador da história e também para Ferreiro, a Rainha e Alf.

Noques

Tolkien caracteriza o nome Noques[28] como "geográfico" para distingui-lo dos nomes de ofícios da aldeia, mais típicos, como Ferreiro ou Moleiro. Enquanto etimologicamente de fato significa "morando perto do carvalho", é também, como sabia Tolkien, um nome-tipo para um tolo ou pateta, uma pessoa ignorante. O nome e o tipo têm pelo menos outra ocorrência semelhante em sua obra, com o "Velho Noques de Beirágua"[29], que participa da conversa explicativa no Ramo de Hera, no capítulo de abertura de *O Senhor dos Anéis*. Esse Noques desconfia profundamente das conexões de Frodo com os Brandebuques "lá na Terra dos Buques, onde as pessoas são tão estranhas". O fato de suas dúvidas sobre os Brandebuques facilitarem que pense mal deles é demonstrado pelo lúgubre acréscimo à história da morte aquática dos pais de Frodo: "ouvi que ela [a mãe de Frodo] o empurrou [ao pai de Frodo], e ele a puxou para dentro da água". Fica claro que para Noques, cujo julgamento é posto em dúvida pelo próprio nome, nenhuma história sobre forasteiros vindos da outra margem do rio é escandalosa demais para ser acreditada; de fato, quanto mais pitoresca, melhor. Como muitos na Vila dos Hobbits (na verdade, quase todos, exceto Bilbo, Frodo, Sam, Merry e Pippin), Noques tem mentalidade estreita e é xenófobo, desconfiando automaticamente de qualquer um que não conheça. Junto com Ted Ruivão, Noques representa o tipo do hobbit sem imaginação e cético, cujo tipo oposto é Sam Gamgi, com seu romântico desejo de ver os elfos. Assim, o nome Nokes/Noakes funciona como uma espécie de taquigrafia para ignorância e preconceito obstinados.

Bosque [Grande, Pequeno], Vilamata e o Bosque[30]

Os nomes de aldeia em *Ferreiro* estão todos etimologicamente associados à ideia de um bosque ou floresta, que na história é propositadamente sua localidade mais próxima. Bosque Grande está junto à orla do Bosque Oeste. Bosque Pequeno, de onde provém Ginete, avô de Ferreiro, encontra-se no interior de seus limites; é uma aldeia na clareira. Vilamata, de onde provém Rosa Cantadora, avó de Ferreiro, fica ainda mais no fundo da floresta. Ambas as aldeias Bosque, Grande e Pequeno, derivam seu primeiro nome [*Wootton*] do inglês antigo *wudu-tun*, "TUN [*town*, "aldeia"] em uma floresta ou junto dela". O

nome *Walton* muito provavelmente deriva do inglês antigo *W(e) ald-tun* “TUN [*town*, “aldeia”] em uma floresta ou um bosque”.

Tolkien também pode ter tido em mente um segundo significado de *Walton*, pois é possível que o elemento *wal* derive não de *w(e)ald*, e sim de *walh* ou *wealh*, palavra germânica normalmente traduzida por “estrangeiro”, aplicada pelos invasores anglo-saxões aos falantes nativos de *Brittisc* [britânico], um idioma celta. Ao longo do tempo, a palavra germânica e seus derivados se tornaram sinônimos de britânico e britânicos e acabaram substituindo esses termos. Assim, o nome *Walton* pode se referir a uma aldeia [*tun*] de *Wealas*, falantes do que teria sido então a língua *Wælisc* (o moderno *Welsh* [galês]). Quatro Waltons, atualmente situadas na região de Birmingham, perto de onde Tolkien cresceu, podem evidenciar a presença de gente falante de galês por ali, no período posterior ao estabelecimento dos anglo-saxões, circunstância de que certamente ele teria consciência. Os dois significados, “bosque” e “galês”, no entanto, não são mutuamente excludentes e podem, na verdade, ser aparentados, pelo fato de que a localização de Walton em Tolkien, no fundo de uma floresta, tinha a intenção de implicar grande proximidade e familiaridade com sua Faery, de forte influência celta.

A mitologia celta, especificamente a irlandesa e a galesa, tradicionalmente localiza o Outro Mundo no oeste, às vezes do outro lado do mar ou no subsolo, mas frequentemente em uma floresta. A preferência de Tolkien em usar uma floresta como entrada de sua Faery pode ter algo a ver com sua familiaridade com “Pwyll”, o Primeiro Ramo do *Mabinogion* galês. No começo dessa história, Pwyll, Príncipe de Dyfed, que saiu para caçar em uma floresta, encontra Arawn, Rei de Annwfn (o Outro Mundo galês), em uma clareira do bosque. Os dois trocam de forma e Pwyll passa o ano seguinte em Annwfn, enquanto Arawn reina em Dyfed.

O catálogo da biblioteca pessoal de Tolkien lista edições diplomáticas[31] do Livro Branco de Rhydderch e do Livro Vermelho de Hergest, dois manuscritos medievais do *Mabinogi*on, dos quais ele fez sua própria transcrição e tradução parcial de “Pwyll”. Entre suas notas sobre “Pwyll” há uma discussão acerca da etimologia de “Annwfn”.

narradores, violeiros [32]

Essas são palavras antigas para designar contadores de histórias e tocadores de rabeca. Já que é improvável que um leitor moderno reconheça algum desses

termos, eles parecem ter sido usados em grande medida pelo efeito arcaico. Porém, de fato, a forma verbal de *sedger* ainda estava em uso em um recanto da Inglaterra nas primeiras décadas do século XX, como Tolkien saberia. Ele colaborou com o prefácio de *A New Glossary of the Dialect of the Huddersfield District* [Um novo glossário do dialeto do Distrito de Huddersfield], de Walter E. Haigh, publicado em 1928, que lista *se¯*, passado *sed*, "dizer, falar", do inglês médio *seggen*; em inglês antigo, *secgan*, "dizer".

Tolkien estava bastante familiarizado com tais palavras antigas por meio de *A Middle English Vocabulary* [Um vocabulário do inglês médio], seu léxico anexado a *Fourteenth Century Verse and Prose* [Verso e prosa do século XIV], de Kenneth Sisam. Nele, bem como em seu ensaio, Tolkien glosou *seggers* (inglês médio *segge(n)*, "contar") como "contadores de histórias profissionais", ao mesmo tempo explicando *crouders* como "rabequistas" (inglês médio *croud*, *crouþ*, galês *crtwh*, "rabeca"). Sua resenha em inglês médio de *Sir Orfeo* incluía *crouders*, mas, quando traduziu esse poema para o inglês moderno, substituiu *crouders* por *fiddlers* [rabequistas].

No entanto, visto que em seu ensaio ambos estão listados como músicos, *crowthers* deve diferir de algum modo de *fiddlers*[33]. Os instrumentos são comparáveis, porém não iguais. *Fiddle* [rabeca] é autoexplicativo e ainda usado, tanto a palavra como o instrumento, enquanto o OED[34] define a palavra *crowd*, agora obsoleta, como um instrumento celta igualmente obsoleto, da classe das violas, que em tempos antigos tinha três cordas, e mais tarde passou a ter seis, quatro das quais eram tocadas com arco e duas dedilhadas. A diferença é em parte etimológica, pois *croud* é de origem celta, e *fiddle*, germânica. Fica claro que Tolkien queria ambas.

As palavras arcaicas podem ter ajudado a estabelecer em sua mente um sentido geral de época e local. Seu ensaio, pouco mais explícito que a abertura da história, com seu "não faz muito tempo nem muito longe", estabelece a cena em uma "zona rural imaginária (mas inglesa), antes do advento da maquinaria a força motriz". Isso corresponde a um espaço de tempo de doze ou treze séculos, deixando a história flutuando no tempo. As palavras arcaicas têm o efeito de ancorá-la em algum ponto no século XIV ou perto dele. A inclusão das palavras antigas, não na própria história, e sim no ensaio colateral, parece coerente com o fato de Tolkien ter eliminado *slidder* do episódio do Lago das Lágrimas. A linguagem simples da narrativa cria seu próprio mundo e concentra a atenção no tema, não no período. A introdução de palavras antigas no ensaio transmite uma

sensação de distanciamento, como de um ambiente rústico isolado, ou da antiguidade vista em perspectiva histórica.

as visões de Faërie de Tolkien

A natureza de Terra-Fada, conforme ilustrada na história e descrita no ensaio anexo, contradiz em alguns aspectos a discussão anterior de Tolkien em "Sobre contos de fadas". Ali ele escreveu que, "se os elfos são de verdade e de fato existem, independentemente de nossas histórias sobre eles, então também isto com certeza é verdade: os elfos não se interessam primordialmente por nós, nem nós por eles. Nossos destinos são distintos, e é raro nossos caminhos se encontrarem". Na história, ele mostra aquilo que no ensaio afirma com clareza: que os indivíduos de Terra-Fada são "interessados nos Homens (não necessariamente em primeiro lugar) e benéficos"; que a relação é "de amor" e que os habitantes de Terra-Fada têm "afinal um parentesco com os Homens e um amor permanente por eles em geral".

OHMS

On His/Her Majesty's Service[35], carimbo identificador usado pelo governo da Grã-Bretanha para designar correspondência oficial. Aplicado ao Rei, isso significaria que ele era ali um mensageiro da Rainha, levando sua mensagem a Ferreiro em caráter oficial.

"A igreja foi 'reformada'. Sobrevive a lembrança de dias 'mais alegres'"

O argumento alegórico de Tolkien nesse ponto, de que o Salão (a Igreja) não está mais pintado nem enfeitado, mas se tornou meramente utilitário — "reformado" porque "não há mais canções, música ou danças" –, pode referir-se aos aspectos mais extremos da Reforma Protestante. Estes desencorajaram a decoração das igrejas e reduziram severamente a realização de rituais e cerimônias nas práticas religiosas e formas de culto. Também baniram comemorações mais seculares e diversões como o canto (exceto de hinos) e a dança. Sua referência, na frase seguinte, a uma lembrança de dias "mais alegres", lembra a expressão "*Merry England* "[36], frase que evoca um modo de vida utópico, pré-industrial, agora arruinado pela ascensão do comércio e da motivação do lucro, um declínio atribuído a Bosque Grande no parágrafo seguinte do ensaio. Pode também ser uma alusão à frase proverbial que se

costuma usar para contrastar o presente (presumivelmente) pior com um tempo passado, mas (também presumivelmente) melhor e, portanto, mais alegre, como no comentário de Olívia em *Noite de Reis* de que "nunca mais foi um mundo alegre desde que o humilde fingimento foi chamado de elogio", ou a observação do Palhaço em *Medida por medida* de que "nunca mais foi um mundo alegre desde que, dentre duas usuras, a mais alegre foi rebaixada, e à pior se permitiu por ordem da lei uma toga de pele para mantê-la aquecida"[37]. A frase inicial, um aforismo genérico, aplicou-se a qualquer situação, por exemplo, ao comentário do Duque de Suffolk sobre o Cardeal Wolsey de que "nunca houve alegria na Inglaterra desde que tivemos Cardeais aqui!", ou no mais oblíquo "era um mundo alegre (disse o papista) antes de a Bíblia ser publicada em inglês".

Rascunho híbrido

As páginas manuscritas desse rascunho foram aparentemente copiadas, em parte, de quatro páginas manuscritas de rascunho mais rudimentar, escritas a tinta sobre um texto a lápis agora ilegível. Nessas páginas mais rudimentares, os parágrafos estão numerados na margem de 1 até 7, mas não na sequência em que aparecem. A numeração é claramente um esquema de reorganização dos parágrafos, diferente e preferível, que aparece na cópia limpa escrita a mão.

“seu nome (Fronte Estrelada) na Terra-Fada”

A tradução literal de *Gilthir* não seria “Fronte Estrelada”, e sim “Face Estrelada”. O nome é uma palavra ou composto léxico que deriva das línguas inventadas por Tolkien. O proto-eldarin gilé glosado nas Etimologias (HME[38], v. 5, *The Lost Road* [A estrada perdida], p. 358) como “brilhar”, com a variante *gîl*, “estrela”. O sindarin *thir* é mais difícil de rastrear, mas aparece no nome *Caranthir*, “Face Escura”, o nome do quarto filho de Fëanor. A etimologia de *thir* é dada na revista linguística *Vinyar Tengwar*, n. 41, julho de 2000, p. 10, como segue: þîr, “face” (< *stīrē*). Uma derivação anterior, um pouco diferente, aparece nas Etimologias sob “THĒ- olhar ou parecer. N[39]*thîr* (*thērē) aspecto, face, expressão, semblante” (HME, v. 5, *The Lost Road*, p. 392).

“em casa era chamado de Alfred Filho do Ferreiro”

Chamado simplesmente de “o menino” nas páginas datilografadas, o ferreiro é com frequência referido como *Alfred* nas páginas manuscritas, enquanto o personagem que nos rascunhos posteriores se chama *Alf* é aqui chamado simplesmente de “o Aprendiz”. O nome mudou de referência à medida que a história evoluiu, como mostra um caso singular no texto datilografado. Na página três, pela única vez, o primeiro Cuca se despede de “Edwy”, com *Edwy* depois riscado e *Alf* escrito por cima. Parece claro que a decisão de associar o Aprendiz com a Terra-Fada pelo nome deve ter sido tomada, portanto, algum tempo depois que o rascunho estava todo redigido. O nome *Edwy* nunca mais aparece e obviamente só foi considerado por pouco tempo antes de ser substituído. Um Edwy (ou Eadwig; o nome significa “guerra alegre”) foi rei de Wessex de 955 a 959, mas, já que é improvável que Tolkien pretendesse fazer referência a Edwy de Wessex, ele pode ter desejado que o nome fosse uma variante de *Edwyn* ou

Edwin, do anglo-saxão *Eadwine*, "amigo do contentamento" ou "amigo da felicidade". Esse nome, juntamente com suas variantes *Edwin* e *Audoin*, consta de modo significativo nas duas histórias inacabadas de Tolkien sobre viagem no tempo, acerca da Queda de Númenor, *The Lost Road* e *The Notion Club Papers*.

Notas de Rodapé

[*] Uma libra esterlina equivalia a 120 pence; uma moeda de seis pence tinha cerca de 19 mm de diâmetro. [N. do T.]

[*] No original, *Smith Smithson*. [N. do T.]

[1] Aqui traduzido por Terra-Fada para manter a conexão semântica e etimológica com *fairy*, "fada". Cabe, para esclarecer o termo, uma nota do tradutor já incluída em *J. R. R. Tolkien: uma biografia*, de Humphrey Carpenter (São Paulo, Martins Fontes, 1992, p. 273):

> Não há uma palavra portuguesa que possa traduzir adequadamente a riqueza de significados do termo. *Fairy* (às vezes grafado como *faerie*, *faery*, *faërie*, *faëry*) significa fada, ente fantástico, terra encantada, lugar de beleza irreal, o conjunto dos espíritos da natureza. Usado como adjetivo, sugere beleza mágica, irreal. [N. do T.]

[2] "Fada" ou, por extensão, "Terra das Fadas". [N. do T.]

[3] De fato, Tolkien escreveu "guia", não "autor", visto que descrevia o autor da história como guia pela terra encantada. [N. do T.]

[4] Carpenter, Humphrey. *As cartas de J. R. R. Tolkien*. Curitiba, Ed. Arte e Letra, 2006, p. 207. [N. do T.]

[5] Não consta que exista versão lusitana na época desta tradução em português do Brasil. [N. do T.]

[6] P. 26 da edição brasileira (WMF Martins Fontes, 2013). [N. do T.]

[7] Esse salão tinha sido redecorado pelo Novo Cuca às próprias expensas. [N. do A.]

[8] No original aparecem os nomes dos ofícios que em inglês também servem de sobrenomes familiares: Smith, Cooper, Miller, Wright, Weaver, Webster, Stonewright (Mason). [N. do T.]

[9] No original, Draper, Spicer, Chandler. [N. do T.]

[10] O nome no original é *Noakes*, do antigo *atten oke*, "junto ao carvalho". [N. do T.]

[11] "Bem-vindo à Floresta", em inglês arcaico [N. do T.]

[12] No original aparecem, mais uma vez, nomes de profissões que em inglês servem de sobrenomes familiares: Sedgers, Pipers, Harpers, Crowthers, Fiddlers, Horners, Sangsters e, logo a seguir, Dyers. [N. do T.]

[13] "Dias do Trimestre", os primeiros de cada trimestre ou aqueles em que se efetuam os pagamentos trimestrais. [N. do T.]

[14] Conforme o original, o "que" (*who*) aparece repetido. [N. do T.]

[15] No original, Alfred Smiths*on*. [N. do T.]

[16] Do alemão *Festschrift*, "escrito comemorativo". [N. do T.]

[17] Tolkien, J. R. R. *Árvore e folha*. São Paulo, WMF Martins Fontes, 2013, p. 6.

[18] No original, *The Tolkien Collection in the Department of Western Manuscripts of the Bodleian Library*. [N. do T.]

[19] Movimento da Igreja Anglicana no início do século XIX. [N. do T.]

[20] Duende do folclore irlandês. [N. do T]

[21] Loving Cup, no original [N. do T.]

[22] Cerca de 28 cm. [N. do T.]

[23] Romance abandonado, publicado em Sauron Defeated [Sauron derrotado], vol. IX de *The History of Middle-earth* [A história da Terra-média]. [N. do T.]

[24] Em inglês, *horn* designa tanto o chifre de um animal como a trompa, instrumento musical. [N. do T.]

[25] Ou Fado. [N. do T.]

[26] "Conto de fadas". [N. do T.]

[27] "Nos tempos antigos do Rei Artur, / Dos quais os britânicos falam com grande honra, / Toda esta terra estava repleta de *Fayerye*." [N. do T.]

[28] No original, Nokes. [N. do T.]

[29] No original, "Old Noakes of *Bywater*". [N. do T.]

[30] No original: *Wootton and Walton and the Wood* [N. do T.]

[31] Uma edição diplomática procura reproduzir exatamente, pela tipografia, o que está grafado em um manuscrito. [N. do T.]

[32] No original, Se*dgers, Crowthe*rs. [N. do T.]

[33] Violeiros, nesta tradução. [N. do T.]

[34] Oxford English Dictionary, o dicionário de maior autoridade da língua inglesa. Tolkien colaborou para sua redação. [N. do T.]

[35] A Serviço de Sua Majestade. [N. do T.]

[36] "A Alegre Inglaterra." [N. do T.]

[37] Das peças de Shakespeare chamadas (no original), respectivamente, *Twelfth Night e Measure for Measure: "'Twas never merry world since lowly feigning was call'd compliment"* e *"'Twas never merry world since, of two usuries, the merriest was put down, and the worser allowed by order of law a furred gown to keep him warm*". [N. do T.]

[38] The History of Middle-earth. [N. do T.]

[39] Noldorin, língua élfica cuja variante foi mais tarde chamada sindarin. [N. do T.]

Esta obra foi publicada originalmente em inglês com o título
SMITH OF WOOTTON MAJOR, por HarperCollins Publisher Ltd., em 1967.

1.ª edição *2015*

Edição digital *2015*

Tradução
RONALD EDUARD KYRMSE
Acompanhamento editorial
Fernando Santos
Preparação de original
Márcia Menin
Revisões gráficas
Maria Luiza Favret
Solange Martins
Produção do arquivo ePub
Booknando Livros

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Tolkien, J. R. R., 1892-1973.

Ferreiro de Bosque Grande [livro eletrônico] / J. R. R. Tolkien ; editado por Verlyn Flieger ; tradução Ronald Eduard Kyrmse. – São Paulo : Editora WMF Martins Fontes, 2015.
18,1 Mb; ePUP